



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA
INFIDELIDADE CONJUGAL**

MICHELE MELO REGHELIN

Mestranda

São Leopoldo, 2011

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA
INFIDELIDADE CONJUGAL**

MICHELE MELO REGHELIN

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora:
Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, 2011

Ficha Catalográfica

R334c Reghelin, Michele Melo
Uma compreensão psicanalítica acerca da infidelidade conjugal / por
Michele Melo Reghelin. -- São Leopoldo, 2011.

99 f. : il. ; 30 cm.

Com: artigo “Compreensão psicanalítica dos processos psíquicos
associados à infidelidade conjugal”

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2011.
Orientação: Prof^aDr^a Silvia Pereira da Cruz Benetti, Ciências da Saúde.

1.Infidelidade – Psicanálise. 2.Sexo (Psicologia). 3.Psicanálise.
4.Relações objetais (Psicanálise). 5.Amor. I.Benetti, Silvia Pereira da Cruz.
II.Título.

CDU 176.6: 159.964.2
159.922.1
159.964.2
159.942

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

MICHELE MELO REGHELIN

**UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA
INFIDELIDADE CONJUGAL**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti

(Orientadora)

Profa. Dra. Blanca Susana Guevara Werlang (PUCRS)

(Componente)

Profa. Dra. Andrea Seixas Magalhães (PUCRJ)

(Componente)

Profa. Dra. Elisa Kern de Castro (UNISINOS)

(Relatora)

*Àqueles que,
mediante o desamparo e o sofrimento,
confiam suas vidas “a um certo alguém”,
como forma de reencontrarem a si
mesmos e trilharem novos caminhos.*

AGRADECIMENTOS

*“Agradeço meus limites.
Não me suportaria infinito.
Os limites são vantagens”.*
(Fabricio Carpinejar)

Chegado o fim desta construção, quero agradecer imensamente àqueles que contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação de Mestrado:

Ao Santander Universidades pela concessão da bolsa de estudos parcial, incentivando assim o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia – Mestrado em Psicologia Clínica da Unisinos, através de sua coordenadora, Profa. Dra. Vera Regina Röhne Ramires, pelo importante trabalho desenvolvido.

À Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti, minha querida orientadora, por suas importantes contribuições teóricas, por sua atenção e pela pessoa sensível que é.

À Dra. Blanca Susana Guevara Werlang, Dra. Andrea Seixas Magalhães e Dra. Elisa Kern de Castro, pela cooperação e interesse em participar desta banca.

À Vanessa Andrea Rodrigues, da Secretaria das Ciências da Saúde da UNISINOS, pelo tempo dedicado a todos os alunos do PPG.

Às participantes deste estudo que, ao compartilharem suas histórias, colaboraram para o desenvolvimento da Psicologia.

À Astrid Elisabeth Muller Ribeiro, renomada psicanalista, pelo carinho e pelos questionamentos oportunizados.

À José Ottoni Outeiral, meu supervisor, pelo incentivo ao ingresso no Mestrado e na produção científica, além da profunda colaboração para a condução desta pesquisa.

À Roaldo Naumann Machado, ilustre psicanalista e mestre, pelas sábias contribuições freudianas acerca do tema.

À Ana Cláudia Meira, pelo cuidado no trabalho de revisão desta pesquisa.

A todos os amigos que *“fazem da realidade sua fonte de aprendizagem, mas lutam para que a fantasia não desapareça”*.

Em especial, as psicólogas Cristina Adriana Kern, Clarissa Machado Pessota e Márcia Liane Zart, pelo apoio na elaboração desta pesquisa.

Por último, mas não menos importante, à minha doce família: minha mãe Elisabete, meu pai João Luiz e minha irmã Elisangela, por terem me ensinado a amar.

“Há sempre algo de ausente que me atormenta”.

(Camille Claudel)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SEÇÃO I UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA INFIDELIDADE CONJUGAL.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 A Psicanálise e as Vicissitudes do Amor.....	16
1.2 O Processo de Escolha Objetal – O Processo de Construção dos Vínculos Amorosos.....	20
1.3 Infidelidade sob o Enfoque Psicanalítico.....	22
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
SEÇÃO II COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DOS PROCESSOS PSÍQUICOS ASSOCIADOS À INFIDELIDADE CONJUGAL.....	30
1 INTRODUÇÃO.....	30
1.1 Escolha Objetal, Complexo de Édipo e Narcisismo.....	32
2 MÉTODO.....	35
2.1 Procedimentos.....	36
2.2 Análise dos Dados.....	37
3 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	38
3.1 Caso I: Lírio.....	38
3.2 Caso II: Azaléia.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	54
SEÇÃO III RELATÓRIO DE PESQUISA.....	57
1 INTRODUÇÃO.....	57
2 INFIDELIDADE CONJUGAL: DEFINIÇÃO, CONTEXTO E PESQUISAS	58
3 MÉTODO.....	68
3.1 Delineamento do Estudo.....	68
3.2 Participantes.....	70
3.3 Procedimentos de Pesquisa.....	71
3.4 Descrição da Ordem de Obtenção de Dados.....	71
3.5 Procedimentos Éticos.....	72
3.6 Procedimentos de Coleta dos Dados.....	72
3.7 Procedimentos de Análise dos Dados.....	73
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	74
4.1 Estudos de Caso.....	74
4.2 Discussão Parcial do Caso I – Lírio.....	74
4.3 Discussão Parcial do Caso II – Azaléia.....	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	89
PALAVRAS FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	99

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado buscou estudar o tema da infidelidade conjugal sob a perspectiva psicanalítica, através de um entendimento teórico dos processos psíquicos associados a relacionamentos amorosos nos quais ocorrem episódios de infidelidade. Com base no referencial psicanalítico contemporâneo, através das contribuições de Otto Kernberg (1995a; 1995b), Lucinda Mitchell (2000) e Lawrence Josephs (2006), buscou-se compreender a partir dos vínculos amorosos os conflitos daí derivados. Então, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa. A partir das sessões de psicoterapia breve e dos resultados do Teste das Relações Objetais (Phillipson, 2008), realizou-se uma compreensão dinâmica de dois casos clínicos. Os resultados obtidos permitiram compreender que o comportamento infiel crônico deriva de questões pré-edípicas referentes à tentativa de evitar o aprofundamento do vínculo amoroso associado à experiência de perda dos objetos parentais primitivos. Espera-se, com este trabalho, fornecer subsídios para o aprimoramento teórico conceitual das questões amorosas, bem como para o trabalho clínico em psicoterapias psicanalíticas.

Palavras-chave: infidelidade conjugal. Amor. Relações conjugais. Psicanálise. Teste das Relações Objetais.

ABSTRACT

This Master thesis explores the subject of couple infidelity using psychoanalysis. It provides an in-depth comprehension of the psychological mechanisms involved on a loving-unfaithful couple relationship. Based on the contemporary works of Otto Kernberg (1995a, 1995b), Lucinda Mitchell (2000) and Lawrence Josephs (2006), conflicts derived from loving relationships are studied. A qualitative methodology was used to formulate a psychodynamic comprehension of two case studies. Data was obtained through psychoanalytical short term psychotherapy and through the results from Object Relations Test (Phillipson, 2008). The study identified that long term infidelity has its origins in pre-oedipal issues related to the avoidance of deepening the romantic relationship and to the frightening experience of losing primitive parental objects. This article aims at improving the theoretical framework to study loving relationships, as well as the clinical practice of psychoanalytical psychotherapy.

Keywords: couple's infidelity. Love. Couple's relationship. Psychoanalysis. ObjectRelations Test.

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado, intitulada *Uma compreensão psicanalítica acerca da infidelidade conjugal*, está inserida no Grupo de Pesquisa “Avaliação e Intervenção em Psicologia Clínica” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Fundamentalmente, este trabalho de pesquisa dirige-se para o aprimoramento do conhecimento de questões relativas ao estabelecimento de relações amorosas, especificamente abordando a temática da infidelidade.

Na psicanálise, a escolha objetual e a capacidade de intimidade são processos psíquicos fundamentais para o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta. No entanto, algumas pessoas evitam essa intimidade profunda (Mitchell, 2000), alguns casais a perdem (Kernberg, 1995b) e, finalmente, outros temem ficar tão íntimos a ponto de se fusionarem com o parceiro e perderem a própria identidade (Costa, 2007). Assim, como resultado da falta de intimidade, o casal deixa suas fronteiras abertas (Kernberg, 1995b), situação que pode permitir a entrada de um terceiro. Instaure-se, então, a infidelidade.

Fundamentalmente, Freud (1910a/1996) abordou o tema da infidelidade adulta sob a perspectiva dos conflitos edípicos infantis e suas repercussões nas escolhas objetuais na vida amorosa posterior. Autores contemporâneos, porém, abordam a questão da infidelidade de forma muito mais complexa e associada também a elementos culturais, históricos e sociais. Assim, Moscona (2007), com base na psicanálise vincular, caracteriza o conceito de infidelidade apontando as singularidades que cada momento histórico recorreu na determinação dos arranjos amorosos. Dessa forma, vemos que a noção de infidelidade está ligada a diversas circunstâncias sociais e a diferentes configurações culturais, característica que aponta para a complexidade envolvida na definição deste conceito.

Em função desses aspectos, primeiramente, realizou-se, na presente dissertação, um estudo sobre o tema da infidelidade, identificando os diferentes estudos e pesquisas acerca do assunto, de forma a alcançar um entendimento mais abrangente do conceito. Nesta etapa, foi possível constatar que esse tópico envolve uma complexidade de situações e significados. Assim, mesmo que intenso, este momento representou um passo importante para o aprimoramento conceitual da questão, permitindo percorrer a trajetória dos trabalhos das diversas áreas até a psicologia, mais especificamente a psicanálise.

Foram encontradas pesquisas envolvendo questões relativas à saúde, tal como o impacto do comportamento infiel nas doenças sexualmente transmissíveis (Ahlburg, Jansen & Perez, 1997; Schensul, Mekki-Berraba, Nastaski, Singh & Bojko, 2006; Smith, 2007);

pesquisas nas Ciências Sociais (Bauman, 2004; Arent, 2009) e Antropologia (Goldenberg, 2006), áreas que destacam os aspectos culturais e contemporâneos dos arranjos conjugais; pesquisas sobre a violência conjugal devido ao ciúme (Vandello & Cohen, 2003) e até interesses nos aspectos da mídia, no Jornalismo (Druckerman, 2009) e na internet (Whitty & Quigley, 2008), esta última destacando os relacionamentos no mundo virtual.

Em relação à Psicologia, os estudos na área originam-se na Psicologia Evolucionária (Buss & Shackelford, 1997; Schmookler & Bursik, 2007; Lopes & Vasconcellos, 2008), que se volta para as diferenças de gênero nas relações amorosas, partindo do pressuposto de que o comportamento infiel é motivado pelas leis naturais, pelos fatores hereditários, pela genética do indivíduo e a sobrevivência da espécie; a Psicologia Sistêmica (Pittman, 1994; Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Whisman & Wagers, 2005; Whisman, Gordon & Chatav, 2007; Whisman & Sneyder, 2007), a qual tem se dedicado extensamente ao estudo do comportamento infiel, do impacto na vida familiar e do casal, e também ao desenvolvimento de intervenções na clínica da terapia de família; no Cognitivismo, através de estudos sobre o comportamento e os processos mentais (Hurlbert, 1992; Lewandowski & Ackerman, 2006); e na Teoria do Apego, que considera que as características do estilo de apego estabelecido na infância exercem papel fundamental na formação, na qualidade e na manutenção do vínculo do casal (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Allen & Baucom, 2004).

Finalmente, identificou-se a contribuição da Psicanálise, cujo eixo central foram as contribuições freudianas centradas principalmente nos aspectos edípicos do comportamento infiel (Freud, 1910a/1996). Além disso, ampliou-se a discussão, incluindo os trabalhos na perspectiva da psicanálise contemporânea (Josephs, 2006; Hunyady, Josephs, & Jost, 2008), da Teoria das Relações Objetivas (Kernberg, 1995a; 1995b) e do pensamento winnicottiano (Mitchell, 2000).

Assim, em termos dinâmicos, a compreensão do comportamento infiel é desenvolvida tanto através de aproximações fundadas nas vivências edípicas infantis como também nos aspectos pré-edípicos (Mitchell, 2000). Deste modo, cabe destacar que, em uma posição distinta das outras áreas de estudo do comportamento infiel, a perspectiva da psicanálise centra o entendimento nas questões intrapsíquicas e no respectivo impacto nos relacionamentos amorosos e suas vicissitudes.

Por tratar-se de um tema complexo e passível de uma análise aprofundada, não se pode restringir o exame da infidelidade aos aspectos morais do comportamento. Neste sentido, na clínica psicanalítica, a ênfase está na compreensão do comportamento infiel sob a perspectiva da história singular de um sujeito e de seu desenvolvimento psíquico. Assim, a

infidelidade é um fato da vida, o que não significa ser boa ou ruim, cabendo ao terapeuta ser o mais neutro possível e não fazer julgamentos, ajudando seu paciente na escolha do caminho no qual ele melhor se realizará (Linguist & Negy, 2005). Como destaca Kernberg (1995b), ao falar dos relacionamentos amorosos, “se a escolha de viver na superfície do próprio self proporciona um grau satisfatório de estabilidade e gratificação, não há nenhuma razão para que um terapeuta queira contestar por impulsos ideológicos ou perfeccionistas” (p. 181).

Levando em conta, portanto, esta noção de que os pressupostos psicanalíticos sustentam-se em uma compreensão de sujeito baseada nos aspectos intrapsíquicos de funcionamento, observa-se que a teoria psicanalítica pode contribuir com elementos importantes para o trabalho clínico das vicissitudes dos relacionamentos amorosos. Diante disso, o objetivo deste trabalho dirige-se para a compreensão mais profunda dos processos psíquicos associados às situações de infidelidade.

A questão metodológica surge neste momento como uma etapa crucial na construção da investigação. Foi construído um estudo psicanalítico, baseado em uma análise aprofundada dos aspectos clínicos e utilizando-se da técnica psicanalítica. No percurso de leituras sobre a escolha metodológica, identificaram-se posicionamentos complementares sobre pesquisa em psicanálise, os quais – apesar de algumas conceituações diferentes – têm em comum elementos fundamentais do processo psicanalítico, a saber, o inconsciente, a associação livre e a transferência. Nesses aspectos, foi sustentada a investigação.

Assim, esta pesquisa baseou-se no estudo de dois casos clínicos atendidos na modalidade de psicoterapia breve de orientação psicanalítica, além da utilização de uma técnica projetiva, o Teste das Relações Objetivas (TRO) de Herbert Phillipson (2008). Portanto, a coleta de dados permitiu o entendimento e a análise do material clínico das pacientes atendidas.

A Seção I desta dissertação apresenta o artigo teórico, que consiste na compreensão psicanalítica acerca do tema da infidelidade, no qual são trabalhados os conceitos dos autores Otto Kernberg, Lawrence Josephs e Lucinda Mitchell. Por sua vez, a Seção II comporta o artigo empírico, o qual proporciona a compreensão psicanalítica de dois estudos de caso, analisados a partir do método da psicoterapia breve de orientação psicanalítica, aliada à utilização do TRO (Phillipson, 2008). O artigo empírico buscou responder os eixos de análise propostos: os vínculos construídos, as angústias, identificando as características das relações afetivas derivadas das representações objetivas internalizadas, bem como as ansiedades e conflitos relativos às vivências edípicas. Deste modo, foi possível analisar os processos psíquicos associados às situações de infidelidade, realizando a discussão clínica dos casos

conjuntamente. Na Seção III, consta o relatório de pesquisa que consiste na explicitação detalhada do desenvolvimento da investigação. Também, é apresentada a trajetória teórica pelos estudos e pelas pesquisas desenvolvidos no contexto mundial acerca do assunto e que *prepararam o terreno* para a elaboração das seções da Dissertação. Por fim, como Apêndice, está o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi utilizado nesta pesquisa.

SEÇÃO I – ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DA INFIDELIDADE CONJUGAL

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o tema da infidelidade conjugal sob a perspectiva psicanalítica através de uma revisão teórica sobre a psicanálise e as vicissitudes do amor, o processo de escolha objetal/processo de construção dos vínculos amorosos e a infidelidade no contexto psicanalítico. Para tanto, foi abordada a contribuição freudiana para a psicologia do amor, bem como os trabalhos de Otto Kernberg (1995a; 1995b), Lucinda Mitchell (2000) e Lawrence Josephs (2006) sobre a infidelidade. Através do material investigado, observou-se que o comportamento infiel crônico deriva de questões pré-edípicas referentes à tentativa de evitar o aprofundamento do vínculo amoroso associado à experiência de perda dos objetos parentais primitivos.

Palavras-chave: infidelidade. Amor. Escolha objetal. Psicanálise.

ABSTRACT

This article examines the subject of couple infidelity using psychoanalytical theory. This is done through a literature review on psychoanalysis and the vicissitudes of love, the mechanisms of object choice/construction of loving relationships, and infidelity in the psychoanalytical context. Freudian contribution regarding the psychology of love, as well as the works of Otto Kernberg (1995a, 1995b), Lucinda Mitchell (2000) and Lawrence Josephs (2006) on the subject, are explored in the paper.

Keywords: infidelity. Love. Object choice. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Apesar do interesse da psicanálise sobre as questões da sexualidade, correntemente este tema tem sido relegado ao segundo plano nos estudos e nas pesquisas da área. Assim, vários psicanalistas contemporâneos (Fonagy, 1999; Josephs, 2006) apontam o declínio de investigações sobre as questões da sexualidade, entendida aqui tanto sob o prisma do desenvolvimento psicosexual infantil e do impacto das transformações pulsionais ao longo do desenvolvimento, quanto de aspectos psicopatológicos da sexualidade adulta e do campo

das relações amorosas e suas vicissitudes. Nessa direção, Josephs (2006) destaca, principalmente, os aspectos do interjogo da sedução e traição amorosa, dos conflitos presentes na vida amorosa adulta e associados à importante demanda por atendimento na clínica psicanalítica. É justamente na esfera dos conflitos associados à infidelidade, sob a ótica psicanalítica, que este artigo se organiza.

Colaiacovo, Foks, Prátula e Cababié (2007) consideram que a fidelidade consiste em um acordo entre o casal, no qual há pactos implícitos e explícitos de exclusividade sexual ou não. Está relacionado ao projeto de manter o relacionamento, sendo sustentado pelo amor, ternura, respeito e atração erótica. A infidelidade, portanto, é o seu contrário. Assim, conforme Mitchell (2000), não é a situação de infidelidade em si que define o espaço conjugal, já que é simplesmente um sintoma do arranjo inconsciente entre o casal. Nesse sentido, situações de infidelidade crônica se constituem como comportamento repetitivo e sistemático ligados aos aspectos inconscientes do sujeito.

Em termos clínicos, tais compreensões colocam o terapeuta em uma posição de entendimento da infidelidade não necessariamente como uma patologia, devendo distinguir os diversos fatores envolvidos na dinâmica da infidelidade. Desde Freud, os psicanalistas vêm buscando não terem uma visão moralística e adotam uma postura mais neutra e científica, promovendo, portanto, um *setting* mais imparcial (Josephs & Shimberg, 2010).

Ainda, por tratar-se de um tema complexo, a compreensão da infidelidade não pode restringir-se às regras sociais e aos aspectos morais. Ao falar dos relacionamentos amorosos patológicos, Kernberg (1995b) já destacava que “...se a escolha de viver na superfície do próprio self proporciona um grau satisfatório de estabilidade e gratificação, não há nenhuma razão para que um terapeuta queira contestar por impulsos ideológicos ou perfeccionistas” (p. 181). Nesse sentido, a infidelidade é um fato da vida, ou seja, não significa ser boa ou ruim (Linguist & Negy, 2005).

Ao tratar sobre o tema da infidelidade adulta, Freud (1910a/1996) destaca primordialmente a natureza edípica dos conflitos e das escolhas objetais implicados nos relacionamentos amorosos. Autores contemporâneos (Josephs, 2006; Hunyady, Josephs, & Jost, 2008), entretanto, são responsáveis por abordar a questão da infidelidade de forma mais complexa, associando-a também a elementos culturais, históricos e sociais. Com base na psicanálise vincular, Moscona (2007) descreve o conceito de infidelidade, apontando as características singulares a que cada momento histórico recorre na determinação dos arranjos das relações amorosas. Cada época e cada sociedade demarcam suas fronteiras para ordenar a sexualidade no casamento, também abrindo possibilidades para o simbólico se instaurar,

devido às renúncias que o mal estar na cultura impõe. Dessa forma, a ideia de infidelidade está ligada a diversas circunstâncias sociais e diferentes configurações culturais.

Todavia, mesmo que pautas culturais e morais determinem vários aspectos do comportamento humano além das formas de estabelecimento das práticas e dos papéis familiares, matrimoniais, o *pulsional* nunca é totalmente dominado pelo social (Moscona, 2007). Ainda hoje, sob diferentes enfoques, as vicissitudes das traições e infidelidades são um motivo frequente de atendimento psicoterápico, seja pelo parceiro que é traído, seja pelo parceiro que trai. Verifica-se, portanto, que tanto questões culturais como intrapsíquicas influenciam as relações amorosas na vida adulta.

Dessa maneira, o tema da infidelidade ainda está presente sob a perspectiva da teoria das relações objetais (Kernberg, 1995a, 1995b), da psicanálise contemporânea (Josephs, 2006; Hunyady, Josephs, & Jost, 2008), da psicanálise dos vínculos (Moscona, 2007), dentre outras escolas psicanalíticas. A compreensão do comportamento infiel é desenvolvida tanto através de aproximações fundadas nas vivências edípicas infantis como também através do destaque dos aspectos pré-edípicos. Assim, autores como Freud (1910a/1996), Kernberg (1995b), Costa (2006) e Josephs (2006), para além da perspectiva vincular, direcionam o entendimento da infidelidade para o complexo de Édipo. Por sua vez, Mitchell (2000) compreende a infidelidade crônica associando-a com questões pré-edípicas, vividas nas primeiras relações mãe-bebê.

Com base nesses aspectos, este artigo tem como objetivo discutir algumas contribuições psicanalíticas sobre o tema. Assim, primeiramente, serão revisadas as contribuições psicanalíticas para a psicologia do amor, bem como de suas vicissitudes, explorando o processo e a forma da escolha objetal ao longo do desenvolvimento para, posteriormente, ser abordada a questão da infidelidade conjugal.

1.1 A PSICANÁLISE E AS VICISSITUDES DO AMOR

Aproximações teóricas centradas nos aspectos intrapsíquicos também oferecem contribuições para o estudo dos relacionamentos amorosos. Logo, a psicanálise tem abordado as questões do amor e suas vicissitudes (Lejarraga, 2002), fundando-se nos conceitos relativos à estruturação psíquica do sujeito, principalmente no processo associado à escolha objetal e à capacidade de estabelecer relações de intimidade na vida adulta.

Na verdade, as questões do amor e da sexualidade foram tópicos constantes na obra freudiana, que foi escrita, inicialmente, sob a luz do romantismo. Em duas revisões da

contribuição da obra de Freud sobre o amor (Altman, 1977; Lejarraga, 2002), é descrita a evolução do pensamento deste autor, identificando que o interesse pela compreensão dos processos relativos aos sentimentos amorosos esteve presente ao longo de todos os seus escritos. Altman (1977), por exemplo, refere que o amor foi mencionado por Freud desde as cartas dirigidas à Fliess (1887-1904), até as publicações freudianas finais.

Desta maneira, conforme Lejarraga (2002), a noção ampla do amor está presente em Freud, nos conceitos sobre o narcisismo, a sexualidade infantil e a transferência, por exemplo. Ainda que, para Freud (1910a/1996), a ciência tivesse que fazer o contraponto das artes e da literatura e buscar compreender o amor humano sob o enfoque realista, a psicanálise abordou o amor de forma ampla (Freud, 1921/1996) e pouco teorizou sobre a diferença entre o amor e o apaixonamento. Assim, a metapsicologia do amor é construída por Freud sem distinguir as dimensões do fenômeno amoroso, sem estabelecer nitidamente a diferença entre a aspiração sexual do sentimento amoroso (Lejarraga, 2002).

Na análise cronológica dos escritos freudianos sobre o amor, Lejarraga (2002) identifica que a primeira vez que Freud menciona o amor é em 1890. Nesta ocasião, ele sugere que o amor, tanto nas relações entre pais e filhos, como nas relações amorosas, possui as características de credulidade e obediência, comuns na relação hipnotizador-hipnotizado. Posteriormente, no *Rascunho E.*¹, Freud (1894/1996) cita o amor, ao descrever que os melancólicos são anestesiados sexualmente e anseiam por uma tensão psíquica de amor. Da mesma forma, ao estudar a histeria, Freud (1905a/1996) traduz a vida amorosa por moções sexuais, referindo que um dos traços da neurose consiste na incapacidade para cumprir uma demanda real do amor. Salvo essas referências iniciais, até 1905, o amor equivale à sexualidade. Assim, as referências de amor que perpassam os sonhos e os relatos clínicos são compreendidas como uma manifestação imediata da vida sexual orgânica (Lejarraga, 2002).

Em seguida, na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905b/1996) refere-se ao amor sem fazer distinção entre o objeto amoroso e o objeto sexual. Nessa época, é introduzida por ele a ideia de a escolha objetual ser bi-temporal (ocorrer na fase edípica e no final da latência) e da existência da corrente sensual e da ternura, vindo a desenvolver mais profundamente estes conceitos durante os anos de 1910 a 1918, quando redige *As Contribuições à Psicologia do Amor*.

Ao escrever *Psicanálise Silvestre*, Freud (1910b/1996) explica que sexualidade equivale à palavra alemã “*lieben*” – que significa amar. Assim, o autor menciona que a vida

¹ Este trabalho também é conhecido como *Manuscrito E*.

sexual do indivíduo consiste em sua junção com os sentimentos ternos, cuja fonte são os impulsos primitivos. Ele propõe que falemos em *psicosexualidade* para enfatizar a importância do fator mental na vida sexual.

Ao falar sobre a escolha amorosa na vida adulta, Freud (1912/1996), em *As Contribuições à Psicologia do Amor II*, postula que a origem deste afeto se estabelece nos primeiros anos de vida na relação materna, constituindo a corrente afetiva, base do interesse dos instintos de conservação. Este movimento é dirigido aos cuidadores e corresponde à escolha de objeto primário da criança, ligado aos instintos sexuais (que compõem os instintos eróticos). Todavia, para o amor normal adulto, é necessário agregar a este afeto a corrente do amor sensual. Destaca, portanto, que, ao longo do desenvolvimento, na puberdade, o erotismo une-se à corrente sensual e, com a superação do desejo incestuoso, abre-se o caminho para a vida sexual com o objeto escolhido baseado no modelo dos objetos infantis. Por conseguinte, a escolha objetal é compreendida como derivando dos sentimentos de ternura da fixação infantil pela mãe e representam as consequências desta ligação afetiva (Freud, 1910a/1996). A este respeito, em 1915, Freud (1905b/1996) acrescenta, na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, especificamente no texto denominado “As repercussões da escolha objetal infantil”, a seguinte nota de rodapé: “as inúmeras peculiaridades da vida amorosa dos seres humanos, bem como o caráter compulsivo do próprio enamoramento, só se tornam inteligíveis numa referência retrospectiva à infância e como efeitos residuais dela” (p. 216).

É no texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* que Freud (1914/1996) descreve o amor ao outro, ampliando a compreensão do amor objetal, colocando que, para não adoecer, o indivíduo necessita ultrapassar a posição narcisista e ligar a libido a objetos. Neste momento, Freud traça uma distinção entre o auto-erotismo e o amor objetal, entre a libido do ego e a libido objetal. No caso do auto-erotismo, as primeiras satisfações sexuais encontram-se ligadas às funções vitais, com a finalidade de autopreservação, através da satisfação dos instintos do ego. Posteriormente, independizam-se, procurando um objeto para se ligar. Conforme Freud, uma pessoa pode amar de acordo com o tipo narcisista ou anaclítico (de ligação). No primeiro caso, a pessoa ama de acordo com o que *ela é*, o que *ela foi*, o que *ela gostaria de ser* ou ainda alguém que foi uma vez *parte dela mesma*. Já no segundo caso, o sujeito pode amar de acordo com o modelo da mulher que o alimentou, do homem que o protegeu, ou ainda dos substitutos que tomaram esse lugar.

Cabe mencionar que libido, no contexto freudiano, é uma expressão retirada da teoria das emoções e representa a energia como magnitude quantitativa – ainda que não mensurável – daqueles instintos relacionados ao que pode ser abarcado pela palavra amor. Este amor é

sensual, e seu destino é a união sexual. Caso ele tenha sua finalidade inibida, o amor permanece no inconsciente do homem e, através da sublimação, se dirige a outros fins sociais, como, por exemplo, as amizades (Freud, 1921/1996). Portanto, cada indivíduo constrói uma maneira de conduzir sua vida erótica, a partir de seus fatores inatos e das influências sofridas nos primeiros anos de vida (Freud, 1912/1996). Apenas uma parte dos impulsos – que determina a vida erótica – esteve presente em todo o processo de desenvolvimento psíquico, e esta parte está direcionada ao consciente. A outra parte da libido foi retirada no curso do desenvolvimento, ficando afastada da realidade consciente (exceto na fantasia) ou permaneceu inconsciente. Assim, a necessidade de amar acaba não sendo satisfeita inteiramente pela realidade. Como consequência, o indivíduo aproxima-se de cada nova pessoa buscando novas formas de investimento.

Os textos freudianos posteriores centram-se na noção de que o sujeito tenta se relacionar emocionalmente com os objetos do mundo externo com o intuito de obter felicidade, de amar e ser amado, tornando o amor o centro de tudo (Freud, 1930/1996). O indivíduo, então, torna-se dependente de uma parte do mundo externo através do objeto amoroso escolhido, expondo-se ao sofrimento, caso o outro morra, o rejeite ou lhe seja infiel. Esse é o ônus a ser pago quando se faz uma ligação amorosa com alguém. Afinal, “nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (Freud, 1930/1996, p. 90).

Considerando os conceitos discutidos acima, pode-se verificar que, para a psicanálise freudiana, a escolha conjugal e o relacionamento amoroso são entendidos como resultando de um processo maturacional do desenvolvimento emocional. Nessa linha, Monteiro e Cardoso (2008) referem que uma das grandes conquistas da vida adulta consiste em amar com intimidade, resultando do senso de integridade e do senso de individualidade. O sentido de identidade é o que diferencia a etapa adulta da adolescência, sendo, portanto, a capacidade de intimidade compreendida como uma aproximação, sem fusão e sem confusão psíquica, com o objeto, relacionada tanto à confiança adquirida como à capacidade de confiar. Porém, para chegar até o amor maduro, é preciso trilhar um caminho que se estende desde a ternura da infância e seus conflitos edípicos, passando pelas desvalorizações amorosas da latência, pelas paixões e erotização da adolescência até chegar à intimidade do amor adulto. Assim, é preciso inicialmente internalizar os objetos parentais construindo seu modelo identificatório para, posteriormente, fazer a sua própria escolha objetual.

1.2 O PROCESSO DE ESCOLHA OBJETAL – O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS VÍNCULOS AMOROSOS

Em torno dos cinco anos de idade, a criança descobre o seu primeiro objeto de amor em um dos pais, e os seus instintos sexuais se reúnem nesse objeto (Freud, 1921/1996). Posteriormente, a repressão se estabelece, inibindo os instintos sexuais e tornando-os inconscientes. Há a renúncia dos objetos sexuais infantis, o que acarreta modificações na relação com os pais e torna afetuosas as emoções que se estabelecem.

Ao ingressar na fase da latência, verifica-se a consolidação das relações amistosas com os pais, bem como a repressão dos anseios sexuais dirigidas ao objeto edípico e da competição agressiva com o rival edípico (Kernberg, 1995b). A curiosidade sexual caminha juntamente com a gradativa desvalorização da sexualidade genital, não permitindo a existência de ambivalências e, assim, reduzindo tudo a dissociações: bom e mau, sexualidade e ternura. É na puberdade que o adolescente se defrontará com as suas mudanças físicas e, conseqüentemente, se afastará dos objetos internalizados para ir à busca de sua própria escolha amorosa.

Segundo Halperin (2004), a primitiva paixão da adolescência é essencial para a independização, sendo transformacional. Já não servem mais, para o jovem, o ambiente familiar, que anteriormente lhe dava ternura e continha suas angústias. Ele, então, necessita buscar outras estruturas e objetos para satisfazer seus desejos. O jovem precisa viver uma paixão para que possa se desligar da mãe (de seus desejos libidinosos por ela) e direcioná-los a outro objeto amoroso. Para isso, ele desinveste o objeto anterior e investe em um novo, que vai sendo criado a partir de uma ilusão amorosa, tolerando as decepções impostas pela realidade.

Ao mesmo tempo, o adolescente teme perder o amor dos pais e a segurança que sua família oferece. Ao se relacionar exogamicamente, ele teme ser abandonado ou excluído da família, necessitando de confiança que lhe garanta que não perderá os objetos de amor infantis. Para Halperin (2004), paixão significa reviver a plenitude do ego ideal quando ele fantasia a restauração do narcisismo primário. O jovem fica com a ideia de que irá encontrar a sua completude no outro amado, e é neste momento das primeiras decepções que o amor pode instaurar-se, pois ele revive a decepção infantil de que não é o único objeto de desejo da mãe. A partir daí, o *outro* ganha vida, independência e existência.

A revivência dos conflitos edípicos e a luta para reprimir os anseios sexuais dele oriundos, inconscientemente estimulam o adolescente a se separar dos objetos parentais e

estabelecer um grupo com o qual possa ter uma vida social. Nessa fase da vida, há uma busca por novos valores, ideias e normas e uma “rebelião” contra os valores parentais (Kernberg, 1995b). Primeiramente, adere-se aos costumes do grupo como uma extensão da moralidade da latência. Nesse contexto, sexo e ternura ficam dissociados, a sexualidade fica desvalorizada, enquanto a capacidade para amar cresce ocultamente. Na segunda metade da adolescência, desenvolve-se a capacidade para a intimidade sexual e, para isso, o casal precisa se opor aos valores e costumes sexuais do grupo onde cresceu. A capacidade de se apaixonar é uma das sustentações do relacionamento conjugal, sendo para isso necessário estabelecer a união entre a idealização e o desejo erótico. Para Kernberg (1995b), a idealização é uma extensão do amor romântico da adolescência ao amor maduro da vida adulta. Assim, para chegar ao amor maduro, é preciso passar, inicialmente, pelas excitações sexuais da puberdade, na qual o próprio corpo é o centro das estimulações e satisfações pulsionais.

Para a Psicanálise, a excitação sexual tem origem nas primeiras experiências prazerosas dos primeiros relacionamentos do bebê com o seu cuidador, culminando nas sensações genitais da adolescência. A excitação sexual é um afeto presente desde a estimulação da pele, do contato físico, concentrando-se em zonas específicas durante a fase pré-edípica e edípica. Ele não se limita à estimulação de uma única zona erógena, mas de todo o corpo, porque envolve todo o campo da experiência psíquica (Kernberg, 1995b).

Na fase da excitação sexual, há um anseio de fusão simbiótica com o objeto parental e suas primitivas formas de identificação. É preciso, então, desligar-se dos objetos parentais edípicos, buscando consolidar as diferenças entre o *self* e o objeto, quando o objeto é percebido como um ser diferenciado do *self*, total, que integra aspectos bons e maus, construindo uma identidade. Gradualmente, evolui-se da excitação sexual para o desejo erótico, no qual há um desejo por relacionar-se sexualmente com um objeto, compondo assim o amor sexual maduro (Kernberg, 1995b). Portanto, o amor sexual maduro amplia-se do desejo erótico para o relacionamento com uma pessoa específica, na qual a ativação dos relacionamentos inconscientes do passado – juntamente com os aspectos conscientes da vida futura como casal – combinam-se com a ascensão de um ideal de ego em conjunto.

Pode-se dizer, então, que o amor sexual maduro caracteriza-se pela proibição do desejo erótico pelo objeto edípico, fazendo com que se desligue dos objetos parentais rumo à escolha objetal. Primeiro, idealiza-se o corpo do objeto amado para, posteriormente, idealizá-lo de uma forma mais madura, quando o outro passa a ser um ser total, com aspectos agressivos, mas em sua maior parte amorosos, admirado por seus aspectos estéticos, mas também por seus valores éticos e culturais. Dessa idealização, da identificação com o outro,

além de uma identificação genital recíproca e uma profunda empatia com o gênero do outro, estabelece-se um comprometimento com o relacionamento e com o parceiro. Consequentemente, o casal constitui fronteiras através de um superego, que serve para proteger a relação das intempestividades da vida e do meio social que os circunda (Kernberg, 1995b).

Assim, apaixonar-se implica a reconfirmação das boas relações com os objetos internalizados do passado, deixando para trás os objetos reais da infância. É um processo de luto relacionado ao crescimento e à independização, pois o indivíduo torna-se capaz de receber e dar (Kernberg, 1995b). A partir disso, é possível constituir um relacionamento amoroso estável, baseado na capacidade de identificação, resultando em ternura, preocupação e empatia com o objeto de amor. É preciso ter conseguido desligar-se dos objetos parentais primários para conseguir vincular-se na vida adulta (Costa, 2007).

Observa-se, desta forma, que os diferentes autores conceituaram o estabelecimento das relações amorosas na vida adulta a partir de diversos conceitos da Psicanálise relativos à estruturação psíquica do sujeito. Entretanto, o estabelecimento dessas relações não se dá de forma linear e, ao contrário, a patologia das relações amorosas inclui diversas situações que interferem no estabelecimento do vínculo amoroso.

1.3 INFIDELIDADE SOB O ENFOQUE PSICANALÍTICO

Dentre as dificuldades ou vicissitudes no estabelecimento de relações amorosas na vida adulta, a infidelidade constitui-se como uma das situações mais frequentes ligadas a conflitos importantes na esfera individual e conjugal. Assim, uma das características principais do amor é a possibilidade de o casal construir intimidade. No entanto, algumas pessoas evitam essa intimidade profunda (Mitchell, 2000), alguns casais a perdem (Kernberg, 1995b) e outros temem ficar tão íntimos a ponto de se fusionarem com o parceiro e perderem a própria identidade (Costa, 2007). Como resultado da falta de intimidade, o casal deixa suas fronteiras abertas (Kernberg, 1995b), permitindo a entrada de um terceiro. Instaura-se, então, a infidelidade.

Como já mencionado, nos estudos iniciais de Freud (1910a/1996) em relação ao tema da infidelidade, o padrão relacional infiel foi associado às questões edípicas, interpretando o ato infiel como derivado do ciúme infantil frente ao amor parental. Freud explicou a infidelidade como uma parte inerente ao conflito edípico.

Em função das vivências edípicas de rivalidade com o genitor e a constatação de que o pai ou a mãe *traem* a criança, no sentido de que existe uma relação da qual ela não compartilha, Josephs (2006) refere que tanto as fantasias de vingança como os mecanismos de defesa intensificam-se para poder manejar o trauma. Esta organização de defesas, no caso do menino, envolve a dissociação do pai (desejado) em fiel e infiel, um deslocamento de hostilidade e uma identificação com esse pai, resultando no impulso de infidelidade. No caso da menina, Freud (1996), em 1919, no texto *Uma Criança é Espancada*, postula que a infidelidade é experimentada quando do nascimento de um irmão/irmã. A entrada de uma nova criança tira a afeição que seus pais lhe dão, além de evidenciar que houve uma relação sexual entre os pais, da qual ela foi excluída. Isso lhe causa uma imensa ferida narcísica, cujas fantasias de vingança são transformadas em fantasias masoquistas de ser espancada, devido à culpa que sente por desejar agredir os pais.

Tal identificação pode ser justificada pelas experiências vividas durante o desenvolvimento da criança, já que a maneira como ela irá se identificar com um dos papéis vivenciados durante a fase edípica se refletirá na forma como cada um lidará com a infidelidade sexual nos relacionamentos. Quando a raiva, a dor, a humilhação são tão intensas e estão associadas ao fato de ser vítima da traição, a criança não consegue ficar no lugar de “perdedora” no conflito edípico (Hunyady, Josephs & Jost, 2008). Ao contrário, a criança ferida por aqueles que a seduziram e a traíram, ou vivências associadas à percepção do pai como desejado, porém infiel, ou, finalmente, a percepção do genitor como um rival bem sucedido que mantém exclusiva posse de seu companheiro(a) são resoluções edípicas que determinarão, na vida adulta, dificuldades no estabelecimento de relações amorosas (Freud, 1923/1996).

Assim, a criança, quando adulta, identificada com o objeto parental, passa a agir vingando-se da antiga posição infantil, infligindo dor ao outro, sendo sexualmente infiel (Josephs, 2006). A posição de resolução normal do conflito edípico ocorre quando a criança identifica-se principalmente com o bem sucedido pai/mãe rival. Dessa maneira, ela espera crescer e ter uma relação monogâmica satisfatória com alguém que sirva como um substituto simbólico do pai desejado.

Logo, é preciso abandonar os objetos edípicos para poder realizar uma escolha objetual na adolescência. Para isso, a menina renuncia ao amor pela mãe, indo à busca de um objeto masculino. Por já ter renunciado a seu primeiro objeto na infância, a mulher torna-se mais capaz de se comprometer com um homem que estabeleça um relacionamento genital e paternal, sem medo (Altman, 1977). Para o menino, no entanto, essa escolha é mais difícil,

examina Altman (1977). Afinal, ele precisa permanecer com o primeiro objeto amado (a mãe), ao passo que a menina troca de objeto. Como consequência, o homem busca, durante a sua vida, a mãe ideal, ficando mais propenso a ter seus medos e conflitos pré-genitais e genitais reativados nos relacionamentos adultos, o que talvez o faça evitar um relacionamento mais profundo.

Esta posição essencialmente fundada na conflitiva edípica é questionada por Mitchell (2000). Para a autora, apesar de a infidelidade estar ligada às relações pai/mãe-filho(a), a infidelidade crônica relaciona-se com as primeiras relações mãe-bebê. Portanto, as relações pré-edípicas são tão importantes quanto as edípicas. Por conseguinte, nas situações de infidelidade crônica, os indivíduos indicam que não internalizaram um objeto materno suficientemente bom, mas internalizaram um objeto ausente ou indisponível, um objeto perdido. Assim, terminam por se apaixonar por objetos que, de alguma forma, são inacessíveis e que nunca poderão ter. A partir disso, Mitchell (2000) entende que a infidelidade é um sintoma, situação na qual cada cônjuge evita a intimidade, pois, ao se vincular profundamente, ela se protege de novamente viver a experiência assustadora de perda do objeto parental.

Costa (2007) acrescenta que a infidelidade pode ser uma forma encontrada para evitar o estabelecimento de um vínculo fusional com o parceiro e, conseqüentemente, de evitar correr o risco de acabar preso definitivamente neste relacionamento, além do temor de ser traído e abandonado. Entretanto, afirma o autor, a fidelidade também pode ocultar a dificuldade de romper uma relação simbiótica, encobrir a incapacidade de auto-realização e o medo de ficar sozinho. Além disso, a fidelidade é uma utopia por pressupor a ausência de memória e de fantasia. Por outro lado, pode ser uma conquista do amor maduro, já que se baseia na reciprocidade afetiva e sexual de duas pessoas criativas, independentes e capazes de trocar investimentos.

Também as triangulações podem destruir um casal ou reforçar sua intimidade e estabilidade. A primeira situação ocorre quando um dos cônjuges se apaixona por um terceiro, terminando o casamento e dando lugar a uma nova formação de casal. Já a segunda situação pode permitir a estabilidade de conflitos edípicos não resolvidos. Nesse caso, como geralmente as relações extraconjugais envolvem formações de compromisso que abarcam conflitos edípicos não resolvidos, a situação de infidelidade faz com que as representações de objeto se sobreponham ao objeto amado. Deste modo, a agressão existente nesses conflitos não consegue ser expressa, e o casal acaba por não ter um relacionamento profundo e íntimo. Quanto mais patológicas e agressivas forem as relações objetais internalizadas, mais

primitivos os mecanismos de defesa, o que certamente se refletirá no relacionamento amoroso. Caso haja integração e maturação do superego, torna-se possível transformar as proibições primitivas e a culpa, em consideração pelo objeto e pelo *self*, protegendo o relacionamento e estimulando o amor (Kernberg, 1995b).

Conforme Kernberg (1995b), existem dois tipos de triangulação que podem ocorrer em um relacionamento: a triangulação direta e a triangulação inversa. A *triangulação direta* trata-se da fantasia inconsciente de ambos os parceiros terem um terceiro idealizado, do gênero do sujeito (o rival edípico). Todas as pessoas sentem-se ameaçadas inconsciente ou conscientemente por esse terceiro porque ele pode ser mais satisfatório. Isso gera insegurança emocional quanto às questões sexuais e também ciúme. Funciona, por fim, como um alerta com o intuito de proteger a integridade do casal. A *triangulação inversa* trata-se da fantasia vingativa de envolvimento com outra pessoa idealizada, de gênero oposto ao seu, que representa o objeto edípico desejado. Nessa situação, o sujeito é cortejado por dois membros do outro gênero, e por isso, ele não precisa competir com o rival edípico idealizado.

Todavia, o fato de um casal conseguir proteger-se da entrada de terceiros na relação significa a reconfirmação da fantasia do terceiro excluído e, portanto, do triunfo edípico, o que é normal, refere Kernberg (1995b). Assim, para se proteger das ameaças externas, como a entrada de um terceiro no relacionamento, um casal necessita manter fronteiras que o protejam. Tais fronteiras constituem-se a partir dos valores dos parceiros, que foram elaborados, delineados e modificados pelo casal, ao longo do tempo. Ao contrário, quando o casal posiciona-se de forma aberta, há uma perda da intimidade, característica predominante nos conflitos pré-genitais. Logo, para um casal, a construção de um superego proporciona – além da proteção mútua – responsabilidade e preocupação (Kernberg, 1995b).

Ainda assim, há outras formas de explicar a existência de casos extraconjugais. Alguns casais podem sentir culpa inconsciente pela realização de seu casamento e, conseqüentemente, da gratificação que lhe proporciona o que seria um dos efeitos da patologia do superego de um ou de ambos os parceiros. Também, algumas pessoas encontram satisfação inconsciente em trair o parceiro, o que poderia ser explicado pelos mecanismos dissociativos que agem como uma defesa contra as características sádicas do superego do casal (Kernberg, 1995b).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na clínica psicanalítica, a escolha objetal e a capacidade de intimidade são processos psíquicos fundamentais para o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta. Em face

disso, os vínculos construídos pelo sujeito, bem como os conflitos daí originados revelam vários aspectos da personalidade deste. Atualmente, apesar das transformações sociais, da maior liberdade sexual e das mudanças das relações amorosas, observa-se que a questão da infidelidade conjugal ainda causa mal estar e ameaça a estabilidade dos relacionamentos. É, portanto, um tópico desafiador por manter-se como um tema que suscita debates, devido a sua complexidade.

Assim, a compreensão dos elementos psicológicos dos sujeitos envolvidos nos relacionamentos infiéis é fundamental para o trabalho na psicoterapia clínica. A psicanálise destaca desde elementos da vivência pré-edípica ou narcísica até as questões ligadas ao relacionamento infantil com a dupla parental e a vivência edípica. Logo, faz-se necessário percorrer os constructos teóricos acerca da sexualidade, da escolha objetal, da capacidade de amar e do estabelecimento da intimidade, além de questões relativas às concepções sobre o amor romântico na contemporaneidade.

Em síntese, verifica-se que são diversos os elementos que embasam a compreensão das relações amorosas e das vicissitudes destes enlaces. Especificamente na traição, a posição freudiana clássica remonta à rivalidade sentida na traição do pai/mãe edípicos, confirmando a posição de autores contemporâneos como Josephs (2006; 2008). Vimos, entretanto, que outros autores contemporâneos como Kernberg (1995a; 1995b) acrescentaram novos elementos relacionados à infidelidade, tais como a agressão, a identificação projetiva, a projeção dos aspectos infantis, as características das relações objetais internalizadas, da escolha objetal, do processo maturacional do amor e do estabelecimento de intimidade na relação amorosa. Ainda, observa-se que a psicanálise atual agrega a dimensão pré-edípica como um momento fundamental para as questões da sexualidade. Mitchell (2000) considera a infidelidade crônica como estando relacionada ao fato de o indivíduo não ter internalizado objetos disponíveis que garantam o estabelecimento de construção de vínculos seguros, fazendo com que, na vida amorosa adulta, evite-se a intimidade. Nesse sentido, Costa (2006) postula a hipótese da infidelidade como resultante de um medo de fusão com o outro e consequente perda da identidade.

REFERÊNCIAS

- Altman, L. L. (1977). Some vicissitudes of love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25, 35-52.
- Colaiacovo, D., Foks, S., Prátula, A. I., & Cababié, M. D. (2007). Intimidad, fantasías, sueños: su relación con la infidelidad en el vínculo de pareja. Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos* (pp. 43-46). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Costa, G. P. (2006). *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Fonagy, P. (1999). Male perpetrators of violence against women: an attachment theory perspective. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1(1), 7-27.
- Freud, S. *Cartas a Wilhelm Fliess* (1887-1904). Colección Psicología y Psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1996). Rascunho E. Como se origina a angústia. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 1, pp. 235-241). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905a).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905b).
- Freud, S. (1996). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 167-180). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910a).
- Freud, S. (1996). Psicanálise silvestre. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 229-230). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910b).
- Freud, S. (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – 1912 (Contribuições à Psicologia do Amor II). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 181-195). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).

- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (1996). Psicologia do grupo e análise do ego. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 21, pp. 67-110). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- Halperin, C. A. (2004). Paixão na adolescência. Em R. B. Graña & A. B. S. Piva (Orgs.), *Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal estar na juventude contemporânea* (pp. 59-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hunyady, O., Josephs, L., & Jost, J. T. (2008). Priming the primal scene: betrayal trauma, narcissism, and attitudes toward sexual infidelity. *Self and Identity*, 7(3), 278-294.
- Josephs, L. (2006). The impulse to infidelity and oedipal splitting. *The International Journal of Psycho-analysis*, 87(2), 423-437.
- Josephs, L., & Shimberg, J. (2010). The dynamics of sexual fidelity. Personality style as a reproductive strategy. *Psychoanalytic Psychology*, 27, 273-295.
- Kernberg, O. F. (1995a). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. F. (1995b). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lejarraga, A. L. (2002). *Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- Linguist, L., & Negy, C. (2005). Maximizing the experiences of an extrarelational affair: an unconventional approach to a common social convention. *Journal of Clinical Psychology*, 61(11), 1421-1428.
- Mitchell, L. (2000). Attachment to the missing object: Infidelity and obsessive love. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 2(4), 383-395.
- Monteiro, T. F., & Cardoso, L. S. (2008). Casa, do latim, acasalamento: a casa como metáfora para a capacidade de intimidade. Em J. Outeiral, L. Moura & S. M. V. Santos (Orgs.). *Adultescer: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. (pp. 161-176). Rio de Janeiro: Revinter.

Moscona, S. L. (2007). ¡Quiero saber la verdad!¿Quiero? Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos.* (pp. 19-42). Buenos Aires: Lugar Editorial.

SEÇÃO II – ARTIGO EMPÍRICO
UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA ACERCA DAS RELAÇÕES
EXTRA CONJUGAIS HOMOSSEXUAIS

RESUMO

O presente artigo busca uma maior compreensão dos processos psíquicos associados a relacionamentos amorosos nos quais ocorrem episódios de infidelidade. Assim, com base na teoria psicanalítica, pretendeu-se identificar as características dos padrões de interação amorosos atuais e passados, bem como as escolhas objetais associadas às vivências das relações parentais, em dois casos de mulheres envolvidas em relações extraconjugais em relacionamentos homossexuais. Os casos foram analisados através do instrumento Teste das Relações Objetais (Phillipson, 2008) e de sessões de psicoterapia breve de orientação psicanalítica. Foi possível identificar nesses casos que as manifestações de infidelidade crônica constituem um sintoma relativo a questões pré-edípicas referentes à tentativa de evitar o aprofundamento do vínculo amoroso, associado à experiência assustadora de perda dos objetos parentais. Espera-se, com este trabalho, fornecer subsídios para o aprimoramento teórico conceitual das questões amorosas, bem como para o trabalho clínico em psicoterapias psicanalíticas.

Palavras-chave: infidelidade. Estudo de caso. Teste das Relações Objetais. Escolha objetal. Psicanálise.

ABSTRACT

This article provides an in-depth comprehension of the psychological mechanisms involved on a loving-unfaithful couple relationship. Based on psychoanalytical theory, the author identifies the patterns of past and current loving relationships, as well as the object choices based on the parenting relationship template. Two case studies of women engaged in homosexual extramarital relationships were analyzed through Object Relations Test (Phillipson, 2008) and through psychoanalytical short term psychotherapy sessions. The study findings identified that long term infidelity is a pre-oedipal symptom related to the avoidance of deepening the romantic relationship and to the frightening experience of losing parental objects. This article aims at improving the theoretical framework to study loving relationships, as well as the clinical practice of psychoanalytical psychotherapy.

Keywords: infidelity. Case study. Object Relations Test. Objectchoice. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Na perspectiva de construção de vínculos, ainda hoje muitos relacionamentos esbarram em um tema polêmico que causa dificuldades na vida a dois: a infidelidade conjugal. Tanto as pessoas que sofrem a traição quanto as que a praticam vivenciam momentos de intensa angústia, dúvida e dor. A infidelidade conjugal ainda é um tema ameaçador e que gera mal estar. Apesar das transformações sociais, da maior liberdade sexual e das mudanças das relações amorosas, mantém-se como um assunto que suscita debates devido a sua complexidade e ao mal estar que provoca. Afinal, embora a infidelidade não seja mais a principal causa de separação encontrada nas Varas de Família, este ainda é um tema que assombra a estabilidade dos relacionamentos (Costa, 2007).

Na psicanálise, originalmente, ao tratar sobre o tema da infidelidade adulta, Freud (1910/1996) destacou a natureza edípica dos conflitos e das escolhas objetais implicados nos relacionamentos amorosos, especialmente o elemento edípico da triangulação, colocando que a criança, face à relação parental, pode sentir-se excluída. Na psicanálise contemporânea (Josephs, 2006; Costa, 2007), compreendem-se os triângulos amorosos como possuindo raízes no complexo de Édipo, referindo-se ao primeiro modelo de relacionamento amoroso, quando a criança sente-se excluída da relação íntima que os pais mantêm. Conforme Costa (2007), é nesta etapa que surge, pela primeira vez, o ciúme – este que possui relações estreitas com a melhor ou pior elaboração do complexo edípico infantil que determinará a segurança interna do indivíduo. Entretanto, outros autores (Mitchell, 2000) ampliaram a compreensão dos relacionamentos de pessoas infiéis destacando os elementos narcisistas presentes nos conflitos

Em geral, os trabalhos sobre infidelidade investigam vínculos amorosos heterossexuais, com ênfase na traição por parte do sexo masculino. Segundo Josephs e Shimberg (2010), existem algumas características peculiares ao homem e à mulher nas situações de infidelidade. O homem tende a ter breves experiências sexuais, e tem mais desejo por diferentes formas de relação sexual, enquanto a mulher se envolve mais romanticamente com o parceiro. No entanto, para os autores, não há tanta diferença no comportamento romântico de homens e mulheres quando se trata do mesmo estilo de personalidade. Exemplo disso são as pessoas com a personalidade evitativa e/ou narcisista, que tendem a ter mais atitudes permissivas no sexo, incluindo a relação sexual fora do relacionamento. Nesse sentido, os homens apresentam uma estrutura de caráter mais narcisista do que as mulheres e, portanto, criam a estereotípia de que são mais infiéis do que elas. Apesar das diferenças existentes entre homens e mulheres no que tange ao desejo erótico e ao amor sensual, pontua

Kernberg (1995), ambos apresentam experiências em comum que se originam da situação edípica, que é um organizador fundamental para cada um individualmente, como para as áreas nas quais o casal interage.

Considerando, porém, que os arranjos conjugais não se constituem somente pelos vínculos heterossexuais, como compreender as situações de infidelidade envolvendo casais homossexuais? Como ampliar nossa compreensão dos elementos psíquicos envolvidos nos padrões relacionais de casais homossexuais com base nos fundamentos psicanalíticos? Diante destas indagações, este artigo discute a questão da infidelidade no caso específico de duas mulheres com relacionamentos extraconjugais homossexuais. Inicialmente, será apresentada a compreensão de autores psicanalíticos contemporâneos sobre a infidelidade conjugal sob o vértice da perspectiva teórica das relações objetais, destacando-se principalmente os aspectos narcisistas e edípicos envolvidos no processo de escolha de objeto.

1.1 ESCOLHA OBJETAL, COMPLEXO DE ÉDIPO E NARCISISMO

Segundo Vieira (2009), a teoria proposta por Freud no que tange ao estudo da homossexualidade é contraditória, ainda que ofereça grande contribuição ao problematizar que a heterossexualidade vai além dos imperativos biológicos. Stubrin (1998) também afirma que Freud não consegue abarcar toda a explicação da homossexualidade através do complexo de Édipo e da angústia de castração. Nesse sentido, Ceccarelli (2008) coloca que não há um consenso na psicanálise sobre o significado da homossexualidade, pois há dificuldade em determinar o processo de escolha de objeto homo ou heterossexual, além de não existir um Édipo correto que determine a homossexualidade ou a heterossexualidade.

Tradicionalmente, Freud (1910/1996), referindo-se aos homossexuais como “invertidos”, definiu que se deve buscar compreender tais sujeitos através da sua atitude emocional e não de seu comportamento real. Diante disso, Freud (1905/1996) deixou claro que a homossexualidade se trata de uma orientação sexual tão legítima quanto à heterossexualidade. Assim, McDougall (1997) considera que devemos falar em homossexualidades no plural, por haver variações no ato, no objeto e na estrutura da personalidade, assim como nos heterossexuais.

Logo, refere Ceccarelli (2008), a expressão da sexualidade não define o sujeito e, portanto, não existe um sujeito heterossexual, homossexual ou bissexual e sim, moções pulsionais e movimentos identificatórios que se manifestam nas escolhas objetais. Desta maneira, a infidelidade pode acometer qualquer gênero, configuração vincular ou orientação

sexual. Nesse sentido, nada informa sobre a saúde psíquica do sujeito, pois, antes de ser homossexual, trata-se de um sujeito com angústias, medos e neuroses (Ceccarelli, 2008). Afinal os conflitos psíquicos se organizam por outros motivos (Stubrin, 1998).

Assim, a escolha objetal e a capacidade de intimidade são processos psíquicos fundamentais para o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta. Fundamentalmente, concebe-se a escolha objetal como resultando de um processo maturativo psíquico no qual, após o complexo de Édipo, tanto o menino quanto a menina estabelecem identificações que servirão de base para vínculos futuros. Assim, em torno dos cinco anos de idade, a criança descobre seu primeiro objeto de amor em um dos pais e os seus instintos sexuais se reúnem nesse objeto (Freud, 1921/1996). Posteriormente, a repressão constitui-se, inibindo os instintos sexuais e tornando-os inconscientes. Há renúncia dos objetos sexuais infantis, acarretando modificações na relação com os pais e tornando afetuosas as emoções que se estabelecem.

Apesar de esse processo resultar na renúncia dos objetos de amor primitivos, há diferenças em relação ao desenvolvimento no menino e na menina. No primeiro caso, ao explicar o complexo de Édipo masculino, Freud (1910/1996) refere que o menino fantasia que todos possuem um pênis como ele, inclusive sua mãe. Ao deparar-se com a diferença e constatar que as meninas não o têm, sofre uma falta intolerável e conclui que elas o têm de forma pequenina. Somente mais tarde percebe que isso não é possível, passando a achar que ele fora cortado, ficando apenas uma ferida. Neste momento, inicia-se o medo de ser castrado, o que desperta grande interesse pelo pênis. Será preciso que o menino abra mão do objeto de amor (mãe) para se identificar com o pai (Freud 1931/1996) e assim instaurar o superego.

A menina, por sua vez, acredita que em uma época anterior teve um pênis e considera normal que o perca na adultez (Freud, 1924/1996). Porém, ao descobrir que é castrada, a menina inicia o Édipo. Rejeitando a mãe e assustada por sentir-se *inferior* aos meninos, abandona sua masculinidade e sua sexualidade em geral. Se o pai permanece como objeto de amor, abre-se o caminho para o feminino no Édipo (Freud 1931/1996). Isso significa assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai, ocasião em que a renúncia ao pênis implica uma compensação: de que terá um bebê do pai. Entretanto, como isso não acontece, o Édipo termina (Freud, 1924/1996). Assim, a dissolução do Édipo acontece pela impossibilidade de ficar com o objeto amado (Freud, 1924/1996).

Em *A Sexualidade Feminina*, Freud (1931/1996) aponta que é preciso trocar o objeto original *mãe* – figura que a alimentou e cuidou – por alguém que se assemelhe ou que dela derive, ou seja, o pai. Logo, deve haver uma mudança do sexo do objeto, caracterizando o

primeiro amor da menina como um amor homossexual pela mãe. Portanto, devido ao fato de a menina possuir órgãos genitais castrados, ela deve lutar para atingir a feminilidade. Se a inveja pelo pênis for excessiva, a menina, em sua fantasia, terá um pênis através de qualidades masculinas que o substituirão (Stoller, 1993). Ao recusar ser castrada, pode adotar a posição de que realmente possui um pênis, comportando-se como um homem (Freud, 1925/1996) e, caso resolva afirmar sua masculinidade e tenha como objetivo a busca de um pênis bem como a fantasia de ser homem, pode acabar por fazer uma escolha objetal homossexual (Freud, 1931/1996). Além disto, poderá aceitar sua castração e se tornar masoquista, ou ainda equivaler o clitóris ao pênis, negando o útero e sua capacidade reprodutiva. Ao contrário, se ela superar a inveja e a fixação no clitóris como substituto do pênis, estará rumo à feminilidade, desistindo da mãe e voltando ao pai como um novo objeto de amor (Stoller, 1993).

Portanto, enquanto no menino o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, na menina trata-se de uma formação secundária, na qual a castração é responsável por inaugurar o complexo de Édipo, já que inibe e limita a masculinidade, incentivando a feminilidade (Freud, 1925/1996). Em suma, a posição de resolução normal do conflito edípico ocorre quando a criança se identifica principalmente com o bem sucedido objeto parental rival, podendo crescer e ter uma relação monogâmica satisfatória com alguém que sirva como um substituto simbólico do pai desejado.

Posteriormente, na adolescência, é preciso abandonar os objetos edípicos para poder realizar uma escolha objetal. Para isso, a menina renuncia ao amor pela mãe, indo em busca de um objeto masculino. Por já ter renunciado a seu primeiro objeto, a mulher torna-se mais capaz de se comprometer com um homem que estabeleça um relacionamento genital e paternal. No entanto, para o menino, essa escolha é mais difícil; afinal, ele precisa permanecer com o primeiro objeto amado (a mãe), ao passo que a menina troca de objeto. Como consequência, o homem busca, durante a sua vida, a mãe ideal, ficando mais propenso a ter seus medos e conflitos pré-genitais e genitais reativados nos relacionamentos, o que talvez o faça evitar um relacionamento mais profundo (Altman, 1977).

Todavia, a resolução edípica não se restringe à maneira como a criança irá se identificar com um dos papéis parentais. Complementar a esses aspectos, as experiências durante a fase edípica se refletirão na forma como cada um lidará com a questão da rivalidade e da triangulação frente aos objetos de amor que, na vida adulta, poderão se manifestar nas questões do ciúme patológico (Mitchell, 2000), como também na infidelidade sexual nos relacionamentos (Hunyady, Josephs & Jost, 2008).

Diante disso, Hunyady, Josephs e Jost (2008) descrevem os homens e os narcisistas como mais permissivos em relação à infidelidade sexual devido às diferentes formas de resolução dos conflitos e sentimentos associados às precoces experiências de trauma da traição na fase edípica. No caso de experiências nas quais a mãe foi frustrante e rejeitadora, e a criança vingativa, invejosa e ressentida, ocorre uma identificação projetiva. Assim, frente aos sentimentos de dor e raiva, os homens e os narcisistas defendem-se através da desidentificação com a vítima da traição, identificando-se com o papel mais poderoso de perpetrador (Hunyady, Josephs & Jost, 2008). Nesse papel, tais sujeitos não conseguem estabelecer a idealização necessária por um objeto, ficando limitados a uma idealização parcial dos aspectos físicos do corpo, do poder, da riqueza ou da fama, que se tornam características a serem apreciadas ou incorporadas como parte do self (Kernberg, 1995). Deste modo, há dificuldade para investir profundamente em um objeto de amor, prevalecendo um sentimento fugaz pela realização de uma conquista.

Ainda que a infidelidade seja compreendida como um sintoma que evita um vínculo profundo e intimidade como forma de proteção do eu frente ao sofrimento, Mitchell (2000) considera que a infidelidade crônica está relacionada com as relações pré-edípicas e, portanto, com as primeiras relações mãe-bebê. Nesse sentido, a autora atribui às vivências pré-edípicas um papel determinante face às relações amorosas. Neste caso, os indivíduos infiéis crônicos não internalizaram um objeto materno suficientemente bom, e sim um objeto ausente ou indisponível, ou seja, um objeto perdido. Ao se apaixonarem, escolhem objetos que de alguma forma são inacessíveis, já que isso garante o impedimento da intimidade. Ao contrário, na experiência de se vincular de forma profunda, há perigo do reconhecimento desta relação com a experiência assustadora do objeto primitivo perdido.

Nestas situações narcísicas, predominam as questões de medo de fusão com o objeto amado e também o medo de separação deste. Ser fiel ou infiel causa sofrimento por operar no sentido de garantir a segurança e a estabilidade emocional, afirma Costa (2007). Assim, enquanto o fiel pode esconder o medo de ficar sozinho, ocultar a incapacidade de auto-realização ou a sua dificuldade para romper uma relação simbiótica, o infiel pode temer fusionar-se com o parceiro e permanecer definitivamente preso nesse relacionamento, além de temer ser traído e abandonado (Costa, 2007).

No entanto, lembra Kernberg (1995), as triangulações podem destruir um casal ou reforçar sua intimidade e estabilidade. Sobretudo, em comum, essas relações extraconjugais envolvem formações de compromisso que abarcam conflitos edípicos não resolvidos, fazendo com que as representações de objeto se sobreponham ao objeto amado. Desta maneira, a

agressão existente nesses conflitos não consegue ser expressa, e o casal acaba por não ter um relacionamento profundo e íntimo.

Retomando os aspectos principais dos conceitos discutidos acima, vê-se que a escolha objetual e o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta resultam de um processo complexo de desenvolvimento da constituição psíquica do sujeito ligado a elementos narcisistas e edípicos.

Assim, este artigo tem como foco a compreensão psicanalítica dos processos psíquicos associados às situações de infidelidade. Conforme mencionado, as abordagens sobre os vínculos amorosos e suas vicissitudes, especialmente questões sobre traição, são em geral discutidas sob a perspectiva das relações heterossexuais. Pretende-se, neste trabalho, investigar com maior profundidade a questão da infidelidade crônica nos relacionamentos homossexuais, abordando o caso de duas mulheres envolvidas em situação extraconjugal. Sobretudo, dedica-se com maior especificidade às características da história de vida, dos vínculos construídos e das representações objetuais internalizadas, bem como das ansiedades e dos conflitos ao longo do desenvolvimento libidinal em relação ao significado desses aspectos nas situações atuais de relacionamento amoroso.

2 MÉTODO

Considerando que a pesquisa qualitativa é capaz de capturar significados e sentidos através da escuta, da observação e da interpretação (Turato, 2000), especificamente, tomamos como referência o estudo de caso clínico com base na teoria, método e compreensão psicanalíticos consistindo, assim, em uma pesquisa psicanalítica.

A pesquisa clínica é a matéria prima por excelência da psicanálise, tanto através de estudos de caso único como de sequências de caso – talvez o método de pesquisa mais adequado ao objetivo da investigação – e é dela que provém a maioria dos insights obtidos até o momento. (Eizirik, 2006, p. 172)

Dessa forma, para Eizirik (2001), é preciso haver flexibilidade para investir em vários tipos de pesquisa usando o referencial psicanalítico, pois este não se restringe a uma única abordagem.

A partir disso, foram elaboradas interpretações que, juntamente com o referencial estudado, sustentaram o desenvolvimento compreensivo da questão investigada. Aspectos transferenciais e contratransferenciais ocorridos nos atendimentos foram considerados neste

trabalho, para embasar principalmente a compreensão das ansiedades e dos conflitos existentes ao longo do desenvolvimento libidinal, os vínculos construídos e suas representações objetais internalizadas, ainda que, em termos de processo terapêutico, outras questões pudessem ser consideradas e discutidas. Porém, este não se constituía como foco principal da presente pesquisa.

Por tratar-se de uma pesquisa psicanalítica, na qual o método foi o uso da sessão psicoterápica, ressalta-se, também, o caráter interventivo desse processo (Ramires & Benetti, 2008).

2.1 PROCEDIMENTOS

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da autorização dos sujeitos, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciou-se a pesquisa. Nesse sentido, foram resguardados os aspectos éticos, bem como não houve ônus financeiro para participar do estudo. Os casos de duas mulheres (32 anos e 54 anos) foram encaminhados à psicoterapeuta para avaliação psicológica por apresentarem dificuldades conjugais associadas à infidelidade. Neste trabalho, foi considerada infidelidade o fato de o sujeito romper um pacto² e ter no mínimo uma relação sexual com um indivíduo que não o cônjuge, independentemente deste acontecimento ter sido revelado ou não.

As participantes foram atendidas no modelo de psicoterapia breve de orientação psicanalítica. Ao todo, foram realizadas 16 sessões, com frequência semanal, sendo que as três primeiras consistiram em entrevistas de avaliação psicológica e da aplicação do Teste das Relações Objetais (TRO) de Phillipson (2008). Por fim, foi garantida a continuidade do tratamento, caso fosse necessário.

Estudos aliando a psicoterapia com testes projetivos têm apresentado eficazes contribuições para a compreensão da dinâmica do funcionamento mental (Silva, Rosa, Paegle, Braunholz & Bolgar, 2004). Os estudos de caso foram realizados com base no material das sessões de psicoterapia breve de orientação psicanalítica e da aplicação de um instrumento projetivo, o TRO (Phillipson, 2008). Tal teste visa investigar a qualidade do vínculo emocional com os objetos, bem como suas vicissitudes, analisar os recursos egóicos perante

² Segundo Colaiacovo, Foks, Prátula e Cababié (2007), a fidelidade consiste em um acordo entre o casal, no qual há pactos implícitos e explícitos de exclusividade sexual ou não. Está relacionado ao projeto de manter o relacionamento, sendo sustentado pelo amor, ternura, respeito e atração erótica.

situações de separação do objeto de dependência (Silva et al., 2004), além de avaliar os mecanismos de defesa utilizados pelo indivíduo, os medos e os sentimentos existentes (Alcântara, Grassano, Rossini & Reimão, 2007). Ainda, trata-se de um teste projetivo que se alicerça na ideia de que, a partir de um estímulo, o sujeito reporte-se a experiências de vida, assim como suas fantasias.

Já a psicoterapia breve de orientação psicanalítica (Braier, 2008) é uma psicoterapia de objetivos limitados, interpretativa e de *insight*, que conta com o uso de interpretações que conduzem ao conflito central do tratamento. Assim, o trabalho alcança o objetivo de promover ações que permitam desenvolver a subjetividade, respeitando a singularidade do sujeito e propiciando um crescimento mental (Eizirik, 2001).

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

Durante o tratamento, as sessões foram relatadas pela pesquisadora logo após seu término, sob a forma de associação livre. Foi realizada a compreensão dinâmica dos indivíduos a partir da análise dos relatos das entrevistas e sessões de psicoterapia, do padrão transferencial estabelecido, além das respostas às lâminas do TRO de Phillipson (2008). Para tal, foram considerados os seguintes eixos de análise: a história familiar do sujeito, as características de vida do indivíduo e o contexto social no qual se encontra inserido, a concepção de fidelidade/infidelidade, os vínculos estabelecidos ao longo da vida (relacionamento com os pais/filhos, vida escolar e profissional, vínculos familiares, amigos), as escolhas de objeto, as funções de ego e os mecanismos de defesa utilizados. Por fim, a partir da integração das informações obtidas, através do cruzamento de dados dos casos pesquisados (Yin, 2005), realizou-se a discussão clínica sob o enfoque psicanalítico.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1 CASO I – LÍRIO

3.1.1 História de Vida

Lírio é uma mulher de 32 anos, vaidosa e esforçada, com nível de Ensino Médio. Reside com a companheira – que é mais velha – desde os seus 15 anos de idade. Lírio teve um

filho, há nove anos, cuja paternidade é de um amigo que concordou em engravidá-la. É uma mãe zelosa, dedicada, mas às vezes invasiva, por exagerar nos cuidados com o filho que tanto ama. Refere ter sido estranho engravidar de um homem, mas elas desejavam “*construir uma família*”.

Os avós maternos de Lírio foram os responsáveis por seu crescimento, pois sua mãe vivia trabalhando e o pai a abandonara. Seu avô, que ficou cego aos 18 anos de idade devido a um acidente que sofreu, faleceu quando Lírio tinha 14 anos. Foi um momento de grande perda para ela. Nessa ocasião, sua avó – a qual considera sua mãe por sempre lhe ter dado carinho – ficou deprimida e se desfez da casa onde moravam. Lírio, sentindo-se sozinha e abandonada pela avó que não tinha mais condições de cuidá-la, pediu auxílio à mãe biológica, que morava com o novo esposo. Contudo, esta lhe fechou o portão da casa, literalmente. Lírio acabou envolvendo-se com uma mulher mais velha que lhe ofereceu, em um primeiro momento, proteção e, posteriormente, lhe maltratou. Lírio, então, fugiu e voltou a morar com a avó até casar.

Reencontrou seu pai quando adulta, mas ele faleceu logo em seguida. Cuidou dele até sua morte, mas ele sempre foi um estranho para ela. Além disso, a avó de Lírio estava muito doente e veio a falecer durante a psicoterapia. Atualmente, Lírio relaciona-se cordialmente com a mãe biológica. Ela refere sentir a companheira como a mãe que não teve.

Lírio aprecia viajar, passear, se divertir. É esperançosa quanto ao futuro, almejando terminar os estudos e construir uma carreira profissional. Lírio buscou atendimento logo após uma cirurgia de retirada do útero, para “*descobrir o que eu busco, não sei o que eu busco*”. Conta que nunca foi fiel: “*sou infiel desde sempre*”. Porém, relata que sua companheira a traiu no 14º ano de casamento, o que foi “*terrível*” para ela, nunca conseguindo perdoar. Sentiu uma dor enorme, ainda sofrendo muito com isso. Ainda assim, Lírio acredita que pode trair: “*dói pra quem apanha, mas não pra quem bate*” (ri). Antigamente, sentia culpa por trair; hoje não mais. Durante um ano, ficou separada de sua companheira, período em que, Lírio ficou com algumas mulheres, apaixonando-se por uma em especial. Reataram quando a sua companheira pediu que retomassem a relação.

A escolha homossexual foi uma opção constante em sua vida afetiva desde a adolescência. Portanto, Lírio define-se como homossexual, expressando que não sente atração física por homens. Até então, seus relacionamentos extraconjugais eram breves e não evoluíam para um namoro. Quando as amantes diziam estar apaixonadas, sentia nojo e terminava o relacionamento. Lírio conhece pessoas nas festas que frequenta sozinha e nos *chats* da internet. Ela refere buscar alguém, “*talvez aquela paixão*” que não sente mais. Conta

que é capaz de “*dar o sangue pela companheira, mas é muito mais uma amizade do que amor*”. Lírio gostaria de ter um relacionamento paralelo que a fizesse “*suportar essa relação*”, pois não quer se separar.

Observa-se que, no momento da procura por atendimento, Lírio apresentava uma condição clínica relativa à sua sexualidade (retirada do útero). Em termos interpessoais, sofreu pela primeira vez a traição da companheira e estava vivenciando o lento declínio de saúde de sua avó materna. Resume seu estado emocional dizendo estar perdida, que não sabe o que quer. Apesar disso, é ambiciosa, esperançosa e otimista, estabelecendo metas para o seu futuro profissional e para o bem estar de sua família. Assim, é estudiosa e trabalhadeira, além de exercer a função materna, amando e cuidando de seu filho. Quanto ao relacionamento conjugal, ainda aposta em sua união.

3.1.2 Discussão Clínica

Lírio chegou ao consultório encaminhada por uma colega da área. No decorrer do processo terapêutico, era clara a dificuldade de Lírio em conseguir vincular-se às pessoas. Apesar de ser afetiva, estabelecia uma barreira de contato com as pessoas, como que um escudo protetor, para evitar o envolvimento e, por consequência, o possível risco de se fundir ou ser abandonada. Algumas vezes, durante a madrugada, escrevia emails para a terapeuta, mencionando seu sofrimento.

Ao término das 16 sessões, Lírio estava à vontade e mais engajada no processo terapêutico. Era notável seu esforço para manter as sessões de psicoterapia, apesar das viagens constantes a trabalho e da doença de sua avó que se agravou até vir a falecer. Evidenciava, assim, um grande investimento de sua parte e dedicação àquele espaço de escuta.

Ainda assim, era difícil estabelecer um vínculo com a terapeuta. Falar sobre sua relação com a mãe biológica durante a adolescência era particularmente doloroso, pois havia muita raiva e tristeza guardadas. De fato, o fator que contribuiu para alavancar o trabalho terapêutico foi a perda de sua avó materna. Como consequência, defesas que estavam sendo utilizadas por ela, tais como a negação e a repressão, “falharam”, vindo à tona a raiva pela mãe biológica por essa não ter exercido a função materna. Acrescenta-se a isso o fato de que a doença da avó demandou cuidados tanto de Lírio como de sua mãe biológica, fazendo com que tivessem que conviver diretamente, revivendo conflitos referentes a abandonos sofridos na infância e adolescência.

Na primeira entrevista, conta: *“não sou fiel, nunca fui fiel, desde que me conheço por gente não sou fiel...”*. Posteriormente, complementa: *“a personalidade das pessoas não muda”*, de alguma forma me comunicando que ela não mudaria. No entanto, o que chamava sua atenção é que antigamente sentia culpa por trair e atualmente não. Ao mesmo tempo em que se anuncia como infiel, Lírio também refere, na primeira entrevista, que a maior dor que sentiu foi descobrir-se traída, o que nunca conseguiu perdoar. Logo agrega que, ao mesmo tempo, acredita que a infidelidade não existe, pois, para ela, *“ninguém é de ninguém”*.

Observa-se a falha na repressão, fazendo com que, neste momento, procurasse atendimento psicoterápico para uma situação que era constante em sua vida. Ainda, vê-se que seu pensamento é contraditório, denotando ao mesmo tempo a presença da repressão e da transgressão, manifestando indícios de elementos perversos em sua personalidade. Nesse sentido, a traição também é percebida em relação a si mesma. Refere trair-se por não conseguir realizar o que almeja para a sua vida: *“esse ano quero mudar a minha vida, quero ter muito dinheiro, fazer o que quero e gosto, pensar em mim, deixar de fazer tudo certinho, parar de me trair, de deixar para amanhã o que devo fazer! Acho que sou traída por mim”*, diz. Paralelo a isso, Lírio percebe o mundo e os seus relacionamentos de forma ambivalente. Ora acredita e deseja uma união estável e tranquila, ora desconfia que isso possa realmente ocorrer, já que espera e projeta no outro a sua própria felicidade. Caso haja uma dificuldade, recorre a outro objeto de amor para não sentir-se abandonada, repetindo a história de sua adolescência, que quando abandonada pela mãe, foi morar com uma mulher mais velha que acabou maltratando-a.

Na avaliação do TRO (Phillipson, 2008), a análise das características das relações objetais indicou a presença de intensos sentimentos depressivos associados ao abandono e à necessidade de cuidado pelos avós. Estes são percebidos como figuras presentes, porém não há uma vivência interna de calor e afeto com este cuidado. Ao contrário, a paciente percebe-se sozinha em família e com dúvidas quanto à capacidade de cuidado. Lírio utiliza-se de defesas como a negação, projeção, identificação e racionalização, sendo a necessidade de reparação uma defesa constante. Também, o medo de ser abandonada, a morte e, conseqüentemente, os sentimentos de desamparo são predominantes. Diante disso, o desejo de cuidado e acolhimento prevalece.

Assim, é possível compreender que o enfrentamento da perda real da avó traz à tona sentimentos primitivos de abandono, raiva e ódio dirigidos à mãe biológica. Esta, por sua vez, não fez a função materna, abandonando a filha aos cuidados da avó e de outros. Lírio precisa desenvolver recursos internos de ego que a façam superar tais falhas no relacionamento e,

para isso, utiliza-se das defesas primitivas que originam sentimentos paranóides. Sempre muito desconfiada, protege-se do mundo e das relações nas quais tenha que se envolver de forma mais íntima e profunda. No entanto, esforça-se para manter vínculos profissionais, familiares, sociais e conjugais. A projeção é usada, ora com a função de depositar no outro suas próprias dificuldades, ora como identificação projetiva, quando se espelha em outros para atingir seus ideais. Esta situação pode ser exemplificada através da relação que estabelecia com o avô, quando observava que ele, mesmo cego, era capaz de exercer atividades, servindo como fonte de inspiração para que ela nunca desistisse de suas aspirações. Assim, Lírio encontra no avô uma figura paterna de otimismo e perseverança, pois, apesar de ser cego, ele sempre buscou a felicidade.

Logo, considerando os aspectos levantados, pode-se dizer que Lírio está reatualizando conflitos importantes relativos à fase pré-edípica. Quando criança, Lírio descobre o seu primeiro objeto de amor em um dos pais, e os seus instintos sexuais se reúnem nesse objeto (Freud, 1921/1996). A repressão daí derivada não se estabelece plenamente e, assim, não há como haver renúncia dos objetos sexuais infantis, acarretando modificações na relação com os pais e apresentando pontos de fixação na fase pré-edípica.

Para Mitchell (2000), apesar de a infidelidade estar ligada às relações pai/mãe-filho (a), a infidelidade crônica relaciona-se com as primeiras relações mãe-bebê, sendo, portanto, as relações pré-edípicas tão importantes quanto as edípicas. Por conseguinte, nas situações de infidelidade crônica, os indivíduos indicam que não internalizaram um objeto materno suficientemente bom, e sim, internalizaram um objeto ausente ou indisponível, um objeto perdido.

Dessa forma, para estabelecer um vínculo de amor maduro – o qual pressupõe intimidade e confiança – é preciso antes trilhar um caminho que se estende desde a ternura da infância e seus conflitos edípicos, passando pelas desvalorizações amorosas da latência, pelas paixões e erotização da adolescência até chegar à intimidade do amor adulto. Assim, é preciso inicialmente internalizar os objetos parentais, construindo seu modelo identificatório, para, posteriormente, fazer a sua própria escolha objetal. No caso de Lírio, a figura materna e a paterna – que deveriam ser seus modelos identificatórios – foram internalizadas como objetos abandonantes, incapazes de exercer a proteção e cuidado.

Logo, é possível auferir que Lírio envolveu-se com uma mulher logo após a morte do avô, momento em que tanto a avó como a mãe não puderam cuidá-la. Lírio encontrou em uma estranha, em um primeiro momento, o acolhimento e, depois, o maltrato. Parece que Lírio careceu de um olhar e um cuidado materno, encontrando nos braços de outra figura feminina

a possibilidade de tal olhar. Diante disso, a infidelidade configura-se como uma defesa frente ao temor de ser traída e abandonada, repetindo a primeira relação infantil (Costa, 2007).

Apaixonar-se implica a reconfirmação das boas relações com os objetos internalizados do passado. Deixando para trás os objetos reais da infância, Lírio não consegue elaborar o processo de luto relacionado ao crescimento e à independização, quando o indivíduo torna-se capaz de receber e dar (Kernberg, 1995). Assim, é difícil constituir um relacionamento amoroso estável, baseado na capacidade de identificação, resultando em ternura, preocupação e empatia com o objeto de amor. Lírio esforça-se para manter o casamento e, principalmente, o lar que construiu, já que lhe oferece o amparo que lhe faltou na infância por parte de seus pais biológicos. No entanto, trai a companheira e a culpa por isso, preferindo projetar suas angústias e responsabilidades pelos conflitos da relação a ter que pensar sobre isso de forma madura. É possível, assim, supor que, se a companheira faz a função materna como ela refere, a agressão que deveria ser destinada à sua mãe biológica, na verdade, está deslocada para a companheira.

Conforme Costa (2007), a traição serve para evitar o estabelecimento de um vínculo fusional com o parceiro e, por conseguinte, para evitar correr o risco de acabar preso definitivamente neste relacionamento. Lírio teme a proximidade talvez para evitar a fusão que imagina poder acontecer quando se relaciona com alguém. Assim, vincular-se com alguém de forma profunda e íntima, bem como vincular-se na terapia, pode, em sua fantasia, transmitir a ideia de “fusão”, de perda de identidade. Como consequência, insere um terceiro nos relacionamentos, como uma amante ou um computador, deixando as relações se tornarem fugazes, além de provocar angústia, ciúmes e desconfiança na outra, sentimentos esses que experienciava em sua infância em relação aos seus pais. Neste sentido, as traições de Lírio têm o objetivo de atacar e, ao mesmo tempo, evitar o vínculo que pode se tornar danoso, na medida em que ela pode perder a própria identidade. Portanto, como resultado da falta de intimidade, ela e sua companheira deixam suas fronteiras abertas, permitindo a entrada de outra pessoa, situação predominante nos conflitos pré-genitais (Kernberg, 1995).

Em relação ao relacionamento homossexual, cabe lembrar que o primeiro objeto de amor é a mãe e, assim, para a menina, é um amor homossexual (Stoller, 1993). Dessa forma, é preciso que primeiramente o amor predomine sobre o ódio, para que na mãe possa ser projetado o ideal da menina, ocorrendo assim à identificação (Costa, 2007). A partir disso, a menina cria uma imagem de si, podendo, então, competir com a mãe para conseguir o amor do pai. Se ocorrerem frustrações precoces na fase pré-edípica, o desenvolvimento do Édipo inicial fica estagnado, não havendo a troca de objeto que permitirá à menina relacionamentos

heterossexuais. Mediante o ódio dessas frustrações, a menina afasta-se da mãe por ser sentir ameaçada, projetando o seu ideal em uma figura substituta, idealizada. A mãe permanece, então, como objeto de desejo, pois não é possível realizar a troca de objeto.

3.2 CASO II – AZALÉIA

3.2.1 História de Vida

Azaléia é uma mulher de 54 anos, dona de casa e estudante. Está casada há 24 anos com um homem com o qual tem uma filha de 21 anos. Busca tratamento por tê-lo traído e não saber se deseja continuar casada, além de sentir-se confusa: “*não sei mais quem sou*”.

Em relação à infância, Azaléia conta que, quando nasceu seu irmão, ela sentiu-se preterida, pois a mãe tratava melhor seus irmãos. Nunca ganhou presentes e elogios, além de apanhar seguidamente da mãe. Algumas vezes, tentava agir e se vestir como os irmãos para agradá-la. Apesar disso, sempre cuidou da mãe, criando certa dependência. Por sua vez, seu pai sempre a tratou bem, mimando-a com carinhos e presentes; era a “*filhinha do papai*”. Conta com muita alegria que sempre o esperava na parada do ônibus para brincarem e conversarem.

Durante sua adolescência (período este que Azaléia refere “*não ter tido*”), o pai gastava dinheiro com outras mulheres, desaparecendo por dias. Até mesmo engravidou outra mulher, ocasião em que a mãe de Azaléia estava grávida do terceiro filho. Conseqüentemente, sua mãe se deprimia, e Azaléia restringia sua vida aos cuidados com ela. Conta que também se sentia traída pelo pai, tendo em vista que, ao magoar a mãe, ela acabava sofrendo junto. Lembra uma única vez com tristeza do pai por tê-la renegado diante de uma moça que estava paquerando.

Aos 19 anos, casou com um homem mais velho que a “*cuidava como um pai*”. Na época, havia tido uma decepção amorosa com seu ex-namorado que a traíra e também seus pais estavam se separando. Ainda que não fosse feliz, permanecia casada para agradar a mãe, separando-se somente quando seu marido foi preso. Desta união, Azaléia tem uma filha de 31 anos.

Muito triste, voltou a morar com a mãe, mas a convivência era ruim. Teve forte depressão e necessitou fazer um tratamento psiquiátrico, pois desejava morrer, chegando a tomar algumas medicações por conta própria. Após melhorar, voltou a sair e reencontrou um

conhecido, hoje seu atual marido. Azaléia, nesta ocasião, contrariou a proibição da mãe de que não namoraria alguém sendo recém separada, e foi morar com este homem.

Os primeiros anos de casamento foram difíceis por ele ser ciumento e traí-la. Tentou separar-se dele, mas a mãe a recriminava, afirmando que era melhor ter alguém do que ficar sozinha. Após esse período de turbulências, tornaram-se ótimos companheiros, ficando íntimos e felizes. Porém, há dez anos, perdeu o amor por ele.

Há um ano, seu pai faleceu de infarto. Lembra que recebeu um telefonema do irmão e que este lhe pediu para não contar para a mãe, porque ela tinha pressão alta. Azaléia sentiu uma dor intensa e correu para a mãe: *“quase matei a mãe. Mas eu precisava contar”*. Azaléia entrou em um estado de profunda tristeza, desânimo e dor, não conseguindo enterrar o pai. Refere que, após sua morte, foi até a casa dele e encontrou suas roupas. Vestiu algumas e, a partir daí, percebe que passou a adotar um comportamento masculino a ponto de as pessoas comentarem o quanto ela está parecida com o pai agora, pois antes era parecida com a mãe.

Alguns meses após a perda do pai, Azaléia fez amizade com uma mulher, casada e mãe de um adolescente de 13 anos. Elas e seus esposos costumavam sair juntos, até que percebeu que sentia ciúmes de ver a amiga trocando carinhos com o marido: *“senti nojo”*. Um dia, ela escreveu na internet para a amiga: *“estou apaixonada por ti”*. Esta lhe respondeu que sentia o mesmo. Começaram, então, a ter um caso. Azaléia nunca havia traído ninguém e agora traía o esposo, sentindo-se muito mal e angustiada com isso: *“eu não queria trair. Parece que estou vivendo uma vida dupla”*. Por sentir-se culpada, compartilhou o fato com todos da família, os quais estranharam, mas aceitaram. Azaléia tentou ir embora com a companheira que, por temer abandonar o filho, não aceitou, frustrando Azaléia a ponto de ela querer novamente morrer. Ainda assim, o marido deseja continuar casado.

Diante disso, Azaléia procura atendimento, por estar cansada de ter uma vida dupla e por não saber quem é, sentindo-se perdida. Ao mesmo tempo, deseja que a vida volte a ser como era, mas também deseja separar-se e ter uma profissão, para não mais depender financeiramente do marido.

3.2.2 Discussão Clínica

Já na primeira entrevista, Azaléia, referindo-se ao seu casamento, afirma que não ama mais o marido há 10 anos. Conta que foi apaixonada por ele, mas há dez anos os defeitos apareceram, e ela começou a perder a admiração: *“o véu caiu. Sabe aquela coisa que diz que, quando se ama, não se vê os defeitos? Eu era assim. Depois, comecei a ver e perdi a*

admiração, porque ele era um homem que eu admirava muito". Também fala da culpa que sentia inicialmente, por ter traído, e afirma: *"se meu pai fosse vivo, jamais teria coragem de fazer o que eu fiz. Sabe como é, a menina do pai, aquelas coisas. Eu era a menina do pai"*. Além disso, considera uma atitude desleal.

Ao mesmo tempo, Azaléia refere o quanto tem medo de deixar o marido e ele rejeitá-la. Ela tem muito medo de ser rejeitada pelas pessoas. Durante as sessões de psicoterapia, era possível observar o quanto era difícil para ela discordar da psicoterapeuta. Mais ao final do tratamento, ela consegue expor, pela primeira vez, que, em alguns momentos, concordou porque temia que a terapeuta deixasse de gostar dela, mas que hoje, pela primeira vez em sua vida, conseguia falar para alguém e assumir seus atos. Segundo Mitchell (2000), tais pacientes têm dificuldade de formar vínculo com o psicanalista, porque consideram que esta relação poderá ser perigosa, tendo em vista que irá recapitular o trauma original, que consiste em um mórbido vínculo com o objeto perdido da infância. Até hoje, ela sente necessidade de agradar o irmão (que se parece com o pai).

Com a morte do pai, Azaléia perde a referência paterna e masculina, pois o pai está fusionado com ela, ou seja, uma parte de si estava projetada nele, ficando assim sem bases constitutivas para suportar a sua identidade. Isso remete à ideia de que não há um objeto internalizado que lhe garanta o amparo necessário (Mitchell, 2000). Deste modo, há um fragmento psicótico da personalidade, pois ela faz uma cisão da personalidade ao se identificar com o objeto perdido, o pai morto, adotando a identidade dele como forma de conservá-lo vivo. *"Parece que estou vivendo uma coisa dupla... estou confusa, não sei mais quem sou"*. Recorde-se aqui que, nas situações de extrema frustração, Azaléia tem desejos de morrer, indicando o vazio e a falta de objetos internos disponíveis que garantam vínculos afetivos estáveis e seguros (Mitchell, 2000).

Assim, o comportamento infiel que Azaléia adota configura-se por uma questão traumática, por identificar-se com o objeto morto e fazer uma defesa maníaca. O pai morreu, mas vive dentro dela simbolicamente. Afinal, sendo ele, se consola de sua morte. *"A sombra do objeto caiu sobre o ego"* (Freud, 1917/1996, p. 254). Em casos de melancolia, sublinha Freud (1917/1996), há uma identificação do ego, de onde a libido foi retirada junto com o objeto abandonado, fazendo com que a perda objetual se transforme em uma perda do ego. Há uma luta entre o amor e o ódio pelo objeto amado e perdido, há uma busca por separar a libido do objeto e, ao mesmo tempo, defender a posição da libido contra o assédio. Na melancolia, indica Freud (1917/1996), a catexia objetual é substituída pela identificação, e a

pessoa ou se recrimina pela morte dos pais ou se pune de forma histérica, adotando os mesmos estados de doença que tiveram.

A melancolia de Azaléia caracteriza-se pela falta de sentimentos de vergonha, por exemplo, no momento em que ela assume uma escolha objetal e uma identidade de gênero da qual ela não tem certeza e, de maneira impulsiva, a compartilha com todos. Também, há um empobrecimento do ego, desânimo profundamente penoso, perda do interesse no mundo externo, perda da auto-estima, perda da capacidade de amar e sentimentos de recriminação e punição, evidenciados na forma como ela passa conduzir sua vida: vestindo-se de forma masculina, expondo-se.

Considerando os dados obtidos no TRO (Phillipson, 2008), evidencia-se a tristeza que Azaléia sente por ter se separado de seu pai. Já na infância, tais sentimentos surgiram quando este saiu de casa, fazendo-a sentir-se rejeitada e abandonada, provocando-lhe o temor à separação e a conseqüente perda do objeto de amor, sendo isso reconfirmado com a morte dele. A partir daí, Azaléia não consegue fazer o luto pela morte do pai, sofrendo intensamente de modo a guardar o objeto morto dentro de si. Dessa forma, fica clara a necessidade que ela tem de estabelecer vínculos de união que possam servir como esforços reparatórios para a sua dor, podendo assim viver sem sentir-se vazia.

Na tentativa de sobreviver à dor, conforme o resultado do TRO (Phillipson, 2008), Azaléia utiliza-se muito do mecanismo de defesa projeção para lidar com seus conflitos, além do pensamento mágico como forma de reencontrar o pai. Pode recuperar assim o que foi perdido, situação que pode ser vista no fato de ela procurar a religião espírita como meio de preservá-lo da morte, da própria dor e do sentimento de impotência. Diante disso, não consegue enterrar o pai dentro dela, permanecendo presa ao passado e perdida quanto a sua identidade, dificultando a construção de vínculos reais significativos que lhe propiciem amparo e acolhimento. Pode-se inferir que o abandono do pai foi a maior traição que poderia ter sofrido.

Por estar identificada com o pai, quando ele morre, Azaléia passa a vestir-se com suas roupas, além de adotar um comportamento masculino, ficando indefinida com sua escolha objetal. Já em 1920, Freud (1996) indicava que as características físicas não coincidem com a escolha de objeto, isto é, não significa que, por ser do gênero feminino, necessariamente se faça uma escolha objetal contrária a do próprio sexo. Logo, são os caracteres sexuais mentais que definem as atitudes masculinas ou femininas.

Posteriormente, Stoller (1993) agregou que o termo identidade de gênero refere-se ao conjunto masculinidade e feminilidade encontrado nas pessoas sob forma e graus diferentes,

não estando ligados ao corpo biológico. A masculinidade e a feminilidade são construídas a partir das atitudes dos pais na infância, sendo transformadas ao longo da vida mediante a influência do meio externo e cultural. Dessa forma, Azaléia sempre apresentou dificuldades em relação à sua identidade de gênero. Já na infância, não gostava de se vestir com roupas de menina. Por vezes, tinha atitudes mais rudes, masculinas. De fato, se pensarmos que Azaléia tinha dificuldades de relacionamento com a mãe, quando esta não pode oferecer-se como espelho às demandas da filha, acolher e servir como modelo de mulher, é possível pensar que a busca pelo mundo feminino estava relacionada à busca da construção de sua própria identidade pessoal.

Segundo McDougall (1997), devido à atração erótica pelo pai, a menina tem que introjetar aspectos da imagem da mãe. O objeto materno é adorado, desejado, temido, mas também desperta ressentimento. No entanto, são os aspectos da imagem da mãe que farão construir uma identificação pelo resto da vida. A menina procura separar-se da mãe para construir sua própria identidade e, ao mesmo tempo, precisa tê-la como sua guia.

Todavia, as palavras da mãe sempre tiveram muito peso na hora de Azaléia tomar decisões. Esta sempre procurou agir de forma a agradar ou agredir a mãe, como uma tentativa de se separar e, nesse sentido, foi sempre dependente da mãe. Azaléia sentiu prazer ao contar para a mãe que tinha uma relação fora do casamento e, ainda por cima, com uma mulher. Foi uma forma de desafiá-la, e talvez uma maneira de vingar-se do passado, quando teve que abrir mão de vivenciar a adolescência para cuidar da mãe deprimida. Porém, ainda necessitou da autorização da mãe para viver esse suposto amor. Esta lhe pediu um tempo para assimilar tudo e lhe garantiu que não deixaria de amá-la por causa disso, surpreendendo Azaléia. Desse modo, Azaléia não foi punida por seu ato contraventor, aumentando o seu sentimento de culpa em relação ao marido e ao pai morto.

Mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai ou que o colocaram no lugar do pai repetem os relacionamentos ruins que tiveram com suas mães (Freud, 1931/1996). Azaléia teve dois casamentos com homens mais velhos que prometeram protegê-la, cuidá-la e tirá-la de casa, ocupando o lugar de seu pai. Constrói, assim, seu casamento sobre a antiga relação que tinha com a mãe, que a hostilizava em detrimento do pai. Assim, transfere da mãe para o pai as ligações objetivas afetivas reprimidas (Freud, 1931/1996). Azaléia amava muito seu pai e nega o mal que ele causou quando enganou a mãe e as abandonou, deixando que ela arcasse com os cuidados em relação à depressão da mãe. Nunca referiu sentir raiva (consciente) do pai; porém, guarda rancor e mágoa da mãe que não foi

capaz de enfrentar a situação e protegê-la, além de não ter conseguido manter o pai ao lado delas.

Cabe mencionar ainda que Azaléia sempre sentiu muito ciúmes em relação aos irmãos, pois sua mãe sempre os protegia e dizia que seu irmão mais velho era inteligente, fazendo-a sentir-se preterida. Confessa que sentia certo alívio e prazer quando o pai os agredia fisicamente; afinal, ela nunca apanhou do pai por ser a filha menina. Para Freud (1919/1996), a infidelidade na menina ocorre com a entrada de uma nova criança no vínculo, além de indicar que houve uma relação sexual entre os pais, da qual ela foi excluída. Isso lhe causa uma imensa ferida narcísica, cujas fantasias de vingança são transformadas em fantasias masoquistas de ser espancada, devido à culpa que sente por desejar agredir os pais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os dois casos investigados neste trabalho constituíram-se de situações de infidelidade de mulheres, que foram perpassadas por questões de escolha objetal homossexual. Ainda, no caso de Azaléia também se encontra vinculado à elaboração da identidade de gênero.

Observando-se, a história de vida dessas mulheres, verifica-se que em comum as duas tiveram relações maternas insatisfatórias, sendo os objetos parentais percebidos como indisponíveis, tanto para o cuidado e a segurança, como para modelo identificatório. Além disso, a relação conjugal parental era conflituosa, o que também deve ter influenciado as escolhas amorosas adultas.

Ambas sentem-se perdidas e expressam o desejo de encontrar uma paixão que as façam se sentirem vivas. No entanto, ainda que tenham sofrido carências afetivas significativas ao longo do desenvolvimento infantil, esforçam-se pra não repetir o vínculo que tiveram com suas mães, sendo boas cuidadoras. É importante referir que as duas participantes formaram vínculos conjugais duradouros após sofrerem maus tratos em relacionamentos anteriores. Ainda, observa-se que as duas buscaram atendimento psicoterápico após perdas significativas em suas vidas, Lírio com a eminência da morte da avó materna, e Azaléia, com o falecimento do pai.

No caso de Lírio, identificamos uma mulher com uma relação conjugal homossexual consolidada e com um filho oriundo de uma relação propositalmente escolhida pelo casal para que pudessem exercer a maternidade. Ocorreram vivências precoces de abandono materno,

bem como ausência paterna. Tanto a figura materna como a paterna, que deveriam ser seus modelos identificatórios, foram internalizadas como objetos abandonantes, incapazes de exercer a proteção e o cuidado. A avaliação projetiva também confirma as vivências depressivas e os sentimentos de abandono decorrentes, experiências que tornaram a experiência de vinculação com o outro como situações ambivalentes, ao mesmo tempo temerosas, mas também altamente desejadas.

Com relação aos aspectos interrelacionais, a preocupação evidente de Lírio é com o vínculo romântico e a dúvida na manutenção destas relações amorosas face ao temor de traição. Entretanto, a traição é um conflito ambíguo, pois ela não se percebe somente como vítima, mas, também, como agressora em relação ao objeto de amor. Lírio frustra-se rapidamente com o objeto de amor caso ele não realize seus desejos imediatos, o que remete à fase inicial mais primitiva do ser humano. Além disso, o temor de ser invadida – e, assim, fusionar-se com objeto gerando a perda da sua identidade – faz com que evite ter uma relação mais íntima. Por consequência, desqualifica o objeto de amor, sendo-lhe infiel e, portanto, incapaz de estabelecer uma relação de forma mais íntima.

Assim, podemos auferir que Lírio não pode realizar essa troca de objeto de desejo porque sua mãe ficou internalizada de forma ausente, não podendo servir como um modelo de identificação que servisse como o ideal de mulher para Lírio. Por conseguinte, Lírio faz uma escolha objetual homossexual. Ademais, estar com uma companheira é uma forma de tentar dar a outra mulher o que ela ansiava receber de sua mãe quando era criança, permanecendo, assim, em uma posição de dependência do amor materno e identificada com um objeto ausente.

Mas, por que a procura por atendimento? A perspectiva de morte da avó, o fato de não aceitar ter sido traída, sua própria ambivalência – ninguém é de ninguém ou quando diz que ela própria se trai – apontam para uma crise impulsionada por falhas na repressão.

Já no caso de Azaléia, a culpa inicial por trair o marido, a dúvida quanto a permanecer casada ou não e os questionamentos quanto à sua escolha objetual e sua identidade de gênero, a fazem buscar ajuda. Na verdade, a traição que Azaléia comete ocorre a partir do momento em que seu pai vem a falecer. Ao contrário de Lírio, Azaléia estava em um relacionamento heterossexual há mais de 20 anos quando se envolveu com um relacionamento homossexual. Em termos de sua história de vida, ainda que não tenha sido concretamente abandonada pela mãe, houve conflitos graves em seu desenvolvimento. Seu pai costumava aventurar-se sexualmente fora de casa, abandonando esposa e filhos, fazendo com que a mãe de Azaléia ficasse muito deprimida. Azaléia, então, se sentia obrigada a ficar ao lado da mãe, cuidando-a

em um período que necessitava ser cuidada. Assim, com a morte do pai, Azaléia cinde a personalidade ao se identificar com o objeto morto e adotar o seu comportamento através da forma como se veste e caminha: *“parece que estou vivendo uma coisa dupla... estou confusa, não sei mais quem sou”*. É provável que Azaléia se sentisse desamparada por não possuir recursos internos de ego capazes de ajudá-la a lidar com perdas. Coincidentemente, os resultados do TRO (2008) apontam que, através dos mecanismos de defesa da projeção e do uso do pensamento mágico, Azaléia faz esforços reparatórios para enfrentar a dor da perda do pai, de forma a preservá-lo da morte, dificultando que consiga lidar efetivamente com vínculos da realidade.

Assim, nos dois casos, fica evidente a ausência da figura paterna, além de a mãe ter sido um objeto indisponível, confirmando a teoria de Mitchell (2000) de que a não internalização de um objeto materno que garanta o amparo necessário termina por desenvolver sujeitos com grande dificuldade de intimidade. Conforme Kernberg (1995), a mulher que não teve um relacionamento satisfatório com sua mãe – esta que não pode tolerar a sexualidade da filha pequena, bem como o desenvolvimento da sensualidade corporal da menina e, posteriormente, do amor pelo pai – traz uma ideia inconsciente de que a mãe é hostil e rejeitadora, que resulta em uma culpa inconsciente pela intimidade sexual e de comprometimento com um homem, e gera ambivalências das relações pré-edípicas e edípicas.

Diante disso, a mudança de objeto de amor da mãe pelo pai pode ficar distorcida, desenvolvendo um relacionamento sado-masoquista com um homem. Se ela se torna narcisista, pode passar a desvalorizar o parceiro e distanciar-se emocionalmente, além de também poder ser promíscua. Caso o pai seja sádico, rejeitador ou sedutor, poderá agravar esta situação. Assim, no caso de Lírio, apesar de ter tido um relacionamento pacífico com o pai, ela não o sentia como tal, configurando-se, assim, um modelo parental rejeitador. Já na situação de Azaléia, isso não se configurou de forma diferente; afinal, o pai a abandonou diversas vezes, na medida em que se separava da mãe para viver outros romances.

Cabe destacar que as triangulações podem destruir um casal ou reforçar sua intimidade e estabilidade (Kernberg, 1995). As situações apresentadas parecem permitir a estabilidade de conflitos edípicos não resolvidos, por envolverem formações de compromisso, fazendo com que as representações de objeto sobreponham-se ao objeto amado. Desta maneira, a agressão existente nesses conflitos não consegue ser expressa, e o casal acaba por não ter um relacionamento profundo e íntimo (Kernberg, 1995).

Nesse sentido, entende-se a infidelidade crônica como um sintoma, tendo em vista que, ao evitar o aprofundamento das relações e a consequente intimidade, ela se protege de

novamente viver a experiência assustadora de perda do objeto parental, impedindo que se estabeleçam vínculos satisfatórios com o outro, na atualidade.

Assim, a função especular materna – pela qual, através do olhar e do cuidado, é conferido ao sujeito o grau de existência, para que ele possa se identificar – não pode ser vivenciada pelas participantes, gerando-lhes sentimentos contraditórios de amor e ódio. Sendo assim, manter relações extraconjugais é uma forma de menosprezar o objeto primário, reduzindo sua importância e tornando-o menos poderoso, refere Mitchell (2000).

Vimos que, teoricamente, duas posições foram identificadas acerca da infidelidade. Para Mitchell (2000), as infidelidades mais leves associam-se com a fase edípica, enquanto as infidelidades crônicas remetem à fase pré-edípica, quando a criança tem que se vincular e imergir na relação para, posteriormente, se separar e individualizar-se. No entanto, justamente pelo fato de a criança não ter uma relação materna satisfatória, na qual pode se sentir amada e segura, não é possível construir a intimidade necessária para estabelecer vínculos devido ao medo de perdê-los.

Concordamos com a posição de Mitchell (2000). Porém, pensamos que tal contribuição pode ser complementada à ideia de Hunyady, Josephs e Jost (2008), de que a cena primária evoca um tipo de insegurança do vínculo. Assim, frente ao trauma da traição edípica, a criança irá se identificar com um dos papéis do triângulo amoroso edípico, o qual predominará e se refletirá em seus relacionamentos amorosos posteriores. Uma das possibilidades é de que, na fase edípica, a criança se identifique com a posição de injuriada, sentindo-se excluída, seduzida e traída (Freud, 1910/1996), ou identifique-se com o objeto parental desejado, mas infiel, ou – finalmente – o bem sucedido rival que mantém posse sobre o companheiro(a). É nesta última posição que Freud (1923/1996) considera possível uma solução identificatória, quando a criança se coloca como o rival vitorioso, esperando crescer e estabelecer igualmente uma relação amorosa no futuro. Pode-se, então, tecer a ideia de que se aproximar da monogamia é uma forma de restaurar uma ligação segura com a base familiar quando se precisa explorar o mundo de oportunidades sexuais fora da base nuclear (Shaver & Mikulincer, 2005).

Assim, o trauma e as situações de traição são parte de um processo psicológico amplo (Hunyady, Josephs & Jost, 2008). Conforme Kernberg (1995), quando o indivíduo faz uma parceria com o outro e passam a ser um casal, é possível preencher lacunas profundas inconscientes de identificação amorosa com os genitores. Então, o desejo de reparar as relações dominantes do passado e a tentação de repeti-las podem ser reencenados através da identificação projetiva, pela qual se induz o outro a ser o objeto edípico/pré-edípico. Nesse

sentido, os infiéis encenam e reencenam um *script* pré-determinado (Mitchell, 2000), pois a entrada do terceiro é uma forma de reencenar a própria cena edípica (Kernberg, 1995).

Com relação ao trabalho psicoterápico, cabe ao terapeuta ajudar o paciente a elaborar o luto pelo objeto primitivo perdido, através da criação de um espaço psíquico que possa ser preenchido com verdadeiras relações, ocupando, assim, o vazio existente (Mitchell, 2000). Desta forma, se a infidelidade crônica é resultado de uma dificuldade de estabelecer vínculos – constituindo, portanto, um sintoma – não é necessário construir uma característica nosológica, tendo em vista que os arranjos conjugais são pautados, também, por questões culturais e sociais. Todavia, o pulsional nunca é totalmente dominado pelo social; logo, o mal estar na cultura impõe renúncias que possibilitam a instauração do simbólico (Moscona, 2007).

Além disso, considerando que os arranjos conjugais não se constituem somente pelos vínculos heterossexuais, mas também como manifestações de configurações conjugais homossexuais, a clínica contemporânea necessita aprofundar a compreensão da dinâmica das relações afetivas de casais homossexuais e de suas vicissitudes. Afinal, a forma como se vive a sexualidade é parte da identidade subjetiva, mas o que somos vai além da prática sexual (Ceccarelli, 2008). Portanto, a infidelidade refere-se a uma experiência que independe de gênero e acomete qualquer configuração conjugal, podendo se constituir como uma problemática clínica também nos casais homossexuais.

Assim, ainda que estes casos tenham trazido grande contribuição para a compreensão do comportamento infiel crônico, cabe ressaltar que não podemos esgotar as possibilidades interpretativas acerca do tema. Afinal, este estudo apresenta características específicas, tais como a escolha objetual homossexual, o gênero das participantes e sua faixa etária. Ademais, outras questões podem estar relacionadas aos casos de infidelidade.

Dessa forma, no presente estudo, foi possível identificar que as questões relativas à infidelidade estão correlacionadas com as representações de objeto internalizadas, que podem estar ligadas às questões edípicas como tradicionalmente vem sendo estudado por autores psicanalíticos. Ainda, podem se referir às demandas narcísicas do desenvolvimento, relacionadas às experiências primárias de contato com os objetos parentais. Assim, os relacionamentos amorosos configuram-se pela reedição das relações infantis com os objetos parentais e suas representações, seja por revivências edípicas, nas quais é preciso haver o triunfo sobre o objeto ao qual se vincula, ou pré-edípicas, como forma de resgatar o objeto primitivo perdido. Sobretudo, “as inúmeras peculiaridades da vida amorosa dos seres humanos, bem como o caráter compulsivo do próprio enamoramento, só se tornam

inteligíveis numa referência retrospectiva à infância e como efeitos residuais dela” (Freud, 1905/1996, p. 216. Nota de rodapé acrescentada em 1915).

REFERÊNCIAS

- Alcântara, C., Grassano, E., Rossini, S., & Reimão, R. (2007). O Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO) em pacientes com narcolepsia. *Mudanças*, 15(1), 48-58.
- Altman, L. L. (1977). Some vicissitudes of love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25(1), 35-52.
- Braier, E. A. (2008). *Psicoterapia breve de orientação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ceccarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, 2(2), 71-93.
- Colaiacovo, D., Foks, S., Prátula, A. I., & Cababié, M. D. (2007). Intimidad, fantasías, sueños: su relación con la infidelidad en el vínculo de pareja. Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos* (pp. 43-46). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Eizirik, C. L. (2001). Psicanálise e universidade: pesquisa. *Revista de Psicologia da USP*, 12(2), 221-228.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 171-172.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).

- Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia do grupo e análise do ego. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 155-161). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 191-209). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 273-296). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1996). Sexualidade feminina. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 21, pp. 231-251). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931).
- Hunyady, O., Josephs, L., & Jost, J. T. (2008). Priming the primal scene: betrayal trauma, narcissism and attitudes toward sexual infidelity. *Self and Identity*, 7(3), 278-294.
- Josephs, L. (2006). The impulse to infidelity and oedipal splitting. *International Journal of Psychoanalysis*, 87(2), 423-437.
- Josephs, L., & Shimberg, J. (2010). The dynamics of sexual fidelity. Personality style as a reproductive strategy. *Psychoanalytic Psychology*, 27, 273-295.
- Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma explicação psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mitchell, L. (2000). Attachment to the missing object: Infidelity and obsessive love. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 2, 383-395.
- Moscona, S. L. de. (2007). ¡Quiero saber la verdad! ¿Quiero? Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos*. (pp. 19-42). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Phillipson, H. (2008). *Test de Relaciones Objetales*. Buenos Aires: Paidós.

- Ramires, V. R. R., & Benetti, S. P. C. (2008). Pesquisa intervenção na clínica psicológica da infância e da adolescência. Em L. R. Castro & V. L. Besset. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 587-613). Rio de Janeiro: Nau.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality*, 39, 22-45.
- Silva, J. V. V., Rosa, J. T., Paegle, I. C., Braunholz, M. A. S., & Bolgar, M. F. (2004). Contribuições do Teste de Relações Objetivas de Phillipson para o diagnóstico do funcionamento mental de pacientes com transtorno de pânico. *Psico*, 5, 48-65.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stubrin, J. P. (1998). A psicanálise e as homossexualidades. Em R. Graña (Org.). *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa-definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2, 93-108.
- Vieira, L. L. F. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(2), 487-525.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

SEÇÃO III – RELATÓRIO DE PESQUISA

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo apresentar a forma como foram construídos os elementos que embasaram esta pesquisa. Ele traz a definição do conceito de infidelidade e examina a construção dos vínculos amorosos na contemporaneidade até chegar a alguns estudos sobre o tema da infidelidade conjugal desenvolvidos nas áreas da Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciências Sociais, Jornalismo, Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise.

Palavras-chave: infidelidade. Relação conjugal. Amor. Psicanálise. Psicologia.

ABSTRACT

The aim of this paper is to demonstrate how the basic concepts used on this study were developed. It includes the definition of infidelity, and investigates the development of contemporary loving relationships. It also provides studies on couple's infidelity in different fields such as Anthropology, Sociology, Philosophy, Social Science, Journalism, Psychiatry, Psychology and Psychoanalysis.

Keywords: infidelity. Couple's relationship. Love. Psychoanalysis. Psychology.

1INTRODUÇÃO

Esta dissertação – *Uma compreensão psicanalítica acerca da infidelidade conjugal* – surge da experiência de dez anos de prática clínica, em que foi evidenciada a presença de diversos casos clínicos envolvendo os relacionamentos amorosos e suas vicissitudes, sendo, portanto, a infidelidade a demanda por atendimento psicoterápico.

Assim, com base nas contribuições de Freud, juntamente com o referencial psicanalítico contemporâneo através dos estudos de Kernberg (1995a; 1995b), Mitchell (2000) e Josephs (2006), esse trabalho teve por objetivo compreender os processos psíquicos associados às situações de infidelidade, de forma a contribuir para o aprimoramento teórico conceitual das questões amorosas, bem como para o trabalho clínico em psicoterapias psicanalíticas.

Esta seção contempla a descrição das etapas desenvolvidas na pesquisa. São apresentados a metodologia utilizada e os dois casos estudados. Neles, foram trabalhados a síntese da história de vida, a síntese das sessões, os mecanismos de defesa, as funções do ego,

o conceito de infidelidade para os sujeitos, os vínculos e as representações edípicas, além dos resultados da avaliação de um teste projetivo: o Teste das Relações Objetais (TRO) de Herbert Phillipson (2008).

Na perspectiva de construção de vínculos, o tema da infidelidade conjugal constitui-se como um tópico desafiador que, apesar das transformações sociais, da maior liberdade sexual e das mudanças das relações amorosas, mantêm-se como um fenômeno que mobiliza o imaginário das pessoas.

Dessa forma, para além do interesse psicanalítico sobre o tema, a questão da infidelidade também é objeto de estudo de pesquisas de outras áreas, tais como da saúde, da antropologia, da filosofia, das ciências sociais e da psicologia. Diante disso, é apresentada uma revisão sobre o conceito de infidelidade, perpassando a história do amor, do casamento e da sexualidade. Após, são destacados alguns estudos sobre a infidelidade de homens e mulheres, e o respectivo impacto em questões de saúde, conflitos conjugais, dentre outros.

2 INFIDELIDADE CONJUGAL: DEFINIÇÃO, CONTEXTO E PESQUISAS

Ao deparar-se com a literatura sobre o tema da infidelidade conjugal, observa-se que o conceito de infidelidade envolve diversos aspectos, tais como características psicológicas do indivíduo, a estrutura, o caráter e a personalidade do sujeito, do cônjuge, bem como características sociais e culturais. Logo, a definição ou conceituação de infidelidade é uma tarefa difícil.

Primeiramente, o dicionário Aurélio (Ferreira, 2008) define *fidelidade* como sendo a qualidade de ser fiel – que significa ser leal, honrado, com o qual se pode contar – além de seguro, verdadeiro e, ainda, membro de seita ou religião. Por sua vez, *leal* é definido por sincero, honesto e franco. Já a palavra *traição* significa ato ou efeito de trair (-se), o que é curioso, pois lança a dúvida: a quem se é infiel quando se trai?

Recorrendo-se à lei, verifica-se que o próprio Código Penal Brasileiro nunca trouxe o conceito de adultério. Até 2005, este Código (Brasil, 2009) trazia a conduta de cometer adultério previsto como crime no artigo 240, sujeitando o autor do fato a uma pena de detenção de quinze dias a seis meses. Entretanto, aquele tipo penal nunca definiu o que fosse tal conduta. Atualmente, o artigo encontra-se revogado, pois não faz sentido utilizar o Direito Penal para punir condutas eminentemente particulares, ainda que possam ser consideradas imorais. Por sua vez, o artigo 235, ainda vigente, refere-se ao crime de bigamia, que consiste

em contrair novo casamento sendo casado ou contrair casamento com alguém casado. A pena de reclusão é de dois a seis anos.

Ainda que, na literatura científica, encontrem-se trabalhos e pesquisas com ênfase nas relações sexuais com outra pessoa que não o companheiro – relacionamentos denominados extramaritais – Whisman e Wagers (2005) consideram que esta expressão não traduz todos os tipos de envolvimento extradiático. Para estes autores, a expressão “traição no relacionamento”³ refere-se às violações das expectativas emocionais e físicas vividas com o companheiro. O segredo da infidelidade e, conseqüentemente, a mentira, envolvem o sentimento de ser enganado que resulta na desilusão e em problemas de relacionamento.

Pittman (1994) aponta que a infidelidade poderia ser classificada sob diversas formas, sendo a sexual a mais comumente falada. No entanto, para ele, a infidelidade consiste não tanto no sexo, mas na desonestidade e no segredo do ato. Basicamente, a infidelidade consiste no rompimento de um acordo, sendo um sintoma da fragilidade de um casamento, podendo justamente indicar a necessidade de evitar enxergar os problemas. Segundo o autor, algumas crenças sobre a infidelidade relacionam-se à ideia de que a traição faz parte do casamento, podendo ser negada ou culpabilizada pelo outro cônjuge e, uma vez descoberta, a separação é inevitável. Entretanto, em função de propor entender a infidelidade como um sintoma, os casos extraconjugais não necessariamente acabam com o casamento, pois, apesar de a traição envolver sexo, este não é o propósito do caso extraconjugal. Assim, para falar-se de infidelidade, é preciso primeiramente compreender a fidelidade.

Nesse sentido, Colaiacovo, Foks, Prátula e Cababié (2007) compreendem que a fidelidade surge antes como uma necessidade social para somente depois ser entendida como algo moral, importando o seu interjogo no decorrer do tempo. Conforme os autores, trata-se de um contrato do casal em que se respeitam pactos implícitos e explícitos estabelecidos. Consiste em um projeto de futuro do relacionamento, no qual há amor, respeito, atração erótica e ternura, e que acabam por eleger a monogamia. Todavia, para isso ocorrer, muitos obstáculos serão percorridos, além de outras atrações e escolhas que se atravessarão. Assim sendo, a infidelidade é uma ruptura de um pacto implícito ou explícito que dava garantias ao casal contra a desilusão, a ameaça de ruptura e a angústia.

Esta complexidade deriva das várias interfaces que o conceito de infidelidade possui. Assim, para abordar a infidelidade, é preciso também considerar o conceito de amor e casamento. Logo, além dos aspectos legais, outras características culturais e históricas se

³ “Relationshipbetrayls”.

fazem presentes na compreensão dos fenômenos dos relacionamentos humanos. De modo geral, o amor entre seres humanos sempre foi retratado pelos escritores e artistas em suas obras de forma romântica.

No entanto, na contemporaneidade, Bauman (2004), por exemplo, traduz as relações amorosas pela expressão “Amor Líquido”. O autor traz a ideia de que a sociedade contemporânea tornou seus relacionamentos descartáveis, como ações de investimento que, quando estão em menor valor no mercado financeiro, simplesmente são descartadas. A sociedade não é mais movida por desejos e sim por impulsos que, muitas vezes, podem ser autodestrutivos.

Birman (2006) alerta que uma das conseqüências disto é um excesso de angústia nas pessoas que as impele à ação para não ficarem tomadas por ela. Essa descarga de excitabilidade pode expressar-se no ato sexual, no qual elas o repetem incessantemente – já que o alvo não é alcançado – como uma forma de poder reparar um trauma, o que não acontece.

Conforme Matarazzo (1989), as pessoas passaram a trocar de parceiros ao se depararem com as possíveis dificuldades encontradas nos relacionamentos, tais como ciúme, sexo, dependência e posse. Desse modo, começaram a evitar se envolverem emocionalmente tornando o sexo e o amor desvinculados. Os relacionamentos passaram a centrar-se no sexo mecânico e imediato, no qual a busca é por maior rendimento e não por uma troca de investimento afetivo. O sexo foi transformado em uma compulsão, na qual se mantém uma relação sexual para não se sentir, e quanto mais “se transa”, menos se torna capaz de amar.

Matarazzo (1989), Bauman (2004) e Birman (2006), portanto, apresentam elementos importantes do contexto social que influenciam as práticas de uma determinada sociedade. Assim, observa-se que as condutas amorosas, fundadas no conceito do amor romântico associado à monogamia, sofreram transformações na atualidade, o que leva ao segundo aspecto desta compreensão, que diz respeito a que diferentes formas culturais e sociais foram organizadas ao longo da história para regular o amor e a sexualidade (Moscona, 2007). Nessa direção, quando se pensa em união conjugal, logo vem à mente a ideia de que amor e sexo deveriam ser conjugados.

Por sua vez, a história do casamento é diferente. Aratany (2007) menciona que, historicamente, o casamento passou por inúmeras transformações ao longo do tempo. Ele foi criado inicialmente com o objetivo de garantir direitos de herança, bem como proteger as mulheres, os interesses econômicos e o poder, além de estabelecer normas para o comportamento sexual. A pré-história comportou duas etapas da monogamia: a monogamia

natural e a monogamia que assegurava o patrimônio familiar (Gamboa, 1998). Até no Antigo Testamento, encontram-se normas que regulavam a conduta sexual, verificando-se que, dependendo da cultura, as práticas amorosas e as sexuais eram distintas. Por exemplo, na cultura egípcia, o incesto era permitido, e a circuncisão era uma ritual da adolescência. Na Grécia, a homossexualidade era comum entre púberes e adultos.

Posteriormente, na Idade Média, o casamento monogâmico passou a ser referendado, surgindo a noção do sexo como sendo demonizado (Gamboa, 1998). Em 1530, durante a Reforma Protestante, aconteceu o primeiro divórcio, entre Enrique XV e Ana Bolena. No final do século XV, apareceram, na Europa, as doenças sexualmente transmissíveis, que eram consideradas um castigo celestial. Durante o século XVIII e XIX (época vitoriana), a sexualidade foi cada vez mais reprimida, sendo que a masturbação era considerada inapropriada.

A sexualidade, então, só passa a ser abordada pela ciência em 1882. Inicialmente, Richard Kraft Ebing escreveu *Psichopatiasexualis*, e Sigmund Freud introduziu a importância do desenvolvimento sexual para a compreensão psíquica do sujeito, através da Psicanálise. Já no século XX, a temática da sexualidade surgiu em diferentes questões da vida humana. Havelock Ellis (1859-1939), por exemplo, publicou uma obra na qual descreve que o desejo sexual é igual, tanto para homens quanto para as mulheres (Gamboa, 1998).

Também, pela primeira vez, considera-se a possibilidade do controle da natalidade. Nesse sentido, Margaret Sanger iniciou o movimento de controle de natalidade nos Estados Unidos. Além disso, desenvolveram-se as bases do movimento feminista, quando Germaine Greer (1939) publicou a obra *O Eunuco Feminino*. Surgiram os estudos sistemáticos sobre a sexualidade, tais como a pesquisa de Alfred Kinsey, e de Masters e Johnson. Estes últimos publicaram em 1966 a *Resposta Sexual Humana*, referindo que homens e mulheres possuem a mesma resposta sexual. Por fim, em 1974, a disciplina que estuda a sexualidade – a Sexologia – foi considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como fazendo parte do conceito integral de saúde do ser humano (Gamboa, 1998).

Dessa forma, somente no século XX o ideal romântico do amor associou-se ao casamento (Aratangy, 2007) e a escolha do companheiro passou a ser feita pelos parceiros, recaindo sobre eles a responsabilidade sobre as suas escolhas.

O amor é parte essencial da vida humana. Ele é responsável por alicerçar a felicidade, a constituição da família e o sexo (Rios, 2008). Na Modernidade, o amor “cupiditas” – como é chamado pelos teólogos e filósofos – expressa o ápice da realização pessoal, também podendo ser chamado de amor romântico. Assim, o amor (ou a sua falta) é responsável por guiar as

escolhas do indivíduo e, deste modo, como pontuou Freud (1914/1996), é preciso amar para não adoecer: “um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar, a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (p. 92).

Assim, nessa perspectiva de construção de vínculos, ainda hoje muitos relacionamentos esbarram em um tema polêmico que causa dificuldades na vida a dois: a infidelidade conjugal. Tanto as pessoas que sofrem a traição quanto as que a praticam, vivenciam momentos de intensa angústia, dúvida e dor. Apesar de a infidelidade não ser mais a principal causa de separação encontrada nas Varas de Família, este ainda é um tema que assombra a estabilidade dos relacionamentos (Costa, 2007).

Dessa forma, diversas pesquisas em diferentes lugares buscam identificar as características de indivíduos, as motivações, questões culturais e familiares associadas às relações extraconjugais⁴, principalmente dirigindo-se para a compreensão de padrões de comportamento nas questões de saúde como, por exemplo, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis. Pesquisas sobre a transmissão do HIV identificaram alguns fatores associados à traição.

Na Índia, foi realizada uma pesquisa mista com 2.408 homens, com idade entre 21 e 40 anos, de três comunidades e 260 homens com suas esposas. Objetivou-se estudar a natureza da sexualidade extraconjugal do homem, explorar associações entre o relacionamento conjugal e o sexo extraconjugal, e desenvolver intervenções a partir dos resultados achados. Assim, foi identificado que o uso de álcool pelo homem, o menor nível de educação e ser bem mais velho do que a esposa, o tornam mais propenso a ser infiel (Schensul, Mekki-Berraba, Nastaski, Singh & Bojko, 2006). Já nas Filipinas, em um estudo exploratório que visou analisar uma amostra nacional de mulheres, foi apontado que os fatores que levam os maridos a terem relações sexuais fora do casamento consistem no fato de a esposa ter menor nível de educação do que o esposo, de estarem casados há muito tempo, de o homem não trabalhar no campo, de ser mais jovem e de ter feito sexo com outra pessoa antes do casamento (Ahlburg, Jansen & Perez, 1997). Na Nigéria, foram realizados estudos de caso com vinte casais de duas comunidades diferentes. Os homens foram entrevistados, a fim de averiguar seu comportamento sexual extraconjugal. Da mesma forma, foi encontrado que outros aspectos como as desigualdades econômicas, as diferenças de gênero, as condições

⁴ Nos artigos, são identificados tanto os termos *infidelidade* e *traição*, como a expressão *relações extraconjugais*. Portanto, neste trabalho, esta nomenclatura também será considerada como sinônimo.

morais e as aspirações por modernos estilos de vida compõem a organização social da infidelidade (Smith, 2007).

No contexto dos maus-tratos e da negligência, o tema da infidelidade também aparece relacionado à violência, no qual a honra é um valor preponderante. Em algumas culturas, a violência doméstica encontra-se de alguma forma sancionada e reforçada (Vandello & Cohen, 2003). Em estudos realizados com brasileiros e americanos, percebeu-se que não apóiam o fato de o homem bater na esposa quando esta lhe é infiel; entretanto, os brasileiros parecem *desculpar* o marido ou estigmatizá-lo menos por seus atos violentos.

Assim, as Ciências Sociais buscam investigar a ligação entre os relacionamentos amorosos e o contexto em que estão inseridos (Bauman, 2004), as diferenças de gênero e a cultura na qual vivem (Arent, 2009), tentando encontrar possíveis influências sobre os comportamentos de infidelidade. Em sua pesquisa sobre clube de mulheres, Arent (2009) compreendeu que a infidelidade feminina ocorre a partir da influência do homem, pois, na verdade, a mulher ainda busca realizar-se de forma semelhante ao homem, ao invés de agir conforme a sua própria vontade. Ademais, a mulher tende a culpar o casamento pela sua insatisfação, colocando-se no papel de vítima para conseguir se autorizar a ser infiel.

No contexto social contemporâneo, onde predominam o fator tempo, a rápida velocidade e, como consequência disso, as carências afetivas, o mundo virtual ocupa este espaço significativo quando se trata de relacionamentos interpessoais, tendo em vista que propiciam que fantasias possam vir à tona. Uma pesquisa cognitiva social com universitários do norte da Irlanda constatou que sexo virtual não implicava que o companheiro estivesse apaixonado, e necessariamente estar apaixonado *on-line* não implicava que havia sexo virtual (Whitty & Quigley, 2008). Ademais, evidenciou-se que os homens ficam mais tristes com a infidelidade sexual das mulheres, enquanto elas ficam mais tristes com a infidelidade emocional. Para eles, as mulheres fazem sexo quando estão apaixonadas e, para elas, os homens fazem sexo independente do amor.

A curiosidade sobre o que pode ser traduzido por infidelidade ou traição tornou-se pauta para busca de informações através das pesquisas jornalísticas. Druckerman (2009) desejou conhecer as regras da infidelidade no mundo e saber como as diferentes culturas canalizam a infidelidade. Para isso, visitou 24 países. A amostra não foi científica, mas estratégica e pessoal e até mesmo acidental. A autora identificou expressões interessantes para representar casos amorosos, como por exemplo, na Indonésia, onde se fala “intervalo maravilhoso”; no Japão, “amigos sexuais”; na China dos anos 70, “problemas de êxito de vida”. Por sua vez, um homem *mulherengo* pode ser denominado como “homem que corre”

na África do Sul; na China, é definido por “estar em dois bancos ao mesmo tempo”; em Taiwan como “um grande nabo branco com miolo colorido”. No caso de ter sido traído em TelAviv, é conhecido por “uma égua amarelada também come”. Já quem é traído, pode ser chamado na China de “usa chapéu verde”; na Polônia “fazem um balão”; entre os ingleses “velho cuco”; e em Roma e na Arábia, “corno”.

Buscando compreender essa interação homem e sociedade, e as influências da cultura, também a antropologia se interessa por pesquisar a infidelidade. No Brasil, Goldenberg (2006) investiga, há vinte anos, as diferenças de gênero na cultura brasileira. Abordando a questão da infidelidade na perspectiva antropológica, a autora encontrou que a fidelidade é idealizada tanto no casamento quanto na relação extraconjugal. A fidelidade é vista como uma ilusão e, na verdade, esta ilusão é muito mais desejada do que a própria fidelidade em si (Goldenberg, 2006). O paradoxo da infidelidade que aparece entre os pesquisados é a de que por serem infiéis é que a fidelidade tem valor.

A filosofia sempre esteve presente no entendimento das dinâmicas amorosas e sexuais. Tomando como referência a sociedade grega, Foucault (1926/1984) discutiu conceitos sobre a sexualidade que incluíam questionamentos sobre o casamento e a fidelidade. Nesse caso, a fidelidade acontecia porque as relações de dominação sempre predominaram, até mesmo sobre o casamento, no qual, na visão do autor, só havia sexo entre o casal porque o homem exercia poder sobre a mulher. Além disso, o homem casado restringia seus prazeres e seus parceiros por ter que ser o chefe de família, exercendo, assim, autoridade em seu lar e mantendo a sua reputação.

Com o intuito de compreender as percepções do sujeito que vivenciou a infidelidade, na área da fenomenologia, Olson, Russell, Higgins-Kessler e Miller (2002) descreveram o processo emocional de indivíduos após a descoberta da infidelidade de um dos cônjuges. A partir de uma pesquisa realizada com treze pessoas (onze mulheres e dois homens, casados e com filhos), descreveram três fases pós-infidelidade. A primeira fase chama-se “*rollercoaster*”, quando, logo após a descoberta, segue-se um momento de raiva e agressividade, podendo-se ser até mesmo violento. É um momento de confusão e introspecção por não saber se deve se separar ou não. A segunda fase consiste no “*Moratorium*”, na qual os cônjuges desejam saber detalhes sobre a infidelidade. E a terceira, “*Trustbuilding*”, caracteriza-se pela fase posterior às brigas, quando há o engajamento do casal na reconstituição do casamento de forma mais madura, com maior diálogo e honestidade. Os autores encontraram que, para a maioria dos entrevistados, o episódio de infidelidade

proporcionou mudanças positivas, além de perceberem a fragilidade de um relacionamento que necessita de comunicação.

Scabello (2006) também realizou um estudo fenomenológico descritivo, almejando compreender como as pessoas ressignificam suas vidas após a experiência da infidelidade, além de entender os significados atribuídos à infidelidade amorosa do parceiro(a). Foram entrevistadas cinco mulheres casadas (sendo que uma separou-se após a infidelidade do parceiro, reconciliando-se com ele posteriormente), quatro homens casados (sendo que um separou-se após a infidelidade da parceira) e dois homens solteiros, que se separaram das namoradas após a infidelidade delas. A autora encontrou que a ideia de ideal romântico existente nas relações transmite uma noção de felicidade nas parcerias, sendo que os desencontros vivenciados fazem com que se deixe de idealizar a figura amada, manifestando-se através de insatisfações sexuais. Também, a infidelidade do parceiro(a) gera uma comoção pulsional, desencadeada pela perda/ruptura da imagem do parceiro que foi infiel, além da ruptura de sua própria imagem. Há sentimentos de raiva, impotência, ressentimento, insegurança, abandono, rejeição, solidão, falta de apoio familiar e social, falta de perspectiva futura, preocupação com os filhos, desejo de se separar, ciúme e até mesmo violência. No entanto, é possível haver reconstrução do relacionamento após a vivência da infidelidade.

Apesar de alguns comportamentos sexuais estarem associados a doenças psiquiátricas, patologias de caráter e parafilias, Levine (1998) considerou que a infidelidade não é uma atuação, mas está relacionada com a história pessoal do sujeito. Hipomania, abuso de cocaína, psicopatia e exibicionismo dificultam a capacidade da pessoa de permanecer fiel ao cônjuge. Porém, para o autor, é preferível pensar a infidelidade como uma questão existencial e não um estado mental desadaptativo, tendo em vista que se trata de uma escolha de comportamento, podendo acarretar consequências negativas para o sistema familiar. Dessa forma, não se pode equipará-la a uma psicopatologia, salvo quando seja manifestação de um distúrbio mental.

Diante de tais indagações, a psicologia também se faz presente ao contribuir com estudos de diferentes posturas teóricas, tais como a perspectiva evolucionária (Buss & Shackelford, 1997; Schmoekler & Bursik, 2007) e sistêmica (Pittman, 1994; Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Whisman & Wagers, 2005; Whisman, Gordon & Chatav, 2007; Whisman & Sneyder, 2007), que tentam compreender as motivações dos padrões de comportamento amoroso nos casais. Além disso, a Psicologia Evolucionária, por exemplo, estuda as diferenças de gênero em relação ao comportamento infiel do parceiro. Ela parte do princípio de que o comportamento humano é influenciado pelas leis naturais e pelos fatores hereditários (Lopes & Vasconcellos, 2008). Nesta perspectiva, a personalidade e os

comportamentos se dirigem para a constituição genética do indivíduo e a sobrevivência da espécie, sendo a monogamia, portanto, uma imposição cultural (Schmookler & Bursik, 2007).

Em um estudo clássico, Buss e Shackelford (1997) investigaram 107 casais para examinar o que os tornaria suscetíveis à infidelidade em seu relacionamento, verificando a presença de fatores de personalidade, tais como narcisismo e a consciência de suas atitudes; o contexto do relacionamento, incluindo a satisfação sexual e os conflitos existentes; além do valor atribuído ao parceiro. Identificou-se que as pessoas mais suscetíveis à infidelidade são as que possuem características de personalidade narcisista, psicótica, bem como um baixo nível de consciência. Além destes, os conflitos entre o casal, a insatisfação sexual e as reclamações referentes ao ciúme também foram reconhecidas como indutoras da traição. Estes aspectos foram identificados tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino.

Allen et al. (2008) destacaram que vários modelos teóricos foram aplicados para compreender o comportamento infiel, abordando questões relativas às características individuais, ao contexto do casamento, às questões sociais e culturais. Nesse sentido, os autores citaram a contribuição da Teoria do Apego (Allen & Baucom, 2004), a teoria social construtivista e os modelos cognitivos de investimento na relação conjugal, tais como satisfação, compromisso e investimento (Allen et al., 2008).

Um estudo longitudinal com 72 casais no oeste dos Estados Unidos visou acompanhar os casais antes e depois do casamento, com o intuito de descobrir as possíveis variáveis que levam ao comportamento infiel. Foi constatado que, naqueles pares que vivenciaram a infidelidade masculina, os homens apresentavam uma significativa insatisfação sexual, desqualificação feminina e um baixo nível de comunicação positiva (Allen et al., 2008). Por sua vez, os casais no qual a mulher foi infiel foram caracterizados por altos níveis de comunicação negativa, tanto masculina como feminina, elevados níveis de desqualificação feminina e masculina e baixos níveis de comunicação positiva feminina. Os autores destacaram que estas informações podem auxiliar os profissionais que trabalham com casais e famílias, no sentido de identificar os relacionamentos com mais chances de apresentarem dificuldades, intervindo nestas questões precocemente.

Lewandowski e Ackerman (2006), por sua vez, consideraram que o engajamento em relações amorosas na vida adulta representa uma possibilidade de expansão e aprimoramento do *self* do indivíduo, relativos à aquisição de maiores recursos pessoais, habilidades, autoconhecimento, resultando em maior eficácia e uma noção de si mesmo. Neste caso, a incapacidade desta expansão do *self* no relacionamento amoroso estaria associada à infidelidade. Assim, estudos sobre comportamentos e processos mentais relacionados à

traição são investigados também em pesquisas realizadas com indivíduos solteiros. Por exemplo, através de um questionário aplicado, nos Estados Unidos, a 109 estudantes que se encontravam namorando, foi solicitado que avaliassem suas necessidades de realização, autoexpansão, inclusão do parceiro no *self*, potencial para expansão do *self* e susceptibilidade à infidelidade. Conforme a previsão dos autores, verificou-se que a variável necessidade de realização e autoexpansão contribuiu significativamente para a infidelidade. Quando o relacionamento não provê possibilidades amplas de autoexpansão para o indivíduo, o risco de infidelidade aumenta.

Tentando compreender os motivos que levam as mulheres a terminarem seus relacionamentos extraconjugais a partir dos papéis sexuais e atitudes que lhes são atribuídas, Hurlbert (1992), investigou 59 mulheres entre 25 e 30 anos que foram infiéis em seu relacionamento. O autor concluiu que, para as mulheres que buscam sexo, o comportamento sexual do parceiro é fundamental para permanecerem no caso extraconjugal. Entretanto, se elas continuam o *affair*, acabam se envolvendo emocionalmente, dificultando o término do caso.

Além das perspectivas cognitivas e evolucionárias, a área sistêmica tem se dedicado extensamente ao estudo do comportamento infiel, ao impacto na vida familiar e do casal, e também ao desenvolvimento de intervenções na clínica da terapia de família. Em uma investigação com 2.291 indivíduos com idade entre 37 anos, casados por mais de 12 meses, Whisman et al. (2007) avaliaram a infidelidade sexual, as características de personalidade, a religião, o funcionamento conjugal e as variáveis familiares. Foi encontrado que a infidelidade foi positivamente e significativamente associada à neurose, à insatisfação conjugal e a suspeita do parceiro(a) ter um caso extraconjugal. Foi negativamente associada à baixa autoestima e religiosidade. Ademais, os autores encontraram, em sua pesquisa, que a infidelidade acontecia mais entre homens cujas esposas encontravam-se grávidas.

Com relação aos estudos sobre o comportamento feminino, Whisman e Sneyder (2007) buscaram estimar a prevalência anual da infidelidade nas mulheres casadas, bem como prever o que as leva a serem infiéis. Os autores descobriram que as pesquisas revelam índices de infidelidade feminina mais elevada, quando as participantes respondem a questionários via computador, ao invés de responderem pessoalmente. Além disso, a probabilidade de a infidelidade ocorrer é maior entre a etnia negra, quando se tem mais parceiros sexuais, quando se coabita ao invés de casar e quando há abuso sexual ocorrido na infância. A ocorrência da traição é menor quando se tem alta religiosidade. Nas entrevistas via

computador, descobriu-se que a probabilidade à infidelidade é menor quando se tem maior educação, quando se tem mais idade, e aumenta quando a mulher casa de novo.

Por último, agregando maior importância às questões internas do indivíduo para a compreensão da infidelidade, alguns estudos na Teoria do Apego têm destacado o papel do estilo de vínculo adulto em relação ao parceiro. Neste sentido, Mikulincer et al. (2002) revisaram estudos do estilo de apego adulto em relação às cognições, às emoções, ao comportamento, assim como a formação, a qualidade e a estabilidade dos vínculos. Os autores consideraram que os vínculos da infância exercem papel fundamental na formação, na qualidade e na manutenção do vínculo do casal, propondo um modelo compreensivo baseado no estilo de apego.

Em consonância com tal compreensão, na clínica psicanalítica, a capacidade de intimidade e a escolha objetal são processos psíquicos fundamentais para o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta. Entretanto, algumas pessoas evitam essa intimidade profunda (Mitchell, 2000), alguns casais a perdem (Kernberg, 1995) e outros temem ficar tão íntimos a ponto de se fusionarem com o parceiro e perderem a própria identidade (Costa, 2007). Consequentemente, como resultado da falta de intimidade, o casal deixa suas fronteiras abertas (Kernberg, 1995), permitindo a entrada de um terceiro, instaurando, então, a infidelidade.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Neste estudo, trabalhou-se com a pesquisa qualitativa por acreditar-se que ela é capaz de capturar significados e sentidos através da escuta, da observação e da interpretação (Turato, 2000). Principalmente, o que importa é o significado que é atribuído aos acontecimentos pelas pessoas, afirma o autor. Além disso, utilizou-se como delineamento a modalidade de Estudo de Caso.

Conforme alguns autores (Botella, 2003; Eizirik, 2006), um dos desafios contemporâneos da pesquisa em psicanálise é poder definir o seu método. Para Guimarães e Bento (2008), *o estudo de caso em psicanálise* tem como método a descrição da história do *pathos*-doença e da história do *pathos*-doença-transferência, além da escrita da análise, da interpretação e da construção teórica. Nesse sentido, Eizirik (2006) considera que a *pesquisa psicanalítica* permite estudar o que a dupla faz sobre as expressões, os significados e as rotas

heurísticas que produzem o sofrimento psíquico, através do tratamento e da investigação concomitantes. O método é o uso da sessão psicoterápica ou do processo analítico como cenário. Ao contrário, para o autor, a *pesquisa em psicanálise* emprega métodos de investigação diferentes, ainda que utilize conceitos psicanalíticos. Irribarry (2003) nomeia a *pesquisa psicanalítica* como aquela que trabalha com a imprevisão do inconsciente e, portanto, não pode exigir sistematizações exclusivas. Nesse processo de investigação, o pesquisador contribui para o problema da pesquisa na medida em que faz uma leitura direcionada a partir da escuta clínica; a transferência o meio utilizado pelo pesquisador para relacionar os seus achados com a literatura.

Segundo Botella (2003), ainda há outro tipo de pesquisa: a Pesquisa Fundamental. Esta tem como objetivo o estudo dos processos psíquicos inconscientes. A etapa inicial deste processo é marcada pelas características regressivas da análise, prosseguindo no material oriundo do pós-sessão, cuja elaboração secundária revela novos conhecimentos, culminando assim em uma hipótese-teórico clínica.

Mesmo com tais diferenças e semelhanças, é preciso que haja estudos que permitam um diálogo entre a Psicanálise e áreas afins, de modo que haja flexibilidade para investir em vários tipos de pesquisa, usando o referencial psicanalítico. O jargão “não me fale dos seus problemas, fale-me da sua depressão” – alerta Eizirik (2006) – representa um modelo biológico não mais aplicável, na medida em que a área da saúde tem o dever de criar ações que permitam desenvolver a subjetividade, propiciando crescer mentalmente, independente da escola que segue (Eizirik, 2001).

Assim, a pesquisa clínica é a matéria prima por excelência da psicanálise, tanto através de estudos de caso único como de sequências de caso – talvez o método de pesquisa mais adequado ao objetivo da investigação – e é dela que provém a maioria dos insights obtidos até o momento. (Eizirik, 2006, p. 172)

Nesse sentido, esta pesquisa trabalha com a psicoterapia breve de orientação psicanalítica, além do uso de um teste projetivo. No entanto, assim como na análise, ela também é marcada pelo estilo singular da dupla paciente-terapeuta (Irribarry, 2003). Ainda que nesta dissertação não tenham sido enfocados especificamente os aspectos transferenciais e contratransferenciais, tais fenômenos ocorreram e foram considerados na pesquisa para embasar a compreensão dos objetivos propostos. Afinal, a prática clínica é fundamental para investigar o latente, mas há procedimentos para coleta de dados e até mesmo instrumentos que poderão auxiliar o autor do trabalho na análise de dados.

Considerando, então, tratar-se de uma pesquisa psicanalítica, também deve ser ressaltado o caráter interventivo desse processo. Conforme Ramires e Benetti (2008), a

pesquisa intervenção na Psicologia Clínica, prioriza a singularidade do sujeito, consistindo em um tipo de pesquisa na qual a intervenção sistemática é prevista de alguma forma, pois a prática clínica do pesquisador é seu lócus de pesquisa.

A pesquisa intervenção articula a pesquisa e a intervenção, mas estas nem sempre coincidem (Ramires & Benetti, 2008). Às vezes, a demanda do pesquisador é diferente da necessidade do sujeito e aí há um impasse ético. A intervenção, quando vinculada à pesquisa, postula que, em primeiro lugar, está a postura psicólogo-pesquisador, a ética que rege sua conduta e o serviço que ele disponibiliza. Prioriza-se a relação que é construída, o campo relacional que se estabelece com as pessoas e o que dele é produzido em benefício do sujeito.

3.2 PARTICIPANTES

3.2.1 Descrição das Participantes

Lírio é uma mulher de 32 anos. É vaidosa, empenhada em seu trabalho e estuda em um curso técnico. Reside com a companheira há 17 anos. Lírio teve um filho há nove anos, cuja paternidade é de um amigo que concordou em engravidá-la. Ela buscou atendimento para descobrir o que busca, pois refere sentir-se perdida e ter sido sempre infiel em seus relacionamentos.

Azaléia é uma mulher de 54 anos que está casada há 24 anos com um homem, com o qual tem uma filha de 21 anos. Antes dele, foi casada durante nove anos com outro homem, com o qual teve uma filha, hoje com 31 anos. Apesar de ter sofrido grave depressão em sua adolescência, é esforçada e esperançosa. Deseja trabalhar fora de casa e, para isso, está estudando novamente. Azaléia traiu o esposo pela primeira vez, com outra mulher, e está em dúvida se continua casada. Ultimamente, está vestindo-se de forma masculina.

Ambas as participantes possuem nível sócio financeiro médio-baixo.

3.2.2 Procedimentos de Seleção

Os estudos de caso foram realizados com estas duas mulheres, individualmente, que vieram encaminhadas para avaliação psicológica por motivo de dificuldades conjugais associadas à infidelidade. Entende-se por infidelidade, neste trabalho, o fato de o sujeito

romper um pacto⁵ e ter, no mínimo, uma relação sexual com um indivíduo que não o cônjuge, independentemente deste fato ter sido revelado ou não.

3.2.3 Critérios de Exclusão e Inclusão

Como critério, aceitou-se trabalhar com sujeitos que estivessem em um relacionamento há mais de um ano e que tivessem rompido um pacto e traído seu companheiro com, no mínimo, um ato sexual.

3.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

3.3.1 Descrição do Local

A pesquisa foi realizada no consultório clínico da pesquisadora em um bairro de classe média da capital.

3.3.2 Contato com as Participantes

No primeiro contato, foi apresentada a possibilidade de participação em uma pesquisa sobre o tema, na qual a identidade do sujeito seria preservada. Após o consentimento do sujeito, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), iniciou-se a coleta dos dados.

As participantes da pesquisa compareceram ao consultório clínico da pesquisadora, durante três meses, em horário semanal conforme acordado pelas duplas e de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Cada sessão teve a duração de 45 minutos e não houve ônus para elas.

⁵ Segundo Colaiacovo, Foks, Prátula e Cababié (2007), a fidelidade consiste em um acordo entre o casal, no qual há pactos implícitos e explícitos de exclusividade sexual ou não. Está relacionado ao projeto de manter o relacionamento, sendo sustentado pelo amor, ternura, respeito e atração erótica.

3.4 DESCRIÇÃO DA ORDEM DE OBTENÇÃO DOS DADOS

A atividade desenvolvida consistiu na realização de psicoterapia breve de orientação psicanalítica (Braier, 2008), na qual se obteve dados para análise, ao mesmo tempo em que foi propiciado amparo ao sujeito, tendo em vista que se trabalhou com questões delicadas.

As participantes foram atendidas no modelo de psicoterapia breve de orientação psicanalítica. Ao todo, foram realizadas 16 sessões, sendo que as três primeiras consistiram em entrevistas de avaliação psicológica e aplicação do TRO (Phillipson, 2008).

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

3.5.1 Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e teve sua aprovação no dia 17 de maio de 2010, sob o número do processo: CEP10/039.

3.5.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue a cada participante, para que elas o assinassem, autorizando a divulgação dos dados encontrados mediante a preservação de sua identidade. Uma via ficou com elas e outra com a pesquisadora, que as guardou em caráter confidencial.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O estudo de caso foi analisado com base no material das sessões e no resultado do TRO (Phillipson, 2008). Na psicoterapia breve de orientação analítica, o terapeuta deve direcionar a associação do paciente, evitando o uso sistemático da associação livre para não intensificar os fenômenos transferenciais-regressivos. Assim, utiliza-se da atenção seletiva. No entanto, isso não deve implicar a ausência total da atenção flutuante, pois ela é útil para aprofundar a conflitiva focal e para a produção das devidas interpretações. Ademais, restringir-se totalmente ao não uso da associação livre e da atenção flutuante empobrece a

psicoterapia, correndo o risco de desconsiderar os aspectos inconscientes, mais profundos, e ficar em um nível pré-consciente, mais superficial (Braier, 2008).

Conforme Braier (2008), para fazer psicoterapia breve de orientação psicanalítica, é preciso preencher alguns requisitos. São eles: sofrer transtorno de início recente e agudo; ter uma patologia de caráter leve; força e plasticidade do ego; capacidade de insight, determinação e boa delimitação focal desde o início.

Estudos aliando a psicoterapia e os testes projetivos têm apresentado eficazes contribuições para a compreensão da dinâmica do funcionamento mental (Silva, Rosa, Paegle, Braunholz & Bolgar, 2004). Braier (2008) refere que a utilização de testes na psicoterapia breve ajuda no diagnóstico, nas indicações e nas contra-indicações, principalmente o teste Rorschach e o TRO (Phillipson, 2008).

O TRO (Phillipson, 2008) é um instrumento dirigido ao trabalho das relações interpessoais e intergrupais. O teste é composto por 13 lâminas divididas em três séries (A, B, C) que representam situações das relações objetais básicas: situações de uma pessoa, situações de duas pessoas e situações de três pessoas ou grupo. Consistem em lâminas coloridas, sendo uma lâmina branca. As situações variam quanto ao conteúdo e ao contexto da realidade. Todas as gravuras são ambíguas, não representando um movimento em si.

Este teste é utilizado para investigar a qualidade do vínculo emocional com os objetos, bem como suas vicissitudes, além de analisar os recursos egóicos perante situações de separação do objeto de dependência (Silva et al., 2004). Além disso, o teste é empregado com o intuito de avaliar os mecanismos de defesa utilizados pelo indivíduo, os medos e os sentimentos existentes (Alcântara, Grassano, Rossini & Reimão, 2007).

3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Ao final de cada sessão, a pesquisadora relatou o que havia sido dito sob forma de associação livre. Após a coleta de dados, foi feito o levantamento destes através da análise das falas dos sujeitos e da evolução das sessões. Também foram levantados os dados do teste pela pesquisadora e, posteriormente, comparados com o levantamento realizado pela Orientadora, de forma a evitar possíveis tendenciosidades. Com esses dois resultados, foi possível tecer algumas hipóteses acerca dos objetivos propostos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ESTUDOS DE CASO

O objetivo deste trabalho dirige-se para a compreensão aprofundada dos processos psíquicos associados às situações de infidelidade. Conforme este foco, serão apresentados os casos estudados, voltando-se especificamente para a história de vida do sujeito, os vínculos construídos e as angústias, identificando as características das relações afetivas derivadas das representações objetais internalizadas, bem como as ansiedades e os conflitos relativos às vivências edípicas.

Portanto, espera-se que possam ser oferecidos elementos compreensivos dos processos psíquicos envolvidos nas situações de infidelidade, de forma que sirvam de base tanto para o aprimoramento teórico conceitual das questões amorosas sob o vértice da teoria psicanalítica, como para o trabalho clínico em psicoterapia.

4.2 DISCUSSÃO PARCIAL DO CASO I – LÍRIO

4.2.1 História de Vida

Lírio é uma mulher de 32 anos. Aprecia viajar, passear, divertir-se. É esperançosa quanto ao futuro, almejando terminar os estudos e construir uma carreira profissional. Ela buscou atendimento, logo após uma cirurgia de retirada do útero, para “*descobrir o que eu busco, não sei o que eu busco*”. Reside com a companheira mais velha, desde os seus 15 anos de idade. Lírio teve um filho há nove anos, cuja paternidade é de um amigo que concordou em engravidá-la. É uma mãe zelosa, dedicada, mas, às vezes, invasiva por exagerar nos cuidados com o filho que tanto ama. Refere ter sido estranho engravidar de um homem, mas elas desejavam “*construir uma família*”. O pai não convive com o filho, por ter construído uma nova família e porque Lírio não incentiva tal convívio por temer perder o filho, causando ao menino tristeza. Nunca foi contado a ele, explicitamente, que são um casal.

Conforme conta, sua casa é um lar e, portanto, deve propiciar um bom ambiente para o desenvolvimento de seu filho. Dessa forma, não tem o hábito de convidar os amigos do meio *gay* para a visitarem. Segundo ela, eles são pessoas bondosas, mas promíscuas e exibicionistas no que tange aos aspectos da sexualidade. Lírio não quer que o filho conviva com eles por temer que possa tornar-se homossexual. Refere que demorou a aceitar sua homossexualidade

porque sentia vergonha. Ela diz que seus amigos não a veem como homossexual e que ela sabe que não aparenta ser. No entanto, nunca teve desejo por homens. Seu olhar é sempre direcionado a mulheres, ainda que discretamente.

Os avós maternos de Lírio, com quem sempre morou, foram os responsáveis por seu crescimento, pois sua mãe vivia trabalhando. Seu avô casou aos 18 anos com a avó de Lírio. Na época, ele era cego devido a um acidente que sofrera anteriormente. Ele faleceu de cirrose quando Lírio tinha 14 anos. Foi um momento de grande perda para ela. Nessa ocasião, sua avó – a quem considera sua mãe – ficou deprimida e vendeu a casa onde moravam. Lírio sentiu-se sozinha e abandonada, pois a avó não tinha mais condições de cuidá-la. Lírio pediu auxílio à mãe biológica, que morava com um novo esposo, mas esta lhe fechou o portão da casa, literalmente.

Lírio reencontrou seu pai quando adulta, mas ele faleceu logo em seguida. Cuidou dele até sua morte, mas ele sempre foi um estranho para ela. Além disso, sua avó estava muito doente e veio a falecer durante a psicoterapia. Atualmente, Lírio relaciona-se cordialmente com a mãe biológica. Alega que, às vezes, sente a companheira como a mãe que não teve.

Conta que começou a ficar, aos 11 anos de idade, com uma menina. Aos 15 anos, teve sua primeira relação sexual. Refere ter beijado dois meninos em sua adolescência, o que nunca lhe chamou a atenção, agindo assim por causa do grupo de amigos: “*era uma coisa infantil*”.

Lírio conta que nunca foi fiel: “*sou infiel desde sempre*”. Relata que sua companheira a traiu no 14º ano de casamento, o que foi “*terrível*” para ela, nunca conseguindo perdoar. Relata ter sentido uma dor enorme e ainda sofre muito com isso. Apesar disso, Lírio acredita que pode trair: “*dói pra quem apanha, mas não pra quem bate*” (ri). O que a impressiona é que antigamente ela sentia culpa por trair e hoje não mais.

Durante um ano, ficou separada de sua companheira. Neste período, Lírio ficou com algumas mulheres, apaixonando-se por uma em especial. Reataram quando a sua companheira pediu que retomassem a relação, devido ao fato de Lírio ter contado um segredo de cunho negativo sobre a nova namorada da companheira.

Seus relacionamentos extraconjugais sempre foram breves, não evoluindo para um namoro. Quando a outra lhe diz estar apaixonada, sente nojo e termina. Lírio conhece pessoas nas festas que frequenta sozinha e nos *chats* da internet. Ela refere buscar alguém, “*talvez aquela paixão*” que não sente mais. Conta que é capaz de “*dar o sangue pela companheira; mas é muito mais uma amizade do que amor*”. Lírio gostaria de ter um relacionamento

paralelo que a fizesse *“suportar essa relação, pois não quero me separar”*. Porém, não gosta de estar casada.

4.2.2 Mecanismos de Defesa

Os mecanismos de defesa visam reduzir as tensões psíquicas internas (as ansiedades). Sua mobilidade é que determinará a formação da normalidade ou da psicopatologia do sujeito, refere Zimerman (1999). No caso de Lírio, foi constatada, durante as sessões, a utilização de alguns mecanismos de defesa. Por exemplo:

- Negação: *“não acho que tenha traumas... Trauminhas talvez que influenciam a minha vida hoje”*. Porém, há contradições: *“Minha adolescência foi ruim, passei fome, frio, agressão, tudo que tu possas imaginar”*. Considera a homossexualidade masculina algo nojento porque é promíscuo.

- Dissociação: tem relações sexuais com um homem, pela primeira vez, com o propósito de engravidar.

- Projeção: *“a culpa é dela de eu trair. Eu busco fora o que falta na minha relação. Ela nunca está disposta a conversar. Eu dou essa liberdade pra ela. Ela não”*. Considera que o fato de a companheira assistir televisão todas as noites é responsável pelo esfriamento da relação. Lírio culpa a mãe biológica pela morte da sua avó.

- Repressão: Lírio conta que a sua casa é um lar, e que, portanto, não costuma levar seus amigos promíscuos lá, para preservar o ambiente de crescimento do filho. Ela deseja ir embora com a amante, mas não o faz porque sabe das dificuldades financeiras que enfrentaria e as consequências que o filho sofreria com essa nova situação, como a mudança do ambiente escolar e o afastamento do convívio com a companheira; - Falha da repressão: *“antigamente eu sentia culpa por trair e atualmente não.”*

- Formação reativa: *“eu não fico braba com a minha mãe, pois, como te disse, meus avós foram meus pais”*.

- Racionalização: Lírio considera normal trair porque alega que ninguém é de ninguém: *“dói para quem apanha, mas não para quem bate”*, mas não aceita ser traída.

4.2.3 Funções do Ego

É possível dizer que, no presente momento, em relação à área Afetiva, o afeto é hipermodulado, apresentando facilidade para emocionar-se. O afeto também é inadequado,

pois ri de coisas tristes. A ambivalência é presente, mostrando sentimentos contraditórios a um mesmo objeto.

Na área Conativa, no que tange à conduta, apresenta compulsões e ambivalência. É sedutora e tem ambitendência com atos compulsivos contraditórios.

Em relação à área Intelectiva, a linguagem está sem alterações sendo, então, normolálica. A memória está preservada para fatos atuais e passados, e o pensamento é lógico. A inteligência encontra-se clinicamente dentro da média, e o juízo de realidade está preservado.

Quanto à área Senso Perceptiva, a senso percepção está sem alteração e dentro da normalidade. A atenção está preservada (normovigil), e a consciência é lúcida. É auto e alopsiquicamente orientada; orientada no tempo e no espaço.

4.2.4 Síntese das Sessões

Lírio chegou ao consultório encaminhada por uma colega da área. No início, tinha muita dificuldade para expor a sua vida e as suas emoções. Ao término das 16 sessões, Lírio estava à vontade, mais engajada no processo terapêutico. Era notável seu esforço para manter as sessões de psicoterapia, apesar das viagens constantes a trabalho e da doença de sua avó que se agravou enquanto estava em o atendimento, vindo a falecer. Evidenciava, assim, um grande investimento de sua parte e dedicação àquele espaço de escuta.

Ainda assim, era difícil estabelecer um vínculo com a terapeuta. Falar sobre sua relação com a mãe biológica durante a adolescência era particularmente doloroso, pois havia muita raiva e tristeza guardadas. Um fator que contribuiu para alavancar o trabalho terapêutico que estava sendo realizado foi a perda de sua avó materna durante a pesquisa. Como consequência, defesas que estavam sendo utilizadas por ela, tais como negação e repressão “falharam”, vindo à tona a raiva pela mãe biológica por essa não ter exercido a função materna. Acrescenta-se a isso o fato de que a doença da avó demandou cuidados tanto de Lírio como de sua mãe biológica, fazendo com que tivessem que conviver diretamente, revivendo conflitos referentes ao abandono sofridos na infância e adolescência.

Lírio fora criada por sua avó, pois a mãe a abandonara quando ela nasceu. Assim, no decorrer do processo terapêutico, era clara a dificuldade que Lírio encontrava para conseguir vincular-se às pessoas. Apesar de ser afetiva, estabelecia uma barreira de contato com as pessoas, como que um escudo protetor, para evitar o envolvimento e, conseqüentemente, o

possível risco de se fundir ou ser abandonada. Algumas vezes, durante a madrugada, escrevia emails para a terapeuta, mencionando seu sofrimento.

Na primeira entrevista, contou: *“não sou fiel, nunca fui fiel, desde que me conheço por gente não sou fiel...”*. Posteriormente, complementa: *“a personalidade das pessoas não muda”*, de alguma forma comunicando à terapeuta que ela não mudaria. No entanto, o que chama sua atenção é que antigamente sentia culpa por trair e atualmente não. Observa-se que houve uma falha na repressão, fazendo com que, neste momento, procurasse atendimento psicoterápico para uma situação que antes era constante em sua vida. Ao mesmo tempo em que se anuncia como infiel, Lírio também refere, na primeira entrevista, que a maior dor que sentiu foi descobrir-se traída, o que nunca conseguiu perdoar. Logo agrega que, ao mesmo tempo, acredita que a infidelidade não existe, pois para ela, *“ninguém é de ninguém”*.

Vê-se que seu pensamento é contraditório, denotando concomitantemente a presença da repressão e da transgressão, manifestando indícios de elementos perversos em sua personalidade. A traição também é percebida em relação a si mesma. Em alguns momentos, a traição é mencionada em relação aos seus próprios objetivos. Refere trair-se por não conseguir realizar o que almeja para a sua vida: *“esse ano quero mudar a minha vida, quero ter muito dinheiro, fazer o que quero e gosto, pensar em mim, deixar de fazer tudo certinho, parar de me trair, de deixar para amanhã o que devo fazer! Acho que sou traída por mim”*, diz.

4.2.5 Definição de Infidelidade

Lírio acredita que a infidelidade não existe, pois para ela, *“ninguém é de ninguém”*. Porém, seu pensamento é contraditório ao referir que já sentiu culpa por enganar a companheira além de não aceitar ser traída. Em alguns momentos, refere trair-se por não conseguir realizar o que almeja para a sua vida.

4.2.6 Avaliação do Teste das Relações Objetivas de Phillipson (2008)

A análise das características das relações objetivas básicas indica uma prevalência de sentimentos depressivos associados ao abandono e cuidado substituído pelos avós. Estes são percebidos como figuras presentes, porém não há uma vivência interna de calor e afeto com este cuidado. Ao contrário, a paciente percebe-se sozinha em família e com dúvidas quanto à capacidade de cuidado. Lírio utiliza-se de defesas como a projeção, identificação,

racionalização, sendo a reparação e a negação defesas mais constantes. Também, o medo de ser abandonada, a morte e, conseqüentemente, os sentimentos de desamparo são predominantes. Diante disso, o desejo de cuidado e acolhimento prevalece.

Tais considerações podem ser vistas na descrição que Lírio faz das lâminas, as quais se referem, na maioria das vezes, a experiências da infância e questões atuais. Nas lâminas de uma pessoa (A1, B1 e C1), predominam o medo e o desejo de enxergar a realidade, além do sentimento de identificação com a figura masculina. Nas lâminas de relações bipessoais (A2, B2 e C2), evidenciam-se os sentimentos de tristeza, desamparo e a conseqüente necessidade de cuidado. Nas lâminas de três pessoas (A3, B3 e C3), prevalecem os sentimento de solidão, e novamente o desamparo e a tristeza. A culpa também aparece. Nas lâminas de grupo (AG, BG e CG), predominam a esperança e a projeção de sonhos e expectativas quanto ao futuro, no que se refere a sua vida pessoal e profissional. Na lâmina em branco (13), apresenta a esperança e o desejo de reparação no futuro.

Assim, é possível compreender que o enfrentamento da perda real da avó traz à tona sentimentos primitivos de abandono, raiva e ódio dirigidos à mãe biológica. Esta não fez a função materna, abandonando a filha aos cuidados da avó e de outros. Lírio, por sua vez, precisa desenvolver recursos internos de ego que a façam superar tais falhas no relacionamento e, para isso, utiliza-se das defesas de projeção e paranóia. Sempre muito desconfiada, protege-se do mundo e das relações nas quais tenha que se envolver de forma mais íntima e profunda. No entanto, esforça-se para manter vínculos profissionais, familiares, sociais e conjugais. A projeção usada com a função de depositar no outro suas próprias dificuldades, também serve como identificação projetiva, pela qual se espelha em outros para atingir seus ideais. Esta situação pode ser exemplificada através da relação que estabelecia com o avô: observava que ele, mesmo cego, era capaz de exercer atividades, servindo como fonte de inspiração para que ela nunca desistisse de suas aspirações.

Com relação aos aspectos interrelacionais, a preocupação evidente é com o vínculo romântico e a dúvida na manutenção destas relações amorosas face ao temor de traição. Entretanto, a traição é um conflito ambíguo, pois ela não se percebe somente como vítima, mas, também, como agressora em relação ao objeto de amor. Lírio frustra-se rapidamente com este objeto, caso ele não realize seus desejos imediatos, o que remete à fase inicial mais primitiva do ser humano. Além disso, o temor de ser invadida e, assim, fusionar-se com o objeto, gerando a perda da sua identidade, faz com que evite ter uma relação de maior intimidade. Por conseqüência, desqualifica o objeto de amor, sendo-lhe infiel e, portanto, incapaz de estabelecer uma relação mais íntima.

Paralelo a isso, Lírio percebe o mundo e os seus relacionamentos de forma ambivalente. Ora acredita e deseja uma união estável, tranquila, ora desconfia que isso possa realmente ocorrer, já que espera e projeta no outro a sua própria felicidade. Caso haja uma dificuldade, recorre a outro objeto de amor para não se sentir abandonada, repetindo a história de sua adolescência, quando – abandonada pela mãe – foi morar com uma mulher mais velha que acabou maltratando-a.

Diante de tudo isso, cabe dizer que Lírio ainda tem ambições, é esperançosa e otimista, conseguindo estabelecer metas para o seu futuro e de sua família. A partir disso, é estudiosa e trabalha muito, desejando solidificar uma carreira profissional. Além disso, exerce a função materna, amando e cuidando de seu filho, para que ele possa desenvolver-se como homem, além de não seguir a mesma orientação sexual dela, seu maior temor. Quanto ao relacionamento conjugal, ainda aposta em sua união.

4.2.7 Vínculos e Representação Edípica

Podemos auferir que Lírio não pode realizar a troca de objeto de desejo porque sua mãe ficou internalizada de forma ausente, e não pode servir como um modelo de identificação, como ideal de mulher para Lírio. Por consequência, Lírio faz uma escolha objetual homossexual. Entretanto, ela encontra em sua avó uma figura que representa a função materna, servindo como modelo identificatório de mãe. Dessa maneira, Lírio é uma mãe zelosa, cuidadora e carinhosa com seu filho, mas que encontra dificuldade para permitir o seu crescimento e sua independização. Isso a ameaça, ao trazer à tona sentimentos de perdas e separações abruptas de sua vida.

Em relação à figura paterna, Lírio encontra no avô paterno uma figura de otimismo e perseverança, pois, apesar de ser cego, ele sempre buscou a felicidade. Já na figura paterna, há total desconhecimento consciente do que ele representa. Logo, considerando os aspectos levantados, pode-se dizer que Lírio ainda enfrenta conflitos importantes relativos à fase pré-edípica.

Tanto a figura materna como a paterna, que deveriam ser seus modelos identificatórios, foram internalizadas como objetos abandonantes, incapazes de exercer a proteção e cuidado. É possível identificar que Lírio envolveu-se com uma mulher logo após a morte do avô, momento em que tanto a avó como a mãe não puderam cuidá-la. Sem saber o que fazer, Lírio encontrou em uma estranha, em um primeiro momento, o acolhimento e,

posteriormente, o maltrato. Parece que Lírio careceu de um olhar e um cuidado maternos, e encontrou em uma outra figura feminina a possibilidade de tal olhar.

Lírio não consegue elaborar o processo de luto relacionado ao crescimento e à independização, na qual o indivíduo torna-se capaz de receber e dar afeto e, assim, torna-se difícil constituir um relacionamento amoroso estável, baseado na capacidade de identificação, resultando em ternura, preocupação e empatia com o objeto de amor. Lírio esforça-se para manter o casamento e principalmente o lar que construiu, este que lhe oferece o amparo que faltou na infância por parte de seus pais biológicos. No entanto, trai a companheira e a culpa por isso, preferindo projetar suas angústias e responsabilidades pelos conflitos da relação, a ter que pensar sobre isso de forma madura.

É possível, assim, levantar a hipótese de que, se a companheira faz a função materna como ela refere, a agressão que deveria ser destinada à sua mãe biológica, esta deslocada para a companheira. Assim, vincular-se com alguém de forma profunda e íntima, bem como vincular-se à psicoterapia, pode em sua fantasia, transmitir a ideia de “fusão”, de perda de identidade. Como consequência, insere um terceiro nos relacionamentos, como uma amante ou um computador, deixando as relações se tornarem fugazes. Neste sentido, as traições de Lírio têm o objetivo de evitar o vínculo que pode se tornar danoso na medida em que ela pode perder a própria identidade. Também, há um prazer em introduzir um terceiro na relação, pois assim provoca angústia, ciúmes e desconfiança na outra, sentimentos estes que vivia em sua infância em relação aos seus pais.

4.3 DISCUSSÃO PARCIAL DO CASO II – AZALÉIA

4.3.1 História de Vida

Azaléia é uma mulher de 54 anos, dona de casa, com Ensino Médio completo. Está casada há 24 anos com um homem com a qual tem uma filha de 21 anos. Volta a estudar com o incentivo da filha. Busca tratamento por ter traído o marido e não saber se deseja continuar casada, além de sentir-se confusa: “*não sei mais quem sou*”.

Em relação à infância, Azaléia conta que, quando nasceu seu irmão, ela se sentiu preterida, pois a mãe tratava melhor seus irmãos. A mãe nunca lhe dava presentes e batia nela. Algumas vezes, tentou agir e se vestir como os irmãos para agradá-la. Refere que sempre cuidou da mãe, criando certa dependência. Nos últimos meses, sua mãe pediu-lhe perdão por todo o mal que lhe fez durante a infância.

Por sua vez, o pai de Azaléia sempre a tratou bem, mimando-a com carinhos e presentes. Conta com muita alegria que sempre o esperava na parada do ônibus para brincarem e conversarem.

Durante a adolescência (período este que Azaléia refere não ter tido), seu pai, que era motorista, gastava dinheiro com outras mulheres, desaparecendo por dias. Ele engravidou outra mulher quando a mãe de Azaléia estava grávida do terceiro filho. Conseqüentemente, sua mãe se deprimia, e Azaléia restringia sua vida aos cuidados com a mãe. Conta que também se sentia traída pelo pai, tendo em vista que, ao magoar a mãe, ela acabava sofrendo junto. Lembra uma única vez com tristeza do pai por tê-la renegado diante de uma moça que estava paquerando.

Aos 19 anos de idade, casou-se com um homem, por nove anos, com quem tem uma filha de 31 anos. Decidiu morar com ele porque havia tido uma decepção amorosa com seu ex-namorado que a traiu. Agrava-se a isso o fato de que, nesta época, seus pais se separaram e, ainda que Azaléia incentivasse a mãe a refazer sua vida com um novo companheiro, preferiu afastar-se deles. Refere ter ficado casada com este homem por ele ter sido um pai para ela, cuidando-a e protegendo-a, além do fato de a mãe recriminá-la, caso se separasse. Seu casamento acabou porque ele foi preso devido a negócios escusos.

Azaléia lembra que estava infeliz e voltou, então, a morar com a mãe. Porém, como a convivência era ruim, Azaléia teve forte depressão e necessitou fazer um tratamento psiquiátrico, pois passava os dias imaginando como se mataria, chegando até a tomar algumas medicações por conta própria. Após melhorar, voltou a sair e reencontrou um conhecido, hoje seu atual marido, que, na época, também havia se separado. Azaléia contrariou a proibição da mãe de que não namoraria alguém sendo recém-separada, e foi morar com este homem.

Azaléia conta que, nos dois primeiros anos, o marido era muito ciumento e fantasiava situações. Houve um momento em que se separou dele, mas como as palavras da mãe tinham muito peso e esta dizia que era melhor ter alguém do que ficar sozinha, decidiu voltar para ele. Foi traída por um ano e, após esse período de turbulências, refere que se tornaram ótimos companheiros, ficando íntimos e felizes. Porém, há dez anos perdeu o amor por ele.

Há um ano, seu pai faleceu de infarto, aos 76 anos de idade. Na época, morava em outra cidade e, por sentir-se angustiada, decidiu voltar a sua cidade natal e fazer uma surpresa ao pai. Porém, logo que chegou, recebeu um telefonema do irmão, que lhe disse: *“tenho uma coisa pra te falar: o pai morreu, mas não fala para a mãe, que ela tem pressão alta”*. Azaléia sentiu uma dor muito forte e correu para a mãe: *“quase matei a mãe. Mas eu precisava contar”*. Azaléia entrou em um estado de profunda tristeza, desânimo e dor. Após a morte

dele, foi um dia até a sua casa e ficou sentada na cozinha, imaginando como teria sido. Posteriormente, pegou a pochete do pai e a colocou, coincidentemente passando a se vestir de forma mais masculina a ponto de as pessoas comentarem o quanto ela está parecida com o pai agora, pois antes era parecida com a mãe.

Também há um ano, fez uma amizade com uma mulher, casada e mãe de um adolescente de 13 anos. Elas e seus esposos costumavam sair juntos, até que ela percebeu que sentia ciúmes de ver a amiga trocando carinhos com o marido: *“senti nojo”*. Um dia, ela escreveu na internet para a amiga: *“estou apaixonada por ti”*. Esta respondeu-lhe que sentia o mesmo. A partir daí, começaram a ter um caso. Azaléia nunca havia traído ninguém e, agora, traía o esposo, sentindo-se muito mal e angustiada com isso: *“eu não queria trair. Parece que estou vivendo uma vida dupla”*.

Por sentir-se culpada, compartilhou o fato, primeiramente, com sua filha mais velha, que aceitou e disse para a mãe buscar a sua felicidade. Sua mãe, 72 anos, estranhou e pediu um tempo para assimilar. Já o esposo não aceitou o fato, mas deseja continuar casado. A filha mais nova, apesar de já ter tido envolvimento com meninas, estranhou.

Azaléia não se imagina vivendo sem a amante. Apesar de não terem muita atividade sexual, refere haver muito carinho entre elas. Houve um momento em que Azaléia desejou viver essa paixão com a companheira em outro lugar, mas esta hesitou por causa do filho, frustrando profundamente Azaléia, de modo que novamente sentiu desejo de morrer.

Ela sente-se cansada de levar essa vida dupla e que queria que sua vida voltasse a ser como era antes.

4.3.2 Mecanismos de Defesa

No caso de Azaléia, observam-se alguns mecanismos de defesa, tais como:

- Negação: Azaléia não aceita a morte do pai e recorre à religião espírita, mais especificamente aos trabalhos de psicografia, com o intuito de reencontrar o pai.

- Dissociação: Azaléia, às vezes, não sabe se é mulher ou se é homem. Passa a se vestir como homem após a morte do pai e adota comportamentos masculinos: *“Parece que estou vivendo uma vida dupla”*. Ela só tem lembranças boas do pai e não da mãe.

- Projeção: Azaléia culpa a mãe pelo fato de o pai sair de casa e procurar outras mulheres. *“Não segurou porque era uma Amélia, porque, se ela tivesse sido mulher, ela tinha segurado”*. Azaléia projeta-se na terapeuta, vendo-se como alguém muito jovem a ponto de recomeçar.

- Identificação introjetiva: Azaléia possui profunda identificação com a figura masculina paterna, tanto que adota seus trejeitos após a morte dele.

- Regressão: Azaléia identifica-se com o pai e, assim, regride em seu desenvolvimento: *“estou confusa, não sei mais quem sou”*.

- Repressão: Azaléia sente culpa e vergonha por trair: *“Eu não queria trair, não acho certo, é um sofrimento”*.

- Formação reativa: *“o meu pai foi muito sacana com a minha mãe, mas ele a amava, sempre a amou”*. Por temer a rejeição, Azaléia sempre concorda com as pessoas, ainda que pense de forma diferente.

- Racionalização: Azaléia sente vergonha por sentir *“nostalgia”* pela morte do pai, enquanto há pessoas no mundo passando por desgraças como enchentes, por exemplo.

4.3.3 Funções do Ego

No presente momento, é possível dizer que, em relação à área afetiva, Azaléia demonstra ter afeto ambivalente caracterizado por sentimentos contraditórios a um mesmo objeto. Teve depressão (chegou deprimida) e apresenta confusão quanto a saber sua identidade de gênero.

Na área Conativa, sua conduta é ambivalente, tem insônia e é sedutora (tenta ser agradável com todos, concordando sempre). É regressiva ao querer agir como uma adolescente e teve uma tentativa de suicídio com medicação aos 19 anos de idade.

Na área Intelectiva, a linguagem encontra-se sem alterações (normolalia). A memória está preservada para fatos atuais e passados, mas refere ter *déjà vu*, às vezes. O pensamento é lógico, mas apresenta pensamento mágico sobre o mundo espiritual.

No que tange à área Senso Perceptiva, a atenção está preservada (normovigil). A senso percepção não apresenta alterações, estando dentro da normalidade. Está auto e alopsiquicamente orientada; orientada no tempo e no espaço. No entanto, ainda que a consciência seja lúcida, é confusa quanto a sua identidade de gênero e sexual.

Quanto à inteligência, encontra-se clinicamente dentro da média. O juízo de realidade é preservado, na medida em que tem um funcionamento neurótico, porém apresenta falhas quando se expõe ao contar impulsivamente a todos que é lésbica e que tem um caso extraconjugal, denotando um descontrole e uma perda do juízo crítico.

4.3.4 Síntese das Sessões

Já na primeira entrevista, referindo-se ao seu casamento, Azaléia afirma que não ama mais o seu marido há 10 anos. Conta que foi apaixonada por ele, o amou, mas há dez anos os defeitos apareceram, e ela começou a perder a admiração: *“o véu caiu. Sabe aquela coisa que diz que, quando se ama, não se vê os defeitos? Eu era assim. Depois comecei a ver e perdi a admiração, porque ele era um homem que eu admirava muito”*. Também fala da culpa que sentia por ter traído e afirma: *“se meu pai fosse vivo, jamais teria coragem de fazer o que eu fiz. Sabe como é, a menina do pai, aquelas coisas. Eu era a menina do pai”*.

Azaléia refere o quanto tem medo de deixar o marido e ele rejeitá-la. Ela tem muito medo de ser rejeitada pelas pessoas. Durante as sessões de psicoterapia breve, percebia-se o quanto era difícil para ela discordar da terapeuta. Mais ao final do tratamento, ela consegue expor, pela primeira vez, que, em alguns momentos, concordou porque temia que a terapeuta deixasse de gostar dela, mas que hoje, pela primeira vez em sua vida, conseguia falar isso para alguém e assumir seus atos.

Falamos da pressão que ela fica ao ter que falar somente o que os outros querem ouvir. Até hoje ela sente necessidade de agradar o irmão (que se parece com o pai). Porém, ao falar que gosta de mulher, não se importa com o preconceito e até se sente envaidecida, porque muitas pessoas a procuram por se sentirem ansiosas, mesmo que alguns tenham se afastado dela.

Após a aplicação do teste, Azaléia disse perceber que teve muito mais momentos tristes do que felizes em sua vida, que até os 15 anos foi bom, mas que dos 12 aos 19 anos foi *um inferno*, período no qual os pais dela se separaram.

Alguns meses depois, Azaléia procura a terapeuta para contar que, apesar de não vir mais à terapia, se autoanalisa. Agradece a oportunidade e refere: *“fazer terapia abriu uma janela em minha vida”*. Azaléia está separada, mas mantém uma amizade com o ex-marido que ainda lhe ajuda pagar algumas contas, estas que estão em dia. Porém, ela está trabalhando e sendo *“dona de si”*. Refere que chegou fragilizada na terapia e que hoje se sente mais segura. Além disso, sente-se melhor por ter parado de trair o marido, pois o que ela quer é alguém com quem ela possa ter liberdade – o que nunca teve – e que esse alguém confie nela, pois ela não quer trair. *“Quero cuidar de mim, coisa que não fiz até hoje, sempre em volta dos outros”*.

4.3.5 Definição de Infidelidade

Azaléia não acha correto trair e sente-se culpada inicialmente. Refere que, se o pai fosse vivo, jamais teria coragem de fazer o que fez. “*Sabe como é, a menina do pai, aquelas coisas. Eu era a menina do pai*”. Além disso, considera uma atitude desleal.

Azaléia pensa que os homens toleram mais a traição quando ocorre com outra mulher, ao invés de um homem. Para Azaléia, amar alguém é quando não se consegue viver sem a pessoa. Porém, acha que nunca sentiu isso por alguém.

4.3.6 Avaliação do Teste das Relações Objetais de Herbert Phillipson (2008)

As lâminas do TRO (Phillipson, 2008) provocaram uma mobilização intensa em Azaléia. O conteúdo das narrativas centrou-se praticamente em relatos de perdas, separações e abandonos, associados a afetos de tristeza, desamparo, solidão e temor de perda do objeto. Já na lâmina 1-A1), evidencia-se a tristeza que sente por ter se separado do pai em dois momentos de sua vida: na infância e quando ele saiu de casa, fazendo-a sentir-se rejeitada e abandonada (lâmina 8-A3). Tais sentimentos provocaram-lhe o temor à reparação e a consequente perda do objeto de amor, sendo isso reconfirmado com a morte dele há um ano (lâminas 5-AG e 11-C2). Azaléia sente profundamente a perda do pai e revive os conflitos infantis (lâminas 4-B3, 8-A3, 11-C2 e 12-C1). Agora deseja separar-se do marido (lâminas 12-C1, 13), ainda que se sinta desorientada e com temor diante das incertezas do futuro (lâminas 3-C3 e 13).

Fica clara a necessidade que ela tem de estabelecer vínculos de união que possam servir como esforços reparatórios para a sua dor, podendo assim viver tranquilamente sem sentir-se vazia. Porém, Azaléia utiliza-se da projeção e da fantasia de que reencontrará o pai recuperando o que foi perdido (lâminas 6-B1, 9-B2 e 10-BG) e, para isso, recorre à religião espírita como forma de conservá-lo vivo. Diante disso, percebe-se presa ao passado (lâmina 7-CG) e perdida (lâmina 3-C3), procurando uma forma de reencontrar sua verdadeira identidade. Só assim poderá construir vínculos significativos que lhe propiciem amparo e acolhimento. Pode-se inferir que o abandono do pai foi a maior traição que poderia ter sofrido.

Considerando os dados obtidos no TRO (Phillipson, 2008), evidencia-se a tristeza que Azaléia sente por ter se separado de seu pai. Azaléia não consegue fazer o luto pela morte dele, sofrendo intensamente, de modo a guardar o objeto morto dentro de si. Na tentativa de

sobreviver à dor da perda, Azaléia utiliza-se da projeção e da fantasia para reencontrar o pai e, assim, poder recuperar o que foi perdido. Esta situação pode ser vista no fato dela procurar a religião espírita como forma de preservá-lo da morte, da própria dor e do sentimento de impotência. Diante disso, não consegue enterrar o pai dentro dela, permanecendo presa ao passado e perda quanto a sua identidade, dificultando a construção de vínculos significativos que lhe propiciem amparo e acolhimento.

Pode-se inferir que o abandono do pai foi a maior traição que poderia ter sofrido.

4.3.7 Vínculos e Representação Edípica

Azaléia sempre apresentou dificuldades em relação à sua identidade de gênero. Já na infância, não gostava de se vestir com roupas de menina, como ela diz. Por vezes, tinha atitudes mais rudes, masculinas. Em raros momentos, olhou para alguma mulher de forma diferente. No entanto, não fica claro para ela qual o tipo de olhar que ela lançou. Às vezes, achou uma mulher bonita, outras a admirou. De fato, ao se pensar que Azaléia tinha dificuldades de relacionamento com a mãe – já que esta não pode oferecer-se como espelho a ela – é possível pensar que essa busca pelo mundo feminino estava relacionada à busca da construção de sua própria identidade pessoal. Assim, na vida adulta, quando Azaléia perdeu o pai, ela volta a vestir-se com forma e atitudes masculinas, inclusive com as roupas dele.

Azaléia nunca admirou a mãe talvez porque essa nunca pode fazer uma função especular para ela, acolhê-la e servir como modelo de mulher. Além disso, Azaléia nunca conseguiu se constituir como mulher inteiramente e se separar de sua mãe. Refere que as palavras da mãe têm muito peso, o que a fez tomar atitudes muitas vezes impulsivas, seja para agredir ou agradar a mãe.

Com a morte do pai, Azaléia perde a referência paterna e masculina, pois o pai está fusionado com ela, ou seja, uma parte de si estava projetada nele, ficando assim sem bases constitutivas para suportar a sua identidade. Provavelmente, Azaléia sente-se desamparada por não possuir recursos de ego internos capazes de ajudá-la a lidar com perdas. Assim, há um fragmento psicótico da personalidade, pois ela faz uma cisão da personalidade ao se identificar com o objeto perdido, o pai morto, adotando a identidade dele como forma de conservá-lo vivo. *“Parece que estou vivendo uma coisa dupla... estou confusa, não sei mais quem sou”*. É importante lembrar que, nas situações de extrema frustração, Azaléia tem desejo de morrer, o que confirma a ideia do vazio existente dentro dela.

Diante disso, o comportamento infiel que Azaléia adota configura-se por uma questão traumática, por identificar-se com o objeto morto e fazer uma defesa maníaca. O pai morreu, mas vive dentro dela simbolicamente; sendo ele, se consola por sua morte.

Por estar identificada com o pai, Azaléia atrapalha-se com sua escolha objetual, ficando na dúvida se gosta de homens ou mulheres. A participante teve dois casamentos com homens mais velhos que prometeram protegê-la, cuidá-la e tirá-la de casa, ocupando o lugar de seu pai. Constrói, assim, seu casamento sobre a antiga relação que tinha com a mãe, que a hostilizava em detrimento do pai. Azaléia amava muito seu pai e nega o mal que ele lhe causou quando enganou a mãe e a abandonou, deixando que ela arcasse com os cuidados em relação à depressão da mãe. Nunca referiu sentir raiva (consciente) do pai, porém guarda rancor e mágoa da mãe que não foi capaz de enfrentar a situação e protegê-la, além de não ter conseguido manter o pai ao lado delas.

Ademais, Azaléia sempre sentiu muito ciúmes em relação aos irmãos mais velhos, pois sua mãe sempre os protegia e dizia que seu irmão mais velho era inteligente, fazendo-a sentir-se preterida. Confessa que sentia certo alívio e prazer quando pai os agredia fisicamente; afinal, ela nunca apanhou do pai por ser “*a filhinha do papai*”.

Cabe dizer que Azaléia sentiu prazer ao contar para a mãe que tinha uma relação fora do casamento e, ainda por cima, com uma mulher. Foi uma forma de desafiá-la, mostrando que não é tão dependente da mãe, além de agredir os seus valores. Foi talvez uma maneira de vingar-se do passado, quando teve que abrir mão de vivenciar a adolescência para cuidar da mãe deprimida. No entanto, ainda necessitou da autorização da mãe para viver esse suposto amor. Esta lhe pediu um tempo para assimilar tudo e lhe garantiu que não deixaria de amá-la por causa disso, surpreendendo Azaléia. Dessa forma, Azaléia não foi punida por seu ato contraventor, aumentando o seu sentimento de culpa em relação ao marido e ao pai morto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos discutidos acima, observa-se que definir o conceito de infidelidade constitui-se em um processo árduo e que requer extenso estudo acerca da literatura científica, tendo em vista as diferentes abordagens que pode ter. Assim, foi necessário percorrer os constructos teóricos das áreas como Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia, Psiquiatria, Saúde, Psicologia, entre outros, além de questões relativas às concepções sobre o amor romântico e a sexualidade na contemporaneidade.

Espera-se, com isso, mostrar ao leitor como foi pensado e elaborado o projeto inicial desta dissertação, para quem, a partir daí, fosse possível aprofundar a sua teoria e, posteriormente, construir a metodologia utilizada.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, C., Grassano, E., Rossini, S., & Reimão, R. (2007). O Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO) em pacientes com narcolepsia. *Mudanças*, 15, 48-58.
- Botella, C., & Botella, S. (2003). A pesquisa em psicanálise. Em A. Green (Org.) & A. Cabral et al. (Trad.) *Psicanálise contemporânea: (N. Esp.) Revista Francesa de Psicanálise*(pp. 421-442). Rio de Janeiro: Imago.
- Braier, E. A. (2008). *Psicoterapia breve de orientação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eizirik, C. L. (2001). Psicanálise e universidade: pesquisa. *Revista de Psicologia da USP*, 12(2), 221-228.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 171-172.
- Freud, S. *Cartas a Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Coléción Psicología y Psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu.
- Guimarães, R. M., & Bento, V. E. S. (2008). O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, 39(1), 91-99.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138.
- Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Josephs, L. (2006). The impulse to infidelity and oedipal splitting. *International Journal of Psychoanalysis*, 87, 423-437.
- Mitchell, L. (2000). Attachment to the missing object: infidelity and obsessive love. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 2, 383-395.
- Phillipson, H. (2008). *Test de RelacionesObjetales*. Buenos Aires: Paidós.
- Ramires, V. R. R., & Benetti, S. P. C. (2008). Pesquisa-intervenção na Clínica Psicológica da Infância e da Adolescência. Em L. R. Castro & V. L. Besset (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 587-613). Rio de Janeiro: Nau.
- Silva, J. V. V., Rosa, J. T., Paegle, I. C., Braunholz, M. A. S., & Bolgar, M. F. (2004). Contribuições do Teste de Relações Objetais de Phillipson para o diagnóstico do funcionamento mental de pacientes com transtorno de pânico. *Psic*, 5(1), 48-65.

Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa-definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108.

Zimerman, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PALAVRAS FINAIS

“A prova primeira da existência é ocupar o espaço”.
(Le Corbusier, arquiteto, 1887-1965)

Realizar uma pesquisa teórico-clínica de forma aprofundada foi muito enriquecedor, pois constituiu um processo de extensa dedicação e disciplina. Desde o processo inicial de pesquisa acerca do tema, do levantamento de referências, até a escrita da teoria com a junção da prática clínica, a pesquisa incluiu a elaboração de novos conceitos, o que possibilitou um crescimento no campo pessoal e profissional.

Iniciamos o processo de desenvolvimento da dissertação com a proposta de compreender a infidelidade conjugal sob a perspectiva psicanalítica, aprofundando o estudo sobre o comportamento infiel crônico. Partimos do princípio de que os vínculos conjugais se dariam em uma configuração tradicional de casais heterossexuais com predominância de sujeitos do sexo masculino. No entanto, fomos surpreendidas pelo fato de a procura ser feminina e com características de casos extraconjugais com sujeitos do mesmo gênero. Desta forma, nosso trabalho tornou-se mais desafiador, ampliando a perspectiva de estudo da infidelidade conjugal para a homossexualidade, e necessitando, assim, estudar uma vasta literatura para compreendermos os fenômenos estudados.

Tendo em vista que analisamos dois estudos de caso nesta dissertação, percebemos que tal assunto requer novos olhares, pois não se esgotam as possibilidades de análise compreensiva do material. É necessária a ampliação de estudos baseados no referencial psicanalítico. Para tanto, sugerimos investigações acerca das questões relacionadas à violência conjugal e crimes passionais, à internet, ao comportamento amoroso de filhos oriundos de relacionamentos extraconjugais, além de situações envolvendo o parceiro traído, como o sofrimento psíquico e o suicídio.

Trata-se de um assunto gerador de ansiedade e que, costumeiramente, é abordado nas artes, no cinema, na literatura, o que talvez indique uma tentativa de elaboração desses sentimentos. Assim, pensamos que também pode ser foco da compreensão científica, devendo ser amplamente estudado, afinal, já em 1910, Freud (1996) mencionou que a ciência deveria tentar compreender o amor humano e suas vicissitudes.

É por isso que tomo emprestadas de Freud as palavras que finalizam este trabalho:

Torna-se, pois, inevitável que a ciência deva, também, se preocupar com as mesmas matérias, cujo tratamento, pelos artistas, há milhares de anos, vive deleitando tanto a

humanidade, muito embora seu trato seja mais tosco e propicie menos prazer... Essas observações, esperamos, servirão para nos justificar, de modo amplo, o tratamento estritamente científico que damos ao campo do amor humano. A ciência é, afinal, a renúncia mais completa ao princípio do prazer de que é capaz nossa atividade mental. (Freud, 1910/1996, p. 171)

REFERÊNCIAS

- Ahlburg, D. A., Jansen, E. R., & Perez, A. E. (1997). Determinants of extramarital sex in the Philippines. *Health Transition Review*, 7, 467-479.
- Alcântara, C., Grassano, E., Rossini, S., & Reimão, R. (2007). O Teste das Relações Objetais de Phillipson (TRO) em pacientes com narcolepsia. *Mudanças*, 15, 48-58.
- Allen, E. S., & Baucom D. H. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, 43(4), 467-488.
- Allen, E. S., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J., Williams, T., Melton, J., & Clements, M. L. (2008). Premarital precursors of marital infidelity. *Family Process*, 47(2), 243-259.
- Altman, L. L. (1977). Some vicissitudes of love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25(1), 35-52.
- Aratangy, L. R. (2007). *O anel que tu me deste: o casamento no divã*. São Paulo: Artemeios.
- Arent, M. (2009). (In) fidelidade feminina: entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, 21(1), 153-167.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Braier, E. A. (2008). *Psicoterapia breve de orientação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Botella, C., & Botella, S. (2003). A pesquisa em psicanálise. Em A. Green (Org.) & A. Cabral et al. (Trad.) *Psicanálise contemporânea: (N. Esp.) Revista Francesa de Psicanálise* (pp. 421-442). Rio de Janeiro: Imago.
- Brasil. *Código Penal Brasileiro*. (s.d.). Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Recuperado em Junho 20, 2009 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research Personality*, 31, 193-221.
- Ceccarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Bagoas estudos gays, gêneros e sexualidades*, 2(2), 71-93.
- Colaiacovo, D., Foks, S., Prátula, A. I., & Cababié, M. D. (2007). Intimidad, fantasías, sueños: su relación con la infidelidad en el vínculo de pareja. Em S. L. Moscona (Org.).

- Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos*(pp. 43-46). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Costa, G. P. (2006). *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Druckerman, P. (2009). *Na ponta da língua: as linguagens do adultério do Japão aos EUA*. Rio de Janeiro: Record.
- Eizirik, C. L. (2001). Psicanálise e universidade: pesquisa. *Revista de Psicologia da USP*, 12(2), 221-228.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 171-172.
- Ferreira, A. B. H. (2008). *Aurélio: Dicionário de língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Foucault, M. (1926/1984). *História da sexualidade: Vol. 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edição Graal.
- Freud, S. (1996). Rascunho E. Como se origina a angústia. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 1, pp. 235-241). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (1996). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 167-180). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – 1912 (Contribuições à Psicologia do Amor II). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 11, pp. 181-195). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 12, pp. 123-133). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).

- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I). Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 12, pp. 137-158). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia do grupo e análise do ego. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (1996). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 18, pp. 235-247). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1922).
- Freud, S. (1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 155-161). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 191-209). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 19, pp. 273-296). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 21, pp. 67-110). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

- Freud, S. (1996). Sexualidade feminina. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 21, pp. 231-251). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. Em J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. (Vol. 23, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Gamboa, L. V. (1998). Historia de la sexualidad. *Revista Biomedica*, 9, 116-121.
- Goldenberg, M. (2006). *Infiel*: notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record.
- Guimarães, R. M. & Bento, V. E. S. (2008). O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, 39(1), 91-99.
- Halperin, C. A. (2004). Paixão na adolescência. Em R. B. Graña & A. B. S. Piva (Orgs.), *Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal estar na juventude contemporânea* (pp. 59-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hooker, E. (1972). *Homosexuality, Department of Health, Education and Welfare* (pp. 11-22). Washington DC: GPO.
- Hunyady, O., Josephs, L., & Jost, J. T. (2008). Priming the primal scene: betrayal trauma, narcissism, and attitudes toward sexual infidelity. *Self and Identity*, 7(3), 278-294.
- Hurlbert, D. F. (1992). Factors influencing a woman’s decision to end and extramarital sexual relationship. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 18(2), 104-113.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisapsicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138.
- Josephs, L. (2006). The impulse to infidelity and oedipal splitting. *The International Journal of Psycho-analysis*, 87(2), 423-437.
- Josephs, L., & Shimberg, J. (2010). The dynamics of sexual fidelity. Personality style as a reproductive strategy. *Psychoanalytic Psychology*, 27, 273-295.
- Kaplan, H. I. (1997). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. F. (1995a). *Agressão dos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. F. (1995b). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lejarraga, A. L. (2002). *Paixão e ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- Levine, S. B. (1998). Extramarital sexual affairs. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 24(3), 207-216.

- Lewandowski, G. W. Jr., & Ackerman, R. A. (2006). Something's missing: need fulfillment and self-expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology, 146*(4), 389-403.
- Linguist, L., & Negy, C. (2005). Maximizing the experiences of an extrarelational affair: an unconventional approach to a common social convention. *Journal of Clinical Psychology, 61*(11), 1421-1428.
- Lopes, R. G., & Vasconcellos S. (2008). Implicações da teoria da evolução para a psicologia: a perspectiva da psicologia evolucionista. *Estudos de Psicologia, 25*(1), 123-130.
- Matarazzo, M. H. (1989). Os mitos da revolução sexual. *Reprodução, 4*, 22-24.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment Security in Couple Relationships: A Systemic Model and Its Implications for Family Dynamics. *Family Process, 41*, 405-434.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma explicação psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mitchell, L. (2000). Attachment to the missing object: infidelity and obsessive love. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies, 2*(4), 383-395.
- Monteiro, T. F., & Cardoso, L. S. (2008). Casa, do latim, acasalamento: a casa como metáfora para a capacidade de intimidade. Em J. Outeiral & L. Moura & S. M. V. Santos (Orgs.). *Adulterar: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. (pp. 161-176). Rio de Janeiro: Revinter.
- Moscona, S. L. de. (2007). ¡Quiero saber la verdad! ¿Quiero? Em S. L. Moscona (Org.). *Infidelidades en la pareja: amor, fantasmas, verdades, secretos*. (pp. 19-42). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Olson, M. M., Russell, C. S., Higgins-Kessler, M, & Miller, R. B. (2002). Emotional processes following disclosure of an extramarital affair. *Journal of Marital Family Therapy, 28*, 423-434.
- Phillipson, H. (2008). *Test de Relaciones Objetales*. Buenos Aires: Paidós.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramires, V. R. R., & Benetti, S. P. C. (2008). Pesquisa intervenção na clínica psicológica da infância e da adolescência. Em L. R. Castro & V. L. Besset. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 587-613). Rio de Janeiro: Nau.
- Rios, I. C. (2008). O amor nos tempos de Narciso. *Interface: comunicação, saúde, educação, 12*, 421-426.
- Scabello E. H. (2006). *Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homens e mulheres*. Dissertação

- Schensul, S. L., Mekki-Berraba, A., Nastasi, B. K., Singh, R., Burteson, J. A., & Bojko, M. (2006). Men's extramarital sex, marital relationships and sexual risk in urban poor communities in India. *Journal Urban Health*, 83(4), 614-624.
- Schmookler, T., & Bursik, K. (2007). The value of monogamy in emerging adulthood: a gendered perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(6), 819-835.
- Shaver, P. R. & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality*, 39, 22-45.
- Silva, J. V. V., Rosa, J. T., Paegle, I. C., Braunholz, M. A. S., & Bolgar, M. F. (2004). Contribuições do Teste de Relações Objetivas de Phillipson para o diagnóstico do funcionamento mental de pacientes com transtorno de pânico. *Psic*, 5(1), 48-65.
- Smith, D. J. (2007). Modern marriage, men's extramarital sex, and HIV risk in Southeastern Nigeria. *American Journal of Public Health*, 97(6), 997-1005.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stubrin, J. P. (1998). A psicanálise e as homossexualidades. Em R. Graña. *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa-definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108.
- Vandello, J. A., & Cohen, D. (2003). Male honor and female fidelity: implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(5), 997-1010.
- Vieira, L. L. F. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(2), 487-525.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Whisman, M. A., & Wagers, T. P. (2005). Assessing relationship betrayals. *Journal Clinical Psychology*, 61(11), 1383-1391.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 320-324.
- Whisman, M. A., & Sneyder, D. K. (2007). Sexual infidelity in a National Survey of American women: differences in prevalence and correlates as a function of method of assessment. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 147-154.
- Whitty, M. T., & Quigley, L. L. (2008). Emotional and sexual infidelity offline and in cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4), 461-468.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estamos realizando um estudo sobre os comportamentos amorosos e os conflitos conjugais daí derivados, com o objetivo de melhor compreender e qualificar o atendimento psicoterápico oferecido a pacientes nestas situações. Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pela mestranda Michele Melo Reghelin.

Gostaríamos de convidá-lo a participar deste trabalho que consistirá na realização de entrevistas individuais e aplicação de um teste psicológico, o qual será devidamente explicado. Além disto, nome e informações pessoais não serão identificados, mantendo-se o caráter confidencial das informações registradas.

Sua participação nesse estudo é voluntária e não há ônus financeiro. Portanto, você poderá interromper a qualquer momento, caso desista de continuar participando e esse abandono não implicará danos ou prejuízos. Ademais, você poderá solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo e também obter informações sobre seu resultado. Portanto, caso desejar, contate o responsável pela pesquisa, mestranda Michele Melo Reghelin CRP 07/11188 (tel: 5199550017) ou a Profa. Sílvia Pereira da Cruz Benetti (PPG Psicologia, UNISINOS, tel: 3591-1122, r: 2227). Este documento consta de duas vias assinadas, sendo que uma delas permanece em seu poder.

Para confirmar a sua participação na pesquisa, você deverá preencher as informações solicitadas abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Michele Melo Reghelin

Mestranda

Eu, _____ declaro que fui informado(a) dos objetivos e finalidades da pesquisa acima descrita, desenvolvida no Programa de Pós Graduação do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), dessa forma autorizando a minha participação.

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 17.05.20.

.....
JJP

Ass. do participante

Data: ____ de _____ de 2010.